



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE DESIGN

RAÍRA LIMA PINHEIRO

**DESIGN EDITORIAL COMO NARRATIVA PARA
REPRESENTATIVIDADE FEMININA NO CONTEXTO DA TATUAGEM**

FORTALEZA

2019

RAÍRA LIMA PINHEIRO

DESIGN EDITORIAL COMO NARRATIVA PARA REPRESENTATIVIDADE
FEMININA NO CONTEXTO DA TATUAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Design da Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em Design
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Camila Bezerra Furtado Barros

FORTALEZA

2019

RAÍRA LIMA PINHEIRO

DESIGN EDITORIAL COMO NARRATIVA PARA REPRESENTATIVIDADE
FEMININA NO CONTEXTO DA TATUAGEM

Aprovada em: __/__/____.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Design da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Design

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Camila Bezerra Furtado Barros

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Camila Bezerra Furtado Barros (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Claudia Teixeira Marinho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Bel. Rodrigo de Borbas Gondim
Membro externo

Me. Lucas Porto de Queiroz
Membro externo

FORTALEZA
2019

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, uma verdadeira fonte de luz nesse mundo, companheira de todas as horas, meu primeiro exemplo de resiliência, amor ao próximo e temperança. Que desde pequena me cultivou ao invés de podar, me incentivou a seguir meus sonhos e me mostrou que, quando você ama, você deseja o melhor para a pessoa mesmo que isso signifique duras distâncias e longas conversas no telefone.

Ao meu pai, cujos anos que tivemos juntos serão para sempre muitíssimo preciosos e uma lembrança que sempre trago dentro de mim. Ao meu irmão Daniel, por todas as vezes em que me socorreu e por ser essa pessoa que transborda amor sem ver a quem.

Aos meus amigos de infância, por me ensinarem e apoiarem todos os dias, também pelas noites na varanda conversando sobre tudo e nada ao mesmo tempo. A Aline, meu primeiro contato com o feminismo, por sua militância e paciência de fazer à mim e à muitas outras entenderem a realidade e a necessidade dessa luta diária. A David, por todas as vezes em que você foi um porto seguro. A Raissa e Levy, pela companhia nas diversas noites de trabalho em sua sala de jantar, pelas ideias trocadas e por todos os cafés feitos.

A Lara, por sempre conseguir me fazer rir quando mais preciso, por todas as dicas de escrita e por me motivar sempre. A Isabelle, por ser um ombro amigo e também por me trazer de volta à realidade quando necessário. A Nilo, por toda sua disposição e também pelos brownies. A Miligrama, pelos inúmeros ensinamentos, por ter sido uma fonte de inspiração e, principalmente, por ter me permitido reapaixonar pelo Design e tudo aquilo que ele toca.

À todas as minhas professoras e mulheres exemplo que passaram em minha vida.

Sobretudo, agradeço à minha orientadora Camila Barros, por ser um dos seres humanos mais empáticos que já tive o prazer de conhecer, pelo trabalho apaixonado dentro e fora de sala, por ser uma inspiração de mulher, designer e mãe, por sua paciência em me guiar durante todo esse processo de fechamento da graduação, por sua didática, abertura, profissionalismo e por ter aceitado entrar nessa jornada comigo.

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa transdisciplinar que busca compreender como se deram as construções da tatuagem e da figura feminina até o contexto social atual, para então abordar como os aspectos gráficos do Design Editorial podem auxiliar na criação de uma narrativa que impacte de maneira euforizada a representação feminina no contexto da tatuagem. São abordadas noções teóricas sobre a construção feminina a partir do olhar semiótico, publicações independentes e zine como mídia radical. Para o desenvolvimento do projeto, adotamos dois momentos metodológicos: a análise semiótica do *corpus* selecionado, método proposto por Cardoso e Pacheco (2017) no artigo *Método de análise semiótica na perspectiva do design*; e em seguida a metodologia projetual, que se embasa na proposta por Bruno Munari (1991). Os resultados destas pesquisas estabelecem a lista de diretrizes projetuais a ser atendida na realização do projeto editorial da zine *Tatuagem: Substantivo Feminino*, escopo final do projeto de pesquisa.

Palavras-chave: Design editorial; zine; tatuagem; figura feminina; publicação independente; mídia radical.

ABSTRACT

The present work is a transdisciplinary research that seeks to understand how historical constructions of tattoo culture and the female figure reached the current social context; and how graphic aspects of Editorial Design could help create a narrative that impacts, in an euphorized way, the female representation in the tattoo culture context. The research approaches theoretical notions about female image construction, independent publications and zines as form of radical media. For the theoretical background of the project, the methodology has two moments: a semiotic analysis of the selected *corpus*, utilizing a method proposed by Cardoso and Pacheco (2017) in the article “*Método de análise semiótica na perspectiva do design*”; and the design methodology based on the one brought by Bruno Munari (1991) in the book “*Das coisas nascem coisas*”. The results of these researches establish a list of design guidelines to be met in the design of the zine *Tatuagem: Substantivo Feminino*, the final scope of the research project.

Keywords: Editorial design; zine; tattoo; female figure; independent publication, radical media.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Comparação entre duas capas da mesma edição da Revista Inked Magazine referente ao mês de março de 2018	13
FIGURA 2	Os instrumentos de tatuagem Maori eram pequenos pedaços de osso, concha ou metal em forma de cinzel que eram mergulhados em pigmento e depois atingidos por um martelo	16
FIGURA 3	"Portrait of a young Maori woman with moko", por Louis John Steele (1891)	23
FIGURA 4	Costas de um homem em estilo Irezumi (tradicional japonês), c. 1875	24
FIGURA 5	Ruth Marten e a cantora punk Judy Nylon mostrando a tatuagem feita por Marten em 1977.	27
FIGURA 6	Jean Furella Carroll	29
FIGURA 7	Shane Harrison, membro da gangue neozelandesa "Mighty Mongrel Mob gang".	31
FIGURA 8	Cartão de Visitas do tatuador Ben Corday	32
FIGURA 9	Cindy Ray, 1962	33
FIGURA 10	Capa da edição de nº 23 da Revista Adbusters The Blueprint for a Revolution (1998)	37
FIGURA 11	Capa da edição de nº 37 da Revista Adbusters Design Anarchy (2001)	37
FIGURA 12	Zine publicada pela Contra Editora	38
FIGURA 13	Zines Punks britânicas dos anos 70	39
FIGURA 14	Zine Impeachment – Câmara dos Deputados por Coletivo Oitentaedois	40
FIGURA 15	Capa da edição de número 91 da Revista Inked	50
FIGURA 16	Spreads relativos à Matéria de capa da Revista Inked edição 91	52
FIGURA 17	Matéria de capa da Revista Inked edição 91	53
FIGURA 18	Matéria de capa da Revista Inked edição 91	53
FIGURA 19	Matéria de capa da Revista Inked edição 91	54

FIGURA 20	Spreads relativos à matéria masculina Revista Inked edição 91	55
FIGURA 21	Capa da edição de número 92 da Revista Inked	60
FIGURA 22	Spreads relativos à matéria de capa da Revista Inked edição 92	62
FIGURA 23	Matéria de capa da Revista Inked edição 92	63
FIGURA 24	Matéria de capa da Revista Inked edição 92	63
FIGURA 25	Matéria de capa da Revista Inked edição 92	64
FIGURA 26	Spreads relativos à matéria masculina Revista Inked edição 92	68
FIGURA 27	Capa da zine < w o m a n >	71
FIGURA 28	Spreads relativos à zine < w o m a n >	73
FIGURA 29	Editorial da zine < w o m a n >	74
FIGURA 30	Spread da zine < w o m a n >	75
FIGURA 31	Spread da zine < w o m a n >	76
FIGURA 32	Capa da zine Naive	77
FIGURA 33	Composição de spreads relativos à zine Naive	78
FIGURA 34	Spread da zine Naive	80
FIGURA 35	Spread da zine Naive	81
FIGURA 36	Rede semântica	82
FIGURA 37	Moodboard zine	83
FIGURA 38	Moodboard fotografia	84
FIGURA 39	Fotografia experimentações com impressão	85
FIGURA 40	Capa da zine “Tatuagem: Substantivo Feminino”	90
FIGURA 41	Segunda capa e página 03	93
FIGURA 42	Páginas 04 e 05 com transparência à direita	94
FIGURA 43	Páginas 04 e 05 com transparência à esquerda	96
FIGURA 44	Páginas 06 e 07	97

FIGURA 45	Páginas 08 e 09	98
FIGURA 46	Páginas 10 e 11	99
FIGURA 47	Páginas 12 e 13	100
FIGURA 48	Páginas 14 e 15 com caderno tatuadoras fechado	101
FIGURA 49	Páginas 14 e 15 com caderno tatuadoras aberto	102
FIGURA 50	Páginas 16 e 17 com transparência à direita	103
FIGURA 51	Páginas 16 e 17 com transparência à esquerda	104
FIGURA 52	Páginas 18 e terceira capa	105
FIGURA 53	Quarta capa	106

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Taxonomia da zine proposta por Stephen Duncombe (2008)	40
TABELA 2	Método completo proposto pelo artigo Método de análise semiótica na perspectiva do design	43
TABELA 3	Metodologia adaptada do artigo Método de análise semiótica na perspectiva do design	44
TABELA 4	Metodologia de projeto Bruno Munari	45
TABELA 45	Metodologia de projeto Bruno Munari adaptada	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	JUSTIFICATIVA	13
3	CONTEXTUALIZAÇÃO E ABORDAGEM DO TEMA	16
4	PERGUNTA DE PESQUISA	20
5	OBJETIVOS	20
5.1	Geral	20
5.2	Específicos	20
6	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
6.1	A semântica da tatuagem através do tempo	21
6.2	O processo da tatuagem no contexto da história recente; de arte marginalizada até subcultura	24
6.3	Figura Feminina	27
6.4	Design Editorial	32
6.4.1	Revistas	
6.5	Publicações independentes e Mídia Radical	35
6.5.1	Zines	36
7	METODOLOGIA - CIENTÍFICA E PROJETUAL	42
7.1	Metodologia de Pesquisa	42
7.2	Metodologia Projetual	45
7.2.1	Metodología adaptada	45
8	CRONOGRAMA	47
9	ANÁLISE DE CASOS	48
9.1	Análise Geral Revista Inked magazine	49
9.1.1	INKED - Edição 91	50
9.1.2	INKED - Edição 92	57
9.1.3	Considerações sobre a análise	64

9.2	Análise de zines com temática feminista	65
9.2.1	< w o m a n >	66
9.2.2	Naive Zine	73
9.2.3	Considerações sobre a análise	78
10	MEMORIAL DESCRITIVO	79
10.1	Problema de projeto	79
10.2	Desenvolvimento argumentativo	80
10.3	Rede Semântica	81
10.4	Moodboard/Mapa De Referências	82
10.5	Coleta e Definição de conteúdos	83
10.6	Testes De Formato e Forma De Impressão	83
10.7	Testes De Grid	84
10.8	Testes De Linguagem Visual	84
10.9	Escolhas Tipográficas	84
10.10	Escolha Do Estilo De Fotografia	85
10.11	Testes De Impressão	87
11	FANZINE - TATUAGEM: SUBSTANTIVO FEMININO	88
11.1	Projeto gráfico	89
12	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
13	REFERÊNCIAS	105

1 INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho aborda a relação entre design, estudos de gênero e tatuagem, buscando analisar e entender como a mídia – em específico o design editorial – pode, subconscientemente, comunicar e reforçar narrativas problemáticas ou não ao adotar certos aspectos – gráficos e fotográficos – em sua diagramação.

Para isso, foi realizada uma análise histórica da significação da tatuagem para diversos povos, passando por uma observação de sua relação com as contra e subculturas. Em seguida, é trazido um estudo sobre o corpo e a figura feminina dentro de um contexto de pressões midiáticas constantes, bem como a relação da mulher com a arte de tatuar e ser tatuada. São expostos os motivos pelos quais, historicamente, há uma dissociação do público feminino do contexto da tatuagem e como isto vem sendo desafiado nos últimos tempos, desde que mulheres começaram a abraçar a arte como uma forma de resistência.

Em um momento seguinte é estudado o Design gráfico com enfoque em editorial e, com a constante intercessão entre a temática do trabalho e outros movimentos de resistência, foi realizado também um link com publicações independentes, nas quais reforçam seu potencial para um papel político de contravenção e contestação de regras e convenções sociais.

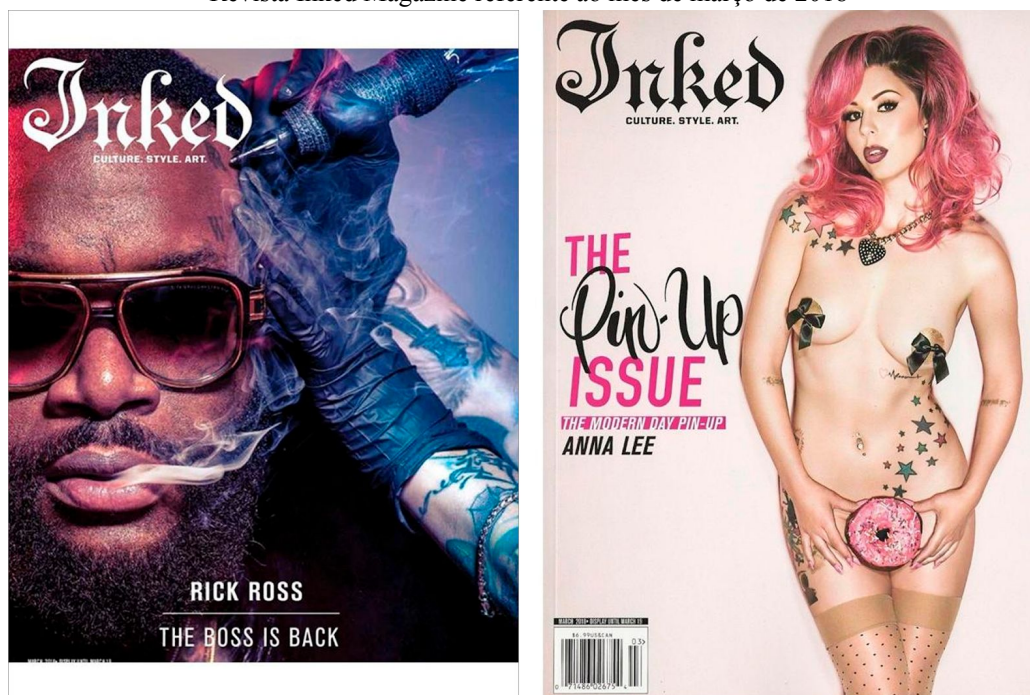
Após todas as considerações acima, foram realizadas análises semióticas em dois *corpus* distintos: o primeiro sendo composto de dois volumes da revista estadunidense sobre tatuagem *Inked Magazine*, uma das maiores revistas sobre o assunto em circulação no momento atual e marca guarda-chuva de cultura e estilo para diversas outras revistas. E o segundo sendo composto de duas zines com temática feminista, publicações selecionadas por seu potencial conceitual. A metodologia utilizada na análise é parte da proposta no artigo *Método de análise semiótica na perspectiva do design* de Cardoso e Pacheco (2017), que se baseia nos trabalhos de Morris (1946, 1976). Uma vez feitas as análises, foram feitas considerações sobre o estudo e seus resultados geraram a lista de diretrizes projetuais seguida na realização do projeto gráfico da zine *Tatuagem: Substantivo feminino*, produto final deste trabalho.

2 JUSTIFICATIVA

O fascínio por inscrições na pele acompanha as inquietudes da pesquisadora desde sempre, todas as formas de expressão pessoal levaram à incontáveis horas absorvendo e consumindo tudo relacionado ao processo contracultural da tatuagem. As numerosas horas salvando inspirações tornaram-se horas de estudo sobre arte, sobre as diferentes técnicas e estilos, aspectos biológicos (formas de cicatrização); o início da coleção de "artes na pele" e o ingresso no Design por parte da pesquisadora apenas intensificaram a vontade de trabalhar com esse assunto.

A configuração do presente trabalho surgiu de forma orgânica. Inicialmente, a pesquisa tinha como motivadores a vontade de abordar uma paixão pessoal que, ao mesmo tempo, era um assunto pouco explorado academicamente pelo Design. Com o decorrer das pesquisas, uma inquietação se fez presente: a forma como a figura feminina é retratada em materiais gráficos sobre o assunto, em especial revistas e demais publicações.

FIGURA 01 - Comparação entre duas capas da mesma edição da Revista Inked Magazine referente ao mês de março de 2018



FONTE: Site de vendas online da revista Inked Magazine¹. Reprodução da autora

¹ Disponível em:

<<https://www.inkedshop.com/collections/magazines/products/inked-magazine-pinup-issue-rick-ross-mar-2018>>. Acesso em: jun. 2019

Com a intensa imersão no contexto de contracultura da tatuagem, as pesquisas de cunho pessoal, já era possível perceber empiricamente como esse é um recorte de mundo dominado pelo masculino e, ainda que agora exista uma crescente de mulheres tatuando e sendo tatuadas como nunca antes vista – segundo uma pesquisa realizada pelo *The Harris Poll*², 2012 foi o primeiro ano na história estadunidense no qual foram tatuadas mais mulheres do que homens (23 por cento de mulheres versus 19 por cento de homens) – existem diversas barreiras que o público feminino ainda encontra.

Ainda que a luta feminista tenha assegurado diversos direitos e trazido à tona várias práticas tóxicas, a figura feminina segue sendo atribuída à figuras de objetificação, de algo que está ali apresentado exclusivamente com o intuito de vender ou de servir aos olhares de terceiros. Essa desumanização da mulher faz emergir a necessidade da existência de pesquisas e trabalhos de gênero, principalmente aqueles que abordem áreas pouco exploradas, como a tatuagem, na qual uma das subáreas mais negligenciadas de pesquisa é o envolvimento feminino na prática (ATKINSON, 2002).

Além do corrente envolvimento pessoal no assunto e a necessidade de aumentar o volume de estudos de gênero, o presente trabalho é, sobretudo, nascido da necessidade de analisar tais comportamentos, buscando apresentar uma alternativa que dê voz para essas mulheres. Judith Butler salienta em seu livro a necessidade de uma criação de linguagem:

Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem que represente completa ou adequadamente as mulheres pareceu necessário para fomentar a visibilidade política das mulheres. Isso parece obviamente importante, considerando a condição cultural generalizada em que as vidas das mulheres foram deturpadas ou não representadas. (BUTLER, 2006. Tradução Livre.)

Assim, o Design aqui é abordado em seu potencial comunicativo, em busca de somar positivamente à essa narrativa, reforçando a linguagem feminista através da narrativa editorial; investigando e levantando se e como a linguagem gráfica existente em publicações sobre tatuagem reforçam os atuais parâmetros de gênero e essa desumanização da mulher mesmo em movimentos contraculturais contemporâneos.

² The Harris Poll ou *Harris Insights & Analytics* é uma firma de pesquisa em marketing fundada em 1963 a Harris Poll é uma das mais antigas pesquisas que medem a opinião pública nos EUA, com um histórico de aconselhar líderes em tempos de mudança como John F. Kennedy e Ronald Reagan.

Desse modo, a escolha de um suporte que exalta o potencial comunicativo desses movimentos de cultura *underground* se faz necessária, de forma a ressoar com o caráter *outsider* que estudos sobre gênero e tatuagem ainda possuem na sociedade ocidental.

Publicações independentes, em especial *zines*³, possuem potencial de se comunicar com diversas camadas de mulheres ao apresentar uma alternativa democrática, não necessariamente enquadrada nas discussões feministas institucionais. Essas oferecem a possibilidade de reflexão sobre valores e preocupações em um material amplamente livre de censura, em que não há preocupações com grandes tiragens ou lucratividade e os editores são os únicos encarregados de todo o processo de produção, incluindo escrita, edição e distribuição. Isso torna a confecção dependente apenas da disponibilidade, do orçamento e do interesse de cada editor (Magalhães, 1993). Possibilitando a difusão em um veículo direto, livre e que permita a transgressão e a quebra de valores, ao mesmo tempo que propõe um diálogo direto entre criadora e consumidora, proporcionando uma mensagem política em um veículo emocional.

³ Um zine é uma espécie de mini-revista, com sua própria safra luxuriante de subgêneros como os fanzines para os aficionados da série de TV.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO E ABORDAGEM DO TEMA

Fazer uma tatuagem é um processo em que se cria na pele – usando um objeto pontiagudo e incorporando partículas de pigmento coloridas suficientemente profundas sob a epiderme para que as partículas permaneçam permanentemente – a forma de um desenho ou outra inscrição (DOSS; HUBBARD, 2009). Peres (2015) afirma que tal prática “possui raízes ancestrais, fazendo parte do patrimônio cultural de diversos povos ao redor do mundo, influenciando e sendo influenciada diretamente pelo espaço e modos de vida em que encontrava-se imersa”.

A palavra tatuagem, surgiu do taitiano *tau* ou *tatau*, que significa originalmente “ferida, desenho batido” (LISE; GAUER; CATALDO NETO, 2013). Peres (2015) explica que o termo foi, inicialmente, introduzido ao ocidente em 1771 por um capitão inglês que, após viagem às Ilhas Marquesas, descreveu em seu livro uma forma de marcar a derme que se tratava de golpear repetitivamente a pele com uma série de agulhas.

Os golpes sobre a madeira que continha as agulhas produziam um som que gerou a onomatopéia *tatau*, e que o capitão, O Sr. Cook, começou a chamar *tattoo*, e mais tarde: *TATTOO*. Portanto, o termo se origina a partir de derivações de línguas do Oceano Pacífico que chegaram ao castelhano e ao português pelo inglês. (PERES, 2015)

FIGURA 02 - Os instrumentos de tatuagem Maori eram pequenos pedaços de osso, concha ou metal em forma de cinzel que eram mergulhados em pigmento e depois atingidos por um martelo



FONTE: The World's Largest Online Tattoo Museum⁴

⁴ Disponível em: <http://www.vanishingtattoo.com/tattoo_museum/maori_tattoos.html>. Acesso em: jun. 2019.

Lise, Gauer e Cataldo Neto (2013) explicam que o termo *Tatuagem* entrou nos dicionários de Língua Portuguesa ainda no século XIX. O Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Cândido de Figueiredo, editado em Lisboa em 1899, refere:

Tatuagem: (substantivo) feminino. Conjunto dos meios, com que se introduzem debaixo da epiderme substâncias corantes, vegetais ou minerais, para se produzir desenhos duradouros e aparentes. [...]

Tatuar: verbo transitivo. Fazer tatuagens em (de tatan, traduzido do taiti).

A semântica da palavra, contudo, está sujeita a sofrer diversas mutações de sentido de acordo com uma série de variáveis ligadas ao contexto histórico e evolução da sociedade em que se encontra inserida. Esse tipo de inscrição na pele passou por diversas mudanças até chegar na configuração que conhecemos atualmente. “Nos anos antigos do Império Romano e Grego, assim como no Japão feudal, a tatuagem foi utilizada como forma de punição e marcação de escravos, prisioneiros e ladrões” (PERES, 2015 *apud* MARQUES, 1997). A semântica de contracultura e contravenção da tatuagem foi amplamente explorada também nos anos 60 e 70, por movimentos juvenis transgressivos como o rock e o *punk*, adicionando novos significados à arte e assim abrindo espaço no imaginário social para que, nos anos 90, as tatuagens começassem a serem vistas como um fenômeno cultural, uma opção pessoal de embelezamento do corpo e um fazer artístico (PERES, 2015).

Atualmente, cada indivíduo confere à tatuagem um significado próprio, a escolha de um desenho é amplamente motivada por fatores particulares e ou sociais. Lise, Gauer e Cataldo Neto (2013) reforçam que uma característica recorrente nos tatuados é o uso do desenho como forma expressão ou forma de autoafirmação, bem como uma expressão de romantismo ou uma prova de amor.

Ao tratar da especificidade do público feminino, mulheres têm se tatuado em números nunca antes vistos. Esse fenômeno se dá fortemente pela mudança de paradigmas que permitiram a desmarginalização da cultura da tatuagem. Atkinson (2002), em seu texto *Pretty in Ink: Conformity, Resistance, and Negotiation in Women's Tattooing*, apresenta o ato feminino de se tatuar, e seus desdobramentos, como parte da construção e representação da identidade dessas mulheres durante seu percurso de vida, considerando tal ato como possuidor de um potencial de discurso profundamente ligado ao gênero, forma de comunicação pessoal e resistência à imposições culturais.

Para Berger (1999), nascer mulher tem significado “nascer, dentro de um espaço confinado, na guarda dos homens”. Isso ocorre pois a presença social da mulher é quase sempre ligada à dependência de uma tutela masculina, da aprovação de um membro externo (seja este o pai, marido ou guardião), e as mulheres são doutrinadas a, constantemente, ponderar sobre si mesmas, estando sempre acompanhadas e perseguidas pela própria imagem.

Atkinson (2002) argumenta que, de forma geral, a atribuição histórica da tatuagem, como uma subcultura dominada pelo masculino e um mecanismo de criação e afirmação de ideais de agressividade, perigo e masculinidade, configurou-se como expressivo obstáculo na adesão feminina à essa subcultura.

[...] embora as mulheres historicamente tenham evitado a participação generalizada na tatuagem, as sensibilidades recém-estabelecidas sobre a sexualidade feminina incorporaram essa prática corporal à mistura. Relembrando a “era carnavalesca” da tatuagem na América do Norte (ca. 1920–50) em que mulheres tatuadas seminuas desfilavam em shows paralelos para excitar o público masculino, as práticas atuais de tatuagens femininas são frequentemente construídas como uma curiosidade sexual por homens (DeMello, 2000; Mifflin, 1997). A participação feminina nessa prática corporal tradicionalmente masculina é muitas vezes mediada pelas maneiras pelas quais ela pode ser sexualizada. Mais uma vez, o projeto do corpo torna-se um ato de embelezamento corporal se realizado com reverência às construções estabelecidas de feminilidade. (ATKINSON, 2002. Tradução livre)

A representação midiática do corpo feminino no contexto da tatuagem pode ser evidenciada como um dos fenômenos que bebe deste enredo hipermasculinizado, por muitas vezes perpetuando costumes ao enfatizar o corpo feminino de forma objetificada e sexualizada. Portanto, a tatuagem feminina e o design voltado a esse público, dentre outras coisas, possuem potencial de comunicar e configurar uma quebra à essa longeva e problemática associação.

Pesquisas de Design e Gênero ainda representam um número tímido em comparação à massa da produção acadêmica de Design – trabalhos que ligam Design à Tatuagem e os desdobramentos dessa interação são ainda mais raros –, sendo uma lacuna particular na pesquisa científica atual.

Durante a presente pesquisa, por exemplo, não foram encontrados estudos que abordassem, de forma direta, o diálogo entre Design, Estudos de Gênero e Tatuagem; o que salienta a necessidade da existência da atual pesquisa. Foram encontradas, todavia, pesquisas

indiretamente relacionadas com o presente material e que abordam áreas de relevância para o mesmo.

Dentre os materiais coletados, é válido mencionar o artigo *Factors That Influence Attitudes Toward Women With Tattoos* de Daina Hawkes, Charlene Y. Senn e Chantal Thorn (2004), publicado na revista de periódicos *Sex Roles*, Vol. 50. O artigo explora a percepção da tatuagem feminina na sociedade Canadense, servindo de auxílio para a literatura relacionada à figura feminina na tatuagem. *Tatuagem como forma de Comunicação: Uma expressão corporal* trabalho parcial de graduação de Rafaela Cristinne de Andrade de Melo (2007) também traz a perspectiva sobre a tatuagem como forma de comunicação e expressão. Em *Tatuagem; a memória na pele* a professora doutora Mirela Berger (2007) trabalha o conceito de que o corpo é um reflexo da sociedade e que os signos da tatuagem só podem ser entendidos dentro do contexto social em que estão inseridos.

Manifeste-se, faça um zine!: uma etnografia sobre “zines de papel” feministas produzidos por minas do rock (São Paulo, 1996-2007) publicado pelos Cadernos Pagu, pela Mestra Michelle Alcântara Camargo (2011), possui relevância ao tratar sobre *grrrlzines*⁵ da cena feminista em São Paulo, trazendo uma perspectiva brasileira sobre a força de publicações independentes. Nos *'Os fanzines punks': a estética agressiva, caótica e poluída (Anos 80)* do doutor em história Gustavo dos Santos Prado são levantados algumas características morfológicas das zines punks que circularam em São Paulo nos anos 80.

Esses trabalhos acima citados foram de grande relevância para ampliar a compreensão da autora sobre o contexto da tatuagem e de publicações independentes na atualidade, possibilitando uma melhor abordagem desses temas durante a pesquisa.

Socialmente falando, a pesquisa surge de uma necessidade de problematizar o feminino quando associado à temática tatuagem, que com pesquisa é percebido comumente de maneira objetificada no *mainstream* midiático. Academicamente falando, ela contribui com o pensamento científico em uma área pouco abordada, mas ainda assim relevante, visto seu potencial desdobramento social.

⁵ Fanzines feitos por garotas e para garotas. Marcados pela ideia de elaboração e difusão de uma mensagem política por meio de compartilhamento de experiências pessoais.

4 PERGUNTA DE PESQUISA

“Como os aspectos gráficos do design editorial podem auxiliar na construção da figura do feminino como sujeito atuante dentro do campo da tatuagem?”

5 OBJETIVOS

5.1 Geral

Desenvolver um projeto de design editorial que impacte de maneira euforizada a representação feminina no contexto da tatuagem

5.2 Específicos

1. Contextualizar a significação da tatuagem em diferentes momentos históricos;
2. Abordar historicamente como o feminino foi associado à tatuagem;
3. Apresentar o contexto e potencial social de publicações independentes;
4. Analisar projetos de design editorial de publicações sobre tatuagem;
5. Compreender como ocorre a construção do feminino em publicações sobre tatuagem;
6. Produzir um projeto de design que reflita as considerações abordadas/estudadas na presente pesquisa;

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

6.1 A semântica da Tatuagem através do tempo

O ato de marcar a pele com inscrições permanentes não é nova ocorrência na humanidade, registros de indivíduos tatuados datam de 6.000 aC (Birmingham, Mason, & Grubin, 1999; Mallon & Russell, 1999). Antropólogos (DOSS, 2005; BERGER, 2007; OLIVEIRA & GIFFONI, 2007; COSTA, 2003; entre outros) evidenciam que essa prática ancestral ocorreu independentemente em diversas culturas indígenas da antiguidade, espalhadas por todos os continentes — com exceção da Antártica — e consistia, comumente, em ação essencial aos rituais dessas culturas.

Tanto as marcas do corpo quanto o processo de tatuagem agiam para negociar as relações entre os indivíduos e a sociedade, a natureza e o reino espiritual. Dependendo da cultura e do período de tempo, as tradições indígenas de tatuagens têm funcionado para sinalizar a entrada na vida adulta, refletir status social, documentar realizações marciais, demonstrar linhagem e afiliação de grupo e canalizar e direcionar forças sobrenaturais. (DETER-WOLF et al., 2016)

Exemplos históricos dessas negociações podem ser observados em diversas culturas. Doss e Hubbard (2009) citam, como exemplo, as mulheres maori que tinham seus lábios tatuados em linhas horizontais na época da puberdade, pois os lábios vermelhos eram considerados indesejáveis, e os lábios azuis tatuados eram considerados belos (SIMMONS, 1986 & GILBERT, 2000); também, segundo Richie (1980), por muitos séculos, os japoneses adornavam-se com tatuagens de corpo inteiro que retratavam heróis e cenas de batalha, em uma busca de incorporar características desejáveis dos mesmos (DOSS; HUBBARD, 2009).

Figuras 03 - "Portrait of a young Maori woman with moko", por Louis John Steele (1891)



FONTE: Museum of New Zealand Te Papa Tongarewa Online Resources⁶

⁶ Disponível em: <<https://collections.tepapa.govt.nz/object/171781>>. Acesso em: jun. 2019

FIGURA 04 - Costas de um homem em estilo Irezumi (tradicional japonês), c. 1875



FONTE: Art History: Ancient Techniques and Evolution of Traditional Japanese Tattoos⁷

⁷ Disponível em: <<https://mymodernmet.com/japanese-tattoo-history/>>. Acesso em: jun. 2019

Contudo, o aparecimento e crescimento do Cristianismo fez surgir a ideia de que o corpo teria sido criado por Deus e que, portanto, não poderia ser alterado pelo homem; no ano de 787 d.C., a Igreja Católica posicionou-se contra a tatuagem proibindo-a formalmente ao alegar que a prática se associava à superstição e ao paganismo. Até o fim da Idade Média, a tatuagem tornou-se esquecida, por consequência, desaparecendo das práticas culturais da Europa Ocidental.

O Colonialismo⁸ também possuiu um papel de destaque como vetor de supressão das práticas ancestrais de marcação dos corpos. Além de parte da imposição religiosa, a eliminação das práticas culturais de marcação física foram técnicas que fragmentavam a noção de identidade e favoreciam o colonialismo europeu. Uma vez que, sob esse esforço de minorar a identidade de um povo, a ação de fazer com que os colonizados aderissem aos novos costumes era facilitada (EXPLAINED, 2018).

6.2 O processo da tatuagem no contexto da História recente; de arte marginalizada a subcultura

A evolução histórica da tatuagem é repleta de rechaços e aceitações. Na história recente, a visão da sociedade para com a arte de tatuar — e, principalmente, as pessoas que carregam tais artes na pele — ainda passa por constantes mudanças. Atualmente, apesar de muitas vezes ainda ser estigmatizada por parte da sociedade, a tatuagem tem sido mais uma vez normalizada aos olhos da população.

Segundo uma pesquisa Conduzida pelo instituto *Dalia Research*⁹ em abril de 2018 os adeptos da tatuagem chegam a compor aproximadamente 37% da população brasileira, contudo, historicamente, a tatuagem e aqueles que as colecionam pertencem à categoria de Grupo Social Externo¹⁰, tal pertencimento se deu muito pela extensa lista de “usos punitivos”

⁸ Colonialismo refere-se à política de exercer controle ou autoridade sobre um território ocupado e administrado por um grupo de indivíduos ou por representantes do governo de um país ao qual esse território não pertencia; tal poder via de regra é exercido contra a vontade dos seus habitantes que, muitas vezes, são despossosados de parte dos seus bens e direitos políticos que detinham.

⁹ Fundada em 2013, a Dalia é uma startup de tecnologia com sede em Berlim que distribui milhões de pesquisas em mais de 90 países para fornecer acesso a dados de opinião e mercado de alta qualidade por agências de pesquisa, universidades, instituições públicas, marcas e outras organizações.

¹⁰ A fim de explicar o cenário atual, será emprestada a visão de Elias e Scotson sobre as relações figurativas de “[grupo] estabelecido” e “[grupo] de fora” (externo) (ELIAS & SCOTSON, 1965); para eles, a vida comunitária é considerada como algo moldado em torno das relações entre grupos sociais estabelecidos e externos.

da prática; Lise, Gauer e Cataldo Neto (2013) exemplificam que essa convenção punitiva atingiu, por exemplo:

[...] desde prisioneiros da Grécia antiga a prostitutas do reinado de Luis XIV, na França, passando por escravos de diversos povos – como Brasil, Alemanha, Suécia, Holanda, Espanha e Estados Unidos do século XIX fugitivos ou não, – e pelos presidiários norte-americanos e desertores do exército britânico do século XIX, além dos prisioneiros nazistas do século passado (LISE; GAUER; CATALDO NETO, 2013).

Além do exemplo supracitado, criminosos do Japão do século XVII eram tatuados para indicar o tipo e a localização de seus crimes (Richie, 1980). No século XIX, o exército britânico tatuou desertores com um "D" e homens de mau caráter com "BC" (Brouwer, 1998).

Essa referência negativa a que era direcionada à tatuagem perdurou na sociedade até muito recentemente, no século XX, em que as tatuagens estiveram presentes nas classes mais estigmatizadas da sociedade (em prostitutas, criminosos, prisioneiros e marinheiros) classificando, assim, a prática como algo negativo e escandalizante perante as demais camadas sociais. Esse imaginário de tabu a que era conferido as inscrições corporais era tão forte coletivamente que a prática foi adotada por diversas gangues e grupos criminosos para se identificar como perigosos ou à margem da sociedade. Tatuagens feitas de forma improvisada se disseminaram em prisões e em grupos de pessoas perigosas contribuindo para a visão negativa que a arte passava à outras camadas da sociedade. No Brasil, a história da tatuagem se relaciona intimamente à marginalidade e às classes sociais mais baixas (LISE; GAUER; CATALDO NETO, 2013).

Essa noção social do local da tatuagem só começou a ser quebrada com o ganho de relevância dos movimentos sociais contraculturais ao redor do mundo, Pereira (1992) expõe que a origem do termo “contracultura” se deu nos anos 60, inventado pela imprensa norte-americana para designar um conjunto de manifestações culturais novas que se opunham, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das Sociedades do Ocidente. *“Contracultura é a cultura marginal, independente do*

sociais estabelecidos configuram aqueles que estão mais profundamente enraizados nos segmentos de base e superestrutural da sociedade. Tipicamente, isso ocorre pois eles têm uma história mais longa ou maior acesso a recursos. Por outro lado, os grupos externos são membros marginalizados de uma sociedade, menos inseridos em posições de poder e dominados social e culturalmente em graus variados. Considerando tal cenário, apesar dos adeptos da tatuagem constituírem considerável parte da população atual, eles ainda se enquadram na categoria de Grupo Externo.

reconhecimento social. Pode-se entender contracultura como uma postura, ou até uma posição, em face da cultura convencional, de crítica radical” (PEREIRA, 1992).

Nos anos 60 e 70, a os estilos estéticos da tatuagem foram adotadas por diversos movimentos juvenis, como forma de identificação,de transgressão (PERES, 2015) e também para expressar seu inconformismo perante à sociedade. No Brasil, a sua popularização ocorreu de forma mais exaltada nos anos da década de 1970.

FIGURA 05 - Ruth Marten e a cantora punk Judy Nylon mostrando a tatuagem feita por Marten em 1977.



FONTE: Livro Bodies of Subversion: A Secret History of Women and Tattoo

Hoje, tatuagens já não são tão socialmente disruptivas como um dia foram, sendo entendidas como um fenômeno cultural ou uma opção pessoal de embelezamento do corpo, além de um fazer artístico (PERES, 2015). As inscrições na pele são percebidas como uma maneira dos indivíduos expressarem seus padrões de vida e sua personalidade e pode se compreender que as mesmas chegaram ao patamar de subcultura social.

Subcultura trata-se de um grupo social com particularidades específicas, porém, ao mesmo tempo, não apresenta uma oposição radical com seus vizinhos imediatos (CARDOSO, 1975). O termo subcultura entrou em uso quando os estudos antropológicos começaram a ser aplicados no estudo de sociedades industriais e, especialmente, no estudo de áreas urbanas. É utilizado, em sociedades complexas, por antropólogos para definir recortes culturais de grupos ou de comunidades nas quais fronteiras mais ou menos nítidas definiam alguma espécie de isolamento mas não os separava da sociedade totalmente. Por isto a terminologia *subcultura* permite isolar tais focos de estudo sem cortar as amarras com o que seria a cultura dominante (CARDOSO, 1975).

6.3 Figura feminina

A presença social feminina é considerada diferente da presença masculina, a última se manifesta através da promessa de poder que o homem incorpora – sendo essa promessa real ou não. Isto é, depende prioritariamente daquilo que ele pode fazer por ou com o outro; por outro lado, a da mulher “expressa sua própria atitude em relação a si mesma e define o que pode e o que não pode ser feito com ela.” (BERGER, 1999). Segundo o autor, esse fenômeno acontece pois mulheres socialmente nascem “dentro de um espaço confinado e confinado, na guarda dos homens”.

Sua presença é manifesta em seus gestos, voz, opiniões, expressões, roupas, ambiente escolhido, gosto - de fato, não há nada que ela possa fazer que não contribua para sua presença. A presença de uma mulher é tão intrínseca à sua pessoa que os homens tendem a pensar nela como uma emanção quase física, uma espécie de calor, cheiro ou aura (BERGER, 1999).

Nesse ínterim, para diversas mulheres, a pele tem sido um projeto corporal no qual, ao mesmo tempo, elas podem ser celebradas e denegridas: através da depilação se busca um ideal de maciez de peles infantis, ao mesmo passo que, através da maquiagem, se busca a

exaltação de uma sexualidade adulta. Além disso, são encontrados cremes caríssimos criados com a promessa de “reparar” a pele e “reverter” os efeitos da idade (MIFFLIN, 2013).

John Berger (1999) explica que a maneira de ver as mulheres e o uso da sua imagem pouco mudou desde a era renascentista de pinturas a óleo. Segundo ele, isso ocorre, principalmente, pois na mídia “as mulheres são retratadas de maneira bem diferente dos homens – não porque o feminino é diferente do masculino –, mas porque o espectador “ideal” é sempre considerado como homem e a imagem da mulher é projetada para lisonjeá-lo”.

FIGURA 06 - Jean Furella Carroll



FONTE: Livro Bodies of Subversion: A Secret History of Women and Tattoo

Questões geradas por essa constante pressão midiática e social de que o corpo das mulheres deve ser encaixado nesse ideal elusivo e mutante de feminilidade – desencadeando uma busca sem término ou ponto de descanso –, são abordadas amplamente nos trabalhos de Foucault (1977, 1979, 1980) e outros pós-estruturalistas (Balsamo, 1996; Davis, 1994; Haug, 1987; Nicholson, 1990). Esses ilustram como a autoridade masculina hegemônica nas culturas ocidentais é parcialmente mantida no controle do corpo das mulheres através de quesitos biológicos (médicos) e sociais (normas, valores, crenças) (ATKINSON, 2002). Ocorre, assim, um processo constante de monitoramento do “corpo dócil” feminino, tornando-os socialmente construídos e regulados de acordo com uma imagem dominante de um ser magro, porém curvilíneo; plácido e obediente, porém brincalhão; sexy, porém saudável e recatado (ATKINSON, 2002). A relação entre modificação corporal e estruturas sociais de poder e autoridade é central na literatura feminista.

Tatuagens apelam às mulheres contemporâneas tanto como um emblema de empoderamento em uma era de ganhos feministas como medalhas de autodeterminação em um tempo em que controvérsias sobre direitos abortivos, *date rape* e assédio sexual as fazem considerar fortemente sobre quem de fato controla seus corpos - e porquê. Para essas mulheres, a significância de se tatuar pode cair sobre o ato em si - como uma forma rebelde de retomada de si e seus corpos - ou no momento em que acontece - para comemorar uma data especial ou momento de vida (MIFFLIN, 2013 p. 6).

O envolvimento das mulheres na tatuagem, no entanto, compõe uma das áreas mais negligenciadas no contexto acadêmico da área. Atkinson (2002) expõe que os problemas na construção cultural e expressão da feminilidade através da tatuagem têm sido abordados por, apenas, um número ínfimo de pesquisadores.

Essa lacuna na literatura se deu, presumivelmente, pois, durante um longo período da história recente, a figura feminina desempenhou um padrão majoritariamente coadjuvante, aparecendo por vezes somente como iconografia no trabalho artístico do tatuador. Contudo, as mulheres em si “foram dissuadidas tradicionalmente do envolvimento com tatuagens como resultado de proibições culturais que emanam tanto dentro quanto fora do coletivo maior de “entusiastas da tatuagem” (ATKINSON, 2002). Tais sanções ocorreram, de forma geral, pelas amplas associações (sub) culturais da história recente entre tatuagens e masculinidade, quando as inscrições da pele eram usadas como mecanismo para criar e confirmar masculinidades agressivamente fortes ou “perigosas” (ATKINSON, 2002).

FIGURA 07 - Shane Harrison, membro da gangue neozelandesa “Mighty Mongrel Mob gang”.

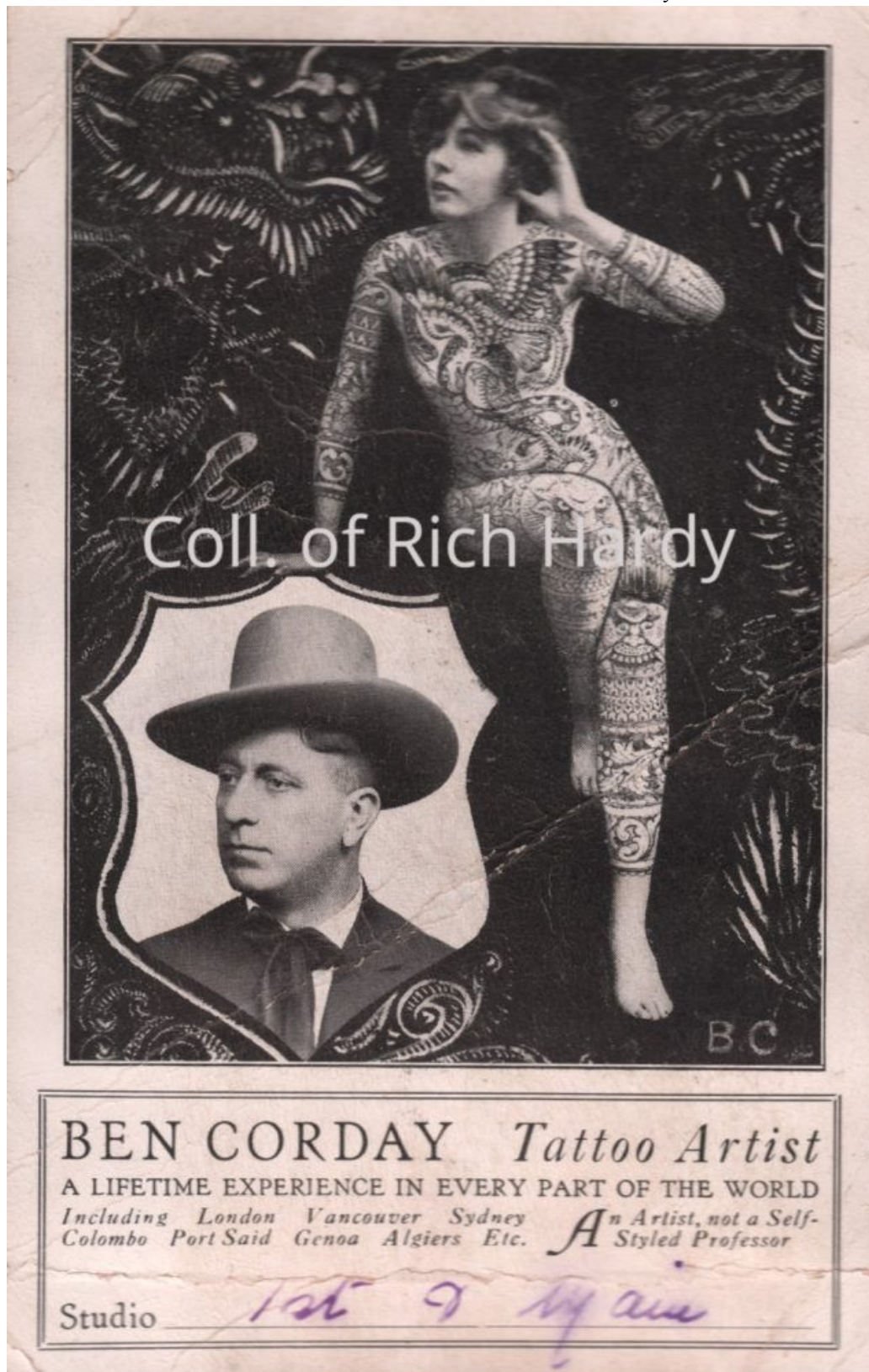


FONTE: Jono Rotman, (2007) em vice.com

Em seu texto, Atkinson (2002) expõe, através de estudos de caso e entrevistas com mulheres canadenses, que, além de historicamente as mulheres não terem formado grande parcela da população tatuada, sensibilidades recém-estabelecidas sobre a sexualidade feminina incorporaram essa prática corporal à mistura.

Relembrando a “era carnavalesca” da tatuagem na América do Norte (ca. 1920–50) em que mulheres tatuadas seminuas desfilavam em shows paralelos para excitar o público masculino, as práticas atuais de tatuagens femininas são frequentemente construídas como uma curiosidade sexual por homens. A participação feminina nessa prática corporal tradicionalmente masculina é muitas vezes mediada pelas maneiras pelas quais ela pode ser sexualizada. (ATKINSON, 2002).

FIGURA 08 - Cartão de Visitas do tatuador Ben Corday.



FONTE: Ben Corday's Tattooed Nudes¹¹

¹¹ Disponível em: <<http://www.buzzworthytattoo.com/ben-cordays-tattooed-nudes/>>. Acesso em: jun. 2019

FIGURA 09 - Cindy Ray, 1962



FONTE: Livro Bodies of Subversion :A Secret History of Woman and Tattoo

Contudo, quase de forma unânime, os discursos contemporâneos apontam para a natureza emancipadora da tatuagem para as mulheres (ATKINSON, 2002). Diversos autores, como Judith Butler (1990), estudam como modificações não-normativas, como a tatuagem, podem ser adotadas por mulheres justamente em uma busca de rebeldia social e subversão de ideologias hegemônicas sobre feminilidade.

6.4 Design Editorial

Design Editorial trata-se de uma ramificação do Design Gráfico e da Comunicação que abrange todos os tipos de publicações, sejam estas físicas ou digitais; esse termo também passou a significar narrativa criada para aqueles que têm paixão por compartilhar um ponto de vista ou interesses. Uma maneira simplificada de ilustrar o design editorial também pode ser caracterizá-lo como jornalismo visual, uma publicação editorial pode entreter, informar,

instruir, comunicar, educar ou ser uma combinação dessas coisas. (CALDWELL; ZAPPATERRA, 2014)

Timothy Samara explica o cerne da área de atuação do designer no contexto editorial em seu livro *Guia de Design Editorial* (2011) ao tratar sobre publicações – aplicações extensas de texto e imagem. Samara (2011) discorre que tais peças geram uma quantidade considerável de questões a serem ponderadas pelo designer: a organização de grandes volumes de conteúdo em pacotes de informações relacionadas; o desdobramento de conforto e legibilidade da tipografia, mas mantendo a leitura vivaz o suficiente para envolver o leitor; a estruturação de páginas e seções de acordo com a variedade de conteúdo, seja ele baseado em imagens ou em texto; e a integração das imagens à tipografia para obter uma forma unificada e construir uma comunicação que é maior que a soma de suas partes.

Design editorial é a estrutura pela qual uma determinada história é lida e interpretada. Consiste na arquitetura geral da publicação (e na estrutura lógica que ela implica) e no tratamento específico da história (como ela curva ou mesmo desafia essa mesma lógica)” (CALDWELL; ZAPPATERRA, 2014 p. 8 *apud* Martin Venezky, 2014, tradução livre.).

Grande parte do editorial tem como objetivo comunicar uma mensagem ou história através da organização e apresentação de palavras e noções visuais (CALDWELL; ZAPPATERRA, 2014). Samara (2011) acrescenta que toda publicação começa com uma ideia que possui função mas ainda não tem forma.

Samara (2011) também expõe que quase todas as formas de comunicação visual – nesse caso, as publicações – podem ser exploradas de forma a revelar três funções conceituais: a primária, ou os aspectos intrínsecos do assunto, é aquilo que receberá uma forma para que possa ser percebida; a função secundária, que é relativa a forma de relacionar-se com um público específico, trata-se da transmissão da mensagem como um conjunto inter-relacionado de componentes relacionados à mensagem principal; e a função terciária, de transmitir uma interpretação emocional, associativa e cultural, é composta pela parte de branding e posicionamento da peça.

Mas o design editorial também faz outra coisa: ele funciona como um instantâneo cultural vívido da época em que é produzido. Por exemplo, as revistas Nova e Oz de 1960 não só evocaram brilhantemente a vibração visual da década, mas também capturaram o espírito de uma época que celebrava a experimentação, a inovação e novas direções (CALDWELL; ZAPPATERRA, 2014 p. 10).

6.4.1 Revistas

Para um meio cujo desaparecimento iminente foi amplamente previsto com o advento da internet, o mercado de revistas permanece resistindo nos mais diversos locais e contextos. Seja em uma livraria em Nova York ou uma banca de jornal na China, ainda é possível visualizar centenas de revistas apelando pela atenção do consumidor, seja através de sua marca, de suas imagens de capa ou de seus assuntos de manchete (CALDWELL; ZAPPATERRA, 2014). Caldwell e Zappaterra (2014) trazem no livro *Editorial Design: Digital and Print* estatísticas Estadunidenses e Britânicas das revistas *Publishers of America* e *Audit Bureau of Circulations* (2002) e *Nielsen BookData*, sendo as duas primeiras com base em vendas nos Estados Unidos e a última relativa à Grã-Bretanha:

- A cada mês, mais de 30 milhões de cópias de revistas são compradas por meio de assinaturas ou bancas de jornais nos EUA;
- Em 2004, as revistas americanas contavam com 18.821 títulos;
- O supermercado americano médio carrega 700 títulos e pode ter de 300 a 400 desses títulos na prateleira a qualquer momento;
- Existem mais de 120 títulos de revistas asiáticas e americanas publicadas nos EUA;
- Em 2002, a Alemanha viu 224 lançamentos de jornais e mais de 200 lançamentos de revistas de clientes;
- O Reino Unido tem cerca de 3.000 revistas, das quais cerca de 200 são responsáveis por mais de 90% das vendas totais;
- Todos os anos, nos EUA, são propostos cerca de 1.000 títulos, dos quais cerca de um terço chegam a uma questão de lançamento.

Contudo, no cenário atual, a revista impressa passou a ser mais um membro de uma família de formatos. Em áreas como moda ou estilo de vida, o apelo tátil de folhear páginas impressas brilhantes ainda se mostra um forte fator de consumo das mesmas, porém o mesmo não pode ser dito de revistas de notícias e interesses específicos, no qual o formato impresso pode ter um valor de produto secundário (CALDWELL; ZAPPATERRA, 2014).

6.5 Publicações Independentes e Mídia Radical

Caldwell e Zappaterra (2014) afirmam que o apetite mundial por consumir e criar conteúdo apresenta-se em constante crescimento e publicações tradicionais – com sua busca por números enormes de circulação – não parecem mais saciar essa necessidade de consumo cada vez mais específico e de nicho dos leitores. É notável que zines publicados independentemente e publicações de interesse minoritário vem crescendo para suprir essa carência de conteúdo específico.

Publicações independentes são, de forma resumida, peças editoriais vinculadas sem o intermédio de uma grande editora ou marca, tendo o processo de criação, edição e publicação muitas vezes centrado em uma única pessoa. Esse estilo de publicação tem ganhado uma força poderosa nas tendências gráficas emergentes, ao passo de que seus editores via de regra não têm medo de escrever longos textos online ou passar por outras áreas de conhecimento como arte, arquitetura, fotografia, moda e música (CALDWELL; ZAPPATERRA, 2014)

Um bom exemplo prático do potencial político de uma revista independente é a revista *Adbusters*. Fundada no Canadá em 1989 como uma organização pró-ambientalista anticonsumista, ela continua até o presente momento a desafiar o estabelecimento com as suas campanhas internacionais, como o *Buy Nothing Day* e a *Digital Detox Week*; resistindo até os dias atuais, sua existência é uma crítica ao formato tradicional de revistas, “cujo conteúdo é conhecido por ser criado ao redor da publicidade, que, para muitas revistas, é o que importa: vender anúncios” como afirma Vince Frost, diretor de arte da Zembra.

FIGURA 10 – Capa da edição de nº 23 da Revista Adbusters *The Blueprint for a Revolution* (1998)

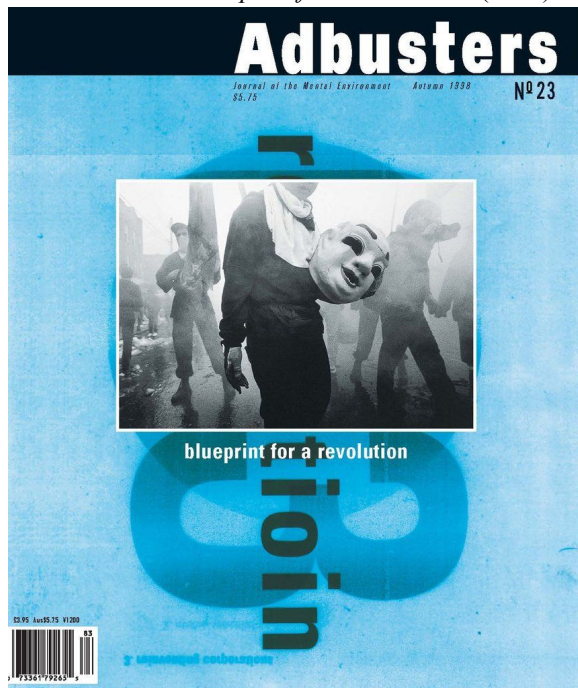
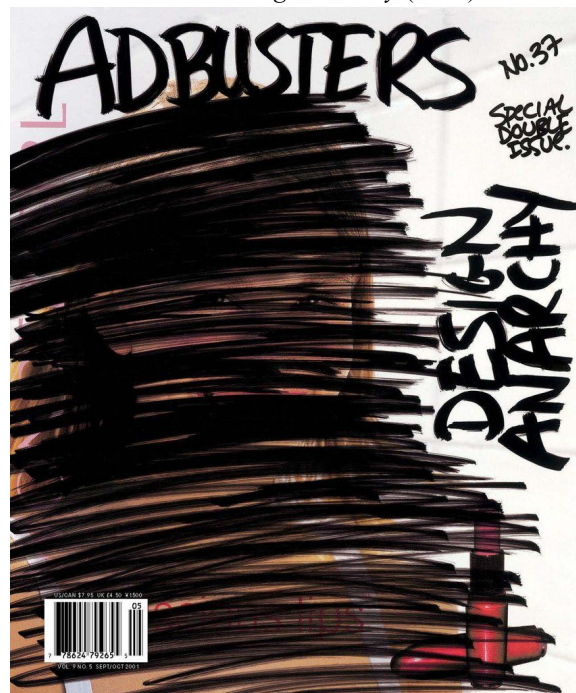


FIGURA 11 – Capa da edição de nº 37 da Revista Adbusters *Design Anarchy* (2001)



FONTE: Adbusters Media Foundation¹²

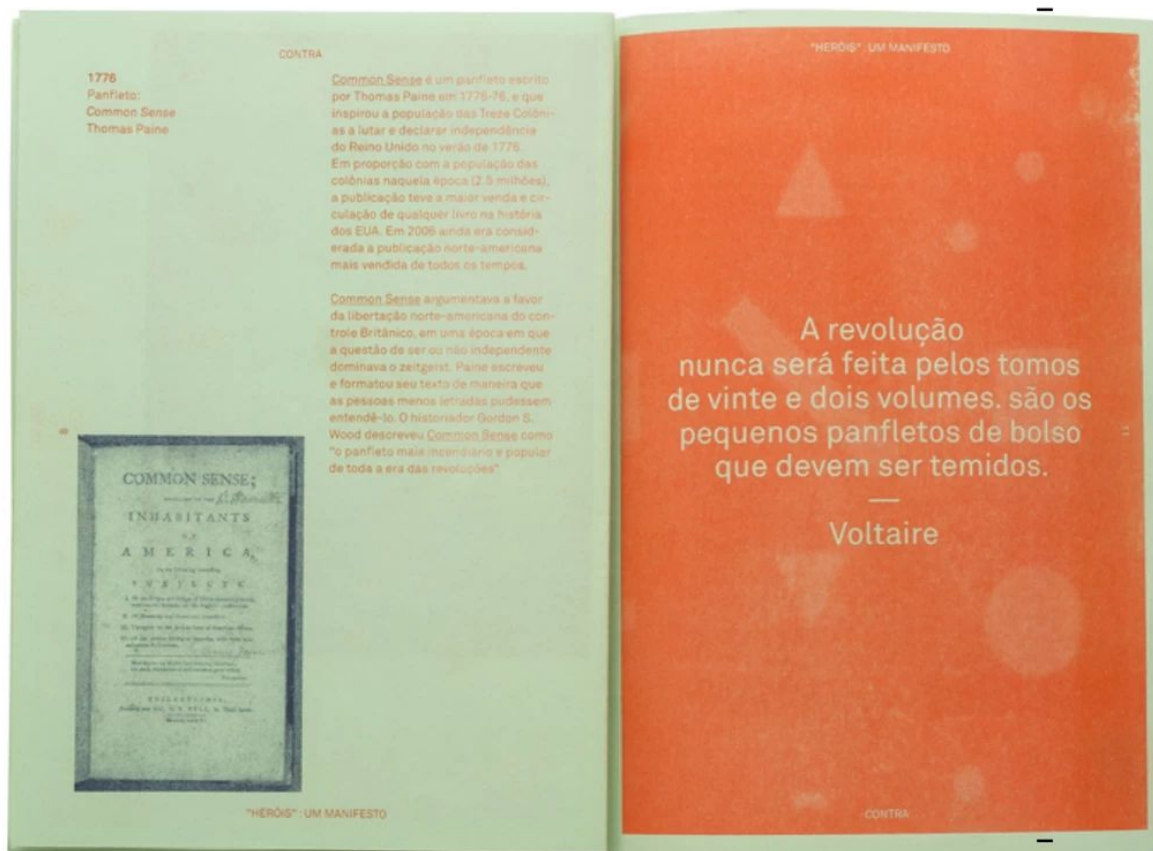
6.5.1 Zines

Publicações independentes possuem os mais diversos formatos de veiculação e o formato conhecido como zine tem ganhado força atualmente. Isto se dá em parte pelo seu caráter de faça-você-mesmo e, logo, sua fácil reprodução em pequena e média escala. Duncombe (2008) explica que zines podem existir em mais formatos, estilos, assuntos e qualidades do que pode se esperar desta forma de publicação, porém elas possuem em comum a ideia radicalmente democrática e participativa do que a cultura pode ou deva ser.

Zines falam de e para uma cultura underground. e enquanto outros grupos de indivíduos se reúnem em torno da criação compartilhada de sua própria cultura, o que distingue zinesters de hobbistas de jardim é sua autoconsciência política. Muitos zinesters consideram o que fazem uma alternativa e atacam a cultura comercial e o capitalismo de consumo. (DUNCOMBE, 2008 p. 8 Tradução livre)

¹² Disponível em: <<https://subscribe.adbusters.org/products/the-classics-bundle>>. Acesso em: jun. 2019

FIGURA 12 - Zine publicada pela Contra Editora



FONTE: Publicações independentes para os tempos políticos atuais¹³

Além disso, um dos pilares da *cultura underground*¹⁴ foi sem dúvidas a zine; surgida na década de 1930 com as publicações científicas (PRADO, 2014) e, inicialmente, conhecidas como *fanzine*¹⁵, sua natureza alternativa e amadora auxiliou a difusão de bandas *punks*. Criando uma rede complexa de formas de expressão, compartilhamento e circulação (PRADO, 2014). Os criadores de zines também comumente definem-se contra a ideia de uma sociedade baseada no consumo, privilegiando mais uma vez a ideia do faça você mesmo: faça sua própria cultura e pare de consumir aquela que é feita para você. (DUNCOMBE, 2008)

¹³ Disponível em:

<https://www.vice.com/pt_br/article/kzjd53/publicacoes-independentes-para-os-tempos-politicos-atuais>. Acesso em: jun.2019

¹⁴ Expressão usada para designar um ambiente cultural que foge dos padrões comerciais, dos modismos e que está fora da mídia.

¹⁵ O termo *fanzine* é forma contraída das palavras inglesas *fanatic* e *magazine*, inicialmente se tratava de um tipo de publicação de histórias de ficção científica, mas posteriormente ampliou-se para abordar também temas em histórias de quadrinhos, terror, literatura policial, bem como música e militância política. (PRADO, 2014)

FIGURA 13 - Zines Punks britânicas dos anos 70



FONTE: Fanzines from the 1970s¹⁶

Nesse contexto, o zine ou Fanzine pode ser compreendido como uma “mídia radical” essa teoria refere-se a um tipo de mídia – geralmente em pequena escala e em muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa de políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas. (DOWNING et al., 2001)

Fanzines são veículos amplamente livres de censura, em que não há preocupações com grandes tiragens ou lucratividade e seus editores são os únicos encarregados de todo o processo de produção, incluindo escrita, edição e distribuição. Isso torna sua confecção dependente apenas da disponibilidade, do orçamento e do interesse de cada editor (CAMARGO, 2011 *apud* Magalhães, 1993).

Zines também são canais de elaboração e difusão de uma mensagem política em um veículo emocional; neles podemos encontrar um espaço onde é possível discutir as vivências e anseios de seus interlocutores, uma vez que possuem uma configuração que se posiciona no

¹⁶ Disponível em: <<https://stillunusual.tumblr.com/post/128796889996/fanzines-from-the-1970s>>. Acesso em: jun. 2019

meio termo entre uma carta pessoal e uma revista, possibilitando esse compartilhamento de experiências e visão de mundo.

Um exemplo desse fenômeno em um viés com enfoque político, por exemplo, trata-se da zine *Impeachment - Câmara dos Deputados*: A publicação transcreve e mostra na íntegra o discurso de todos os congressistas da sessão 091, do dia 17/04/16, que aprovou o prosseguimento do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, na Câmara dos Deputados, criando uma catalogação dos pronunciamentos e informando a população sobre os posicionamentos políticos dos envolvidos.

FIGURA 14 - Zine *Impeachment – Câmara dos Deputados* por Coletivo Oitentaedois



FONTE: Publicações independentes para os tempos políticos atuais¹⁷

Duncombe (2008) em seu livro *Notes from Underground: Zines and the Politics of Alternative Culture* reconhece que a vasta amplitude dos zines causa as tentativas de classificá-los em uma forma absoluta inevitavelmente apresentará falhas e lacunas, porém a partir de seus estudos ele propõe a seguintes categorizações generalistas para zines:

¹⁷ Disponível em:

<https://www.vice.com/pt_br/article/kzjd53/publicacoes-independentes-para-os-tempos-politicos-atuais>. Acesso em: jun.2019

TABELA 1 - Taxonomia da zine proposta por Stephen Duncombe (2008)

TAXONOMIA DA ZINE	
<i>Fanzines:</i>	
A maior e mais antiga categoria de zines; tendo quem argumente que todas as zines são fanzines. Basicamente, fanzines são publicações devotadas a discutir as complexidades e nuances de um gênero cultural. Dentro das fanzines existem as seguintes subcategorias:	
<p>Fanzine de Ficção Científica: Início na década de 30; são consideradas as primeiras zines a serem criadas; Hoje já não compõem o maior número de zines existentes, porém ainda constituem sólida porção do mundo das zines.</p> <p>Fanzine de Música: Podem possuir enfoque em um banda ou artista ou, mais comumente, em um gênero musical; No meio da década de 90 eram o maior gênero de zines nos Estados Unidos.</p> <p>Fanzine de Esportes: Populares no Reino Unido, onde zines sobre futebol eram parte integrante da vida esportiva; porém</p>	<p>não limitadas à um segmento esportivo, tendo sido criadas por fãs de diversas modalidades esportivas.</p> <p>Fanzine de Televisão e Filme: Focadas no mundo do entretenimento e patentemente impopulares; Horror e dramas Kitsch (cafonas) são particularmente bem representadas nessa categoria.</p> <p>Outros: Fãs de itens domésticos, sistemas de transporte público, jogos de tabuleiro e tudo mais que se pode imaginar já publicaram suas próprias zines, podendo estas terem sido feitas de forma séria ou como sátira.</p>
<p style="text-align: center;"><i>Zines Políticas:</i></p> <p>Podem ser subdivididas em duas categorias:</p> <p>Política com P maiúsculo: Abrangem desde temas tradicionalmente políticos como Anarquismo, Socialismo, Liberalismo e Facismo; até temas que abordem questões de identidade como Feminismo e cultura LGBTTTQI+</p> <p>política com p minúsculo: Não se identificam explicitamente com categorias tradicionais, porém possuem críticas políticas e culturais como seu maior enfoque</p>	<p style="text-align: center;"><i>Zines sobre Saúde:</i></p> <p>Contém receitas para alimentos saudáveis, informações sobre doenças ou medicina, vivências de pessoas com problemas de saúde mental, dicas sobre como lidar com AIDS ou com a morte, dentre outros assuntos ligados à saúde.</p>
<p style="text-align: center;"><i>Zines Pessoais, ou “perzines”:</i></p> <p>Diários pessoais abertos ao público, notas sobre a vida do dia a dia, pensamentos e experiências do escritor.</p>	<p style="text-align: center;"><i>Zines sobre Sexo:</i></p> <p>Abrangem assuntos relacionados com os espectros da sexualidade, BDSM, exótica, fotografias, etc; para todas as propensões sexuais.</p>
<p style="text-align: center;"><i>Zines de Cenas:</i></p> <p>Contém novidades e comentários sobre a “cena” underground da área do escritor</p>	<p style="text-align: center;"><i>Zines sobre Viagem:</i></p> <p>Comumente no formato de “diários de viagem”, essas zines são travelogues de quem procura explorar o mundo de formas baratas</p>
<p style="text-align: center;"><i>Zines de Network:</i></p> <p>Concentradas em promover reviews e divulgações de outras zines, música, art e outras culturas underground. Servem como pontos nodais para a diáspora boêmia</p>	<p style="text-align: center;"><i>Comix:</i></p> <p>Histórias em quadrinho undergrounds, sobre os mais variados temas</p>

<p><i>Zines de Fringe Culture:</i></p> <p>Cobrem teorias sobre assassinatos, OVINIs e serial killers. Elas lidam com temáticas comuns a tabloids porém as exploram de maneira muito mais aprofundada e podem ser até bem humoradas</p>	<p><i>Zines de Literatura:</i></p> <p>Apresentam trabalhos literários originais em contos, crônicas ou poesias</p>
<p><i>Zines Religiosas:</i></p> <p>Bruxas, Pagãos, Cristãos renascidos - e também religiões de zombaria como a Church of the SubGenius e Moorish Science - todos publicam zines para os fiéis e rebeldes.</p>	<p><i>Zines sobre Arte:</i></p> <p>Contem colagens de mídias impressas, fotografias, desenhos, etc; podem formar uma comunidade de criadores através da troca de artes por seus criadores.</p>
<p><i>Zines Vocacionais:</i></p> <p>Contam histórias sobre a vida trabalhadora, podendo estas abranger desde relatos sobre trabalhos temporários ou com escrita, até trabalhos com geometria fractal.</p>	<p><i>Outros:</i></p> <p>Uma grande categoria composta de todas as zines que não podem ser encaixadas em uma classificação específica.</p>

FONTE: Livro *Notes from Underground: Zines and the Politics of Alternative Culture*. Reprodução da autora.

Zines são produtos únicos, de caráter experimental, sendo um projeto do tipo "faça você mesmo"¹⁸ no qual permite seus criadores aprenderem que, se não gostarem dos produtos culturais que lhes são oferecidos, eles mesmos podem produzir os seus próprios, tornando-os consumidores mais críticos de produtos culturais e levando-os a se sentirem mais capacitados para expressar suas próprias ideias e opiniões. Não obstante, a criação e compartilhamento de zines pode resultar em um espaço para difusão de ideias e opiniões que não são, necessariamente, aceitas pelo aparato midiático, questionando, assim, o *status quo*.

¹⁸ Do inglês: *Do it yourself (DIY)*, é uma nomenclatura utilizada para caracterizar um método de construção, modificação ou reparação de coisas sem a ajuda direta de especialistas ou profissionais. O Do it Yourself ganhou força a partir do cenário punk underground, em que bandas e músicos contavam com uma produção completamente independente. Além disso, o conceito de DIY é muito associado às ideias anticapitalistas e anti consumistas, que incentivam ideia de que a cada pessoa deva ser capaz de produzir o que consome.

7 METODOLOGIA

A presente pesquisa possui natureza projetual, portanto, são necessários dois grandes momentos: um momento inicial de pesquisa científica para validação do trabalho seguido do momento projetual em si.

7.1 Metodologia de Pesquisa

Para esta pesquisa científica, a metodologia definida possui abordagem qualitativa, apresentando uma análise subjetiva e interpretativa da amostra selecionada pela própria pesquisadora. A pesquisa possui natureza original, uma vez que não foram encontrados outros trabalhos que lidem diretamente com o mesmo assunto abordado, porém se baseia fortemente em leituras de assuntos adjacentes, conformando-se como um recorte de três pilares de fundação: *tatuagem, design e a figura do feminino*. Tem como um dos objetivos a descrição e análise de produtos que tematizam, no espaço do Design Editorial, a Tatuagem, apresentando interpretações sobre o assunto. Para tanto, o procedimento adotado é majoritariamente bibliográfico-documental. A pesquisa faz uso de revisão da literatura para gerar uma base sólida de trabalho, mas, por tratar de um assunto que bebe diretamente de movimentos sociais contraculturais, também se fez necessária a pesquisa em fontes documentais como documentários e entrevistas com artistas do ramo.

O *corpus* inicial do trabalho foi decidido após pesquisas entre as revistas de tatuagem de maior circulação na atualidade, assim, as revistas *Inked* foram selecionadas. Logo foi percebido que a mesma possuía três vertentes: *Inked Magazine, Freshly Inked e Inked Girls*; a primeira se caracteriza como uma revista para homens e mulheres que amam a cultura, estilo e arte de tatuar, a segunda traz a proposta de ser um livro de inspirações para quem quer se tatuar, já a última, selecionada como *corpus* oficial da pesquisa, traz fotos apenas de mulheres e, em oposição a primeira – que busca apresentar a história por trás dos designs –, ela foca em apresentar as mais *sexy* e tatuadas “garotas comuns”. Foi selecionada para a pesquisa por tratar-se de um exemplo primordial da cultura na qual mulheres encontram-se apresentadas como corpos em oposição a pessoas.

Em um segundo momento, foram analisadas zines com temática feminista: <woman> e *Naive*. A seleção desse *corpus* se deu através de pesquisas no site de portfólios *Behance* - mecanismo de busca selecionado por tratar-se de um site com um extenso catálogo de projetos de design gráfico -; tendo as zines selecionadas se destacado em relação a respostas gráficas e conceituais trazidas para seus conteúdos.

Para a realização da análise foi utilizada a metodologia proposta por Cardoso e Pacheco (2017) no artigo *Método de análise semiótica na perspectiva do design*, que tem como base estudos semióticos de Morris (1946, 1976) e Gadamer (2015), mas propõe uma abordagem clara e simplificada.

TABELA 2 - Método completo proposto pelo artigo *Método de análise semiótica na perspectiva do design*

	<u>sintaxe</u>	<u>semântica</u>	<u>pragmática</u>
<u>geral</u>	① <i>sintática geral</i>	② <i>semântica geral</i>	⑥ <i>pesquisa pragmática</i>
<u>detalhes</u>	③ <i>sintática detalhada</i>	④ <i>semântica detalhada</i>	
<u>geral</u>	⑤ <i>síntese sintática</i>	⑤ <i>síntese semântica</i>	⑦ <i>síntese pragmática</i>
	⑧ <i>inferências finais</i>		

FONTE: Reprodução da autora

O método proposto é composto por oito etapas, mas para o trabalho realizado só foi seguido linearmente até a etapa quatro, foram puladas as etapas referentes à dimensão pragmática, uma vez que a mesma exigiria um estudo de recepção, algo que não é o enfoque desta pesquisa. Por fim, foi realizada a etapa oito que gerou as diretrizes para o projeto.

TABELA 3 - Metodologia adaptada do artigo *Método de análise semiótica na perspectiva do design*

	<u>sintaxe</u>	<u>semântica</u>
<u>geral</u>	① <i>sintática geral</i>	② <i>semântica geral</i>
<u>detalhes</u>	③ <i>sintática detalhada</i>	④ <i>semântica detalhada</i>
	⑥ <i>inferências finais</i>	

FONTE: Reprodução da autora

7.2 Metodologia Projetual

Para o segundo momento, a metodologia projetual abordada será uma adaptação do método de Bruno Munari (1991) para um projeto editorial, utilizando-se das etapas propostas pelo autor para encaixar os momentos singulares da concepção de um projeto gráfico editorial.

TABELA 4 - Metodologia de projeto Bruno Munari

<u>metodologia projetual bruno munari</u>	
<i>problema</i>	<u>P</u>
<i>definição do problema</i>	<u>DP</u>
<i>componentes do problema</i>	<u>CP</u>
<i>recolhimento de dados</i>	<u>RD</u>
<i>análise de dados</i>	<u>AD</u>
<i>criatividade</i>	<u>C</u>
<i>materiais e tecnologias</i>	<u>MT</u>
<i>experimentação</i>	<u>E</u>
<i>modelo</i>	<u>M</u>
<i>verificação</i>	<u>V</u>
<i>solução</i>	<u>S</u>

FONTE: Reprodução da autora

7.2.1 Metodologia adaptada

Para chegar até a metodologia adaptada, foram realizadas leituras que destrincharam um projeto gráfico editorial passo a passo e tais passos foram distribuídos pela metodologia, de forma a criar abarcar com especificidade a realização dos próximos passos do trabalho.

TABELA 5 - Metodologia de projeto Bruno Munari adaptada

<u>metodologia projetual bruno munari (adaptada)</u>		
problema	P	<i>pergunta de pesquisa</i>
definição do problema	DP	<i>justificativa contextualização objetivos</i>
componentes do problema	CP	<i>fundamentação teórica</i>
recolhimento de dados	RD	<i>definição do corpus</i>
análise de dados	AD	<i>análise de similares</i>
criatividade	C	<i>rede semântica moodboard mapa de referência coleta e definição de conteúdo</i>
materiais e tecnologias	MT	<i>formas de impressão definição de materiais</i>
experimentação	E	<i>início do espelho testes de formato testes de grid testes linguagem visual</i>
modelo	M	<i>identidade gráfica definição fotográfica</i>
verificação	V	<i>testes de impressão</i>
solução	S	<i>apresentação</i>

FONTE: Reprodução da autora

8 CRONOGRAMA

	ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul
<u>definição do problema</u>	♦	♦										
<i>justificativa</i>	♦	♦										
<i>contextualização</i>	♦	♦										
<u>componentes do problema</u>		♦	♦									
<i>fundamentação teórica</i>		♦	♦									
<u>coleta de dados</u>				♦			♦					
<i>definição de corpus</i>				♦			♦					
<u>análise dos dados</u>				♦	♦	♦	♦	♦				
<i>análise de similares</i>				♦	♦	♦	♦	♦				
<u>criatividade</u>								♦	♦			
<i>rede semântica</i>								♦	♦			
<i>moodboard/mapa de referências</i>								♦	♦			
<i>coleta e definição de conteúdo</i>								♦	♦			
<u>materiais e tecnologias</u>									♦			
<i>definição de forma de impressão</i>									♦			
<i>definição de materiais</i>									♦			
<u>experimentação</u>										♦		
<i>início do espelho</i>										♦		
<i>testes de formato</i>										♦		
<i>testes de grid</i>										♦		
<i>testes de linguagem visual</i>										♦		
<u>modelo</u>											♦	
<i>identidade gráfica</i>											♦	
<i>escolhas tipográficas</i>											♦	
<i>escolha do estilo de fotografia</i>											♦	
<u>verificação</u>											♦	
<i>testes de impressão</i>											♦	
<u>solução</u>												♦
<i>apresentação</i>												♦

9 ANÁLISE DE CASOS

Com a análise de tais publicações, apresenta-se uma reflexão sobre os modos de como a figura feminina é expressa em publicações sobre tatuagem, sendo esta uma realidade que precisa ser estudada e problematizada na sociedade atual. Para isto, foram realizados dois momentos de análise diferentes, no primeiro momento foi realizada uma análise crítica de duas edições de uma das maiores revistas de tatuagem que ainda encontram-se em circulação no momento atual: A *Inked Magazine*, das quais foram buscadas analisar as percepções de figura feminina passadas pela publicação periódica em contraponto à forma como a figura masculina é enfatizada nas mesmas.

Em seguida, foram realizadas análises de zines com temática feminista – não necessariamente com enfoque na tatuagem – para extrair como essa figura feminina é explorada em publicações com o olhar e público prioritariamente feminino, e de maneiras as decisões gráficas presentes nessas zines podem ter auxiliado na expressão dessas questões intrínsecas à vivência feminina.

A importância da análise de duas peças tão tematicamente opostas, se dá pela necessidade de, em primeiro momento expor o cenário atual com relação à tatuagem, uma vez que a revista *Inked* é uma das maiores revistas em circulação ainda hoje ela ilustra bastante do cenário atual. E, então esse cenário é confrontado com as formas uma publicação independente em uma mídia radical, porque elas expõem como é a forma do pensar a figura feminina quando a mesma encontra-se sobre o olhar e o público feminino.

9.1 Análise Geral Revista *Inked magazine*

Trata-se da revista carro-chefe da marca guarda-chuva *Inked* localizada em Nova Iorque - NY. A publicação contém uma média de 82 páginas divididas na seguinte estrutura:

- Capa;
- Sumário (01 pg);
- Contribuidores (01 pg);
- Propagandas (média de 27 pg/revista);
- Contents (01 pg);
- Inkwell (Editorial - 02 pg);

- Cartas do leitor (01 pg);
- Culture (Drops - 03 pg);
- Matéria de Capa (06 pg);
- Arte (03 pg);
- 04 Mini entrevistas com tatuadores (01 pg/cada)
- Total de 12 matérias/entrevistas

A revista tem como objetivo ser um guia de Cultura, Estilo e Arte para pessoas que apreciam a arte da Tatuagem. Tem como público-alvo homens heterossexuais, jovens e tatuadores, ou admiradores da arte de tatuagem. O conteúdo da revista é composto, majoritariamente, por entrevista com tatuadores e tatuados, além de propagandas para esse público específico.

Para a presente pesquisa serão feitas as análises das capas das edições 91 e 92 da revista, bem como as matérias de capa e uma matéria que apresente um entrevistado masculino, com o objetivo de apresentar um contraponto sobre a representatividade feminina na revista. O recorte apresentado foi selecionado pois as duas revistas selecionadas são edições, relativamente recentes, com temáticas bem definidas que norteiam seus conteúdos, trazendo uma unidade formal entre as matérias, o que permite ilustrar de forma mais clara os paralelos entre as análises selecionadas. É importante, também, reforçar que os critérios de análise tem enfoque majoritariamente visual (gráfico e de diagramação) e não textual, do corpus.

9.1.1 INKED - Edição 91

CAPA

FIGURA 15 - Capa da edição de número 91 da Revista *Inked*



FONTE: Revista *Inked* edição 91 (2018)

ANÁLISE SINTÁTICA GERAL

Trata-se da capa da revista *Inked Magazine* referente ao bimestre de Maio/Junho de 2018.

Composta por elementos textuais (Marca e *tagline* da Revista; tema da edição; nomes de cinco aparecimentos da revista) e gráficos (código de barras) diagramados sobre a fotografia de uma mulher tatuada (matéria de capa); trajando um maiô preto com a alça caída; olhando fixamente para a câmera com uma projeção duotone ao fundo.

A foto ocupa toda a capa, estando a modelo ocupando o espaço referente ao centro e à direita

ANÁLISE SEMÂNTICA GERAL

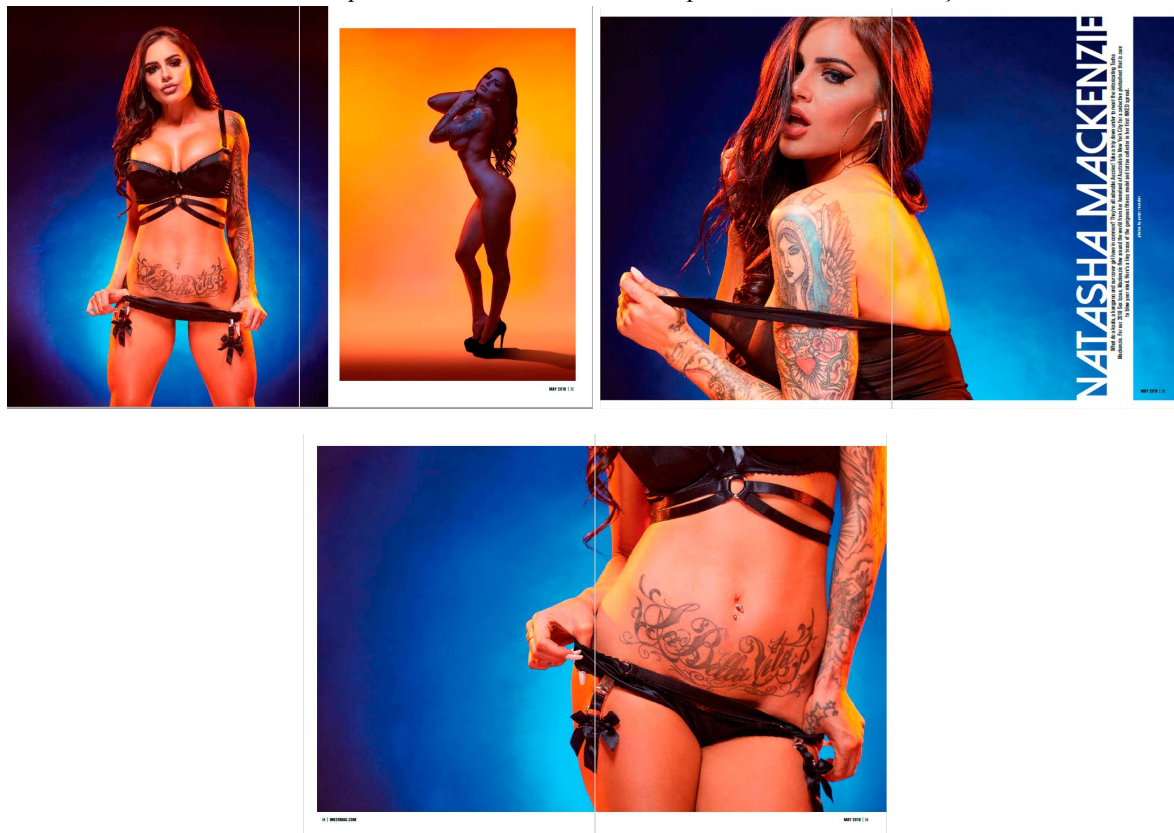
A revista apresenta sua temática da edição “The Sex Issue” logo de início, a palavra “Sex” é apresentada de forma destacada, de forma a apelar ao público que se interessa pelo assunto.

A modelo extremamente produzida, em pose provocativa e com a alça do maiô caída, reforça o conteúdo sensual da revista, apelando ao seu público através da objetificação e exposição do corpo feminino.

da imagem, deixando toda a informação ao lado esquerdo da imagem.		
ANÁLISE SINTÁTICA DETALHADA		ANÁLISE SEMÂNTICA DETALHADA
<i>Texto</i>	<p>Texto concentrado em coluna na parte esquerda da capa acompanhando a silhueta da mulher que ocupa o restante da foto.</p> <p>Os textos, fora o nome da revista, encontram-se em rosa e azul, variando o peso da fonte entre um e outro.</p> <p>O código de barras, assim como as informações técnicas da revista, se encontram no canto inferior da página.</p>	<p>A relação texto-imagem reforça as curvas da modelo, levando o olhar o espectador para o corpo da mesma.</p> <p>A Marca da revista, em preto, aparece em local fixo e privilegiado pela leitura na publicação, de forma a gerar um reconhecimento instantâneo dos leitores na hora de visualizar a revista entre diversos outros números na banca.</p> <p>A temática da revista encontra-se em evidência tanto de forma/tamanho, como na hierarquia de leitura, vindo acima dos nomes de cinco das pessoas entrevistadas na edição. A mesma apresenta o contraste de cor e fundo. A palavra “sex” vem diagramada de forma livre, em diagonal, passando tom de informalidade e divertimento que é comumente associado à conversas sobre sexo entre amigos.</p>
<i>Composição</i>	<p>Fundo de estúdio em rosa com detalhe para o rosto da mulher em translúcido azul</p> <p>A modelo ocupa o terço central e direitos da foto</p>	<p>O reflexo de luz quente sobre a modelo, bem como o detalhe de fundo, evidenciam que a capa se trata de uma montagem. A escolha de cores para compor a imagem (azul claro e rosa), passam ideia de pureza, sendo antítese da pose da modelo e demais</p>
<i>Fotografia</i>	<p>Modelo usa maiô preto cavado com a alça caída.</p> <p>Pose lateral com cabeça voltada para cima olhando para a esquerda, diretamente para a câmera, com a boca entreaberta, erguendo o ombro</p>	<p>A modelo olha diretamente para a câmera com expressão provocativa, como que convidando o observador a chegar mais perto e levar a revista – e, consequentemente, ela – consigo.</p> <p>Ela usa um maiô preto com a alça caindo sob o ombro pondo em uma pose que destaca a tatuagem do braço e ombro e a cava do maiô mostra uma tatuagem descendo da barriga, dando apenas um vislumbre de sua tatuagem e atizando a curiosidade do leitor para revelar o resto.</p>

MATÉRIA DE CAPA

FIGURA 16 - Spreads relativos à Matéria de capa da Revista *Inked* edição 91



FONTE: Revista *Inked* edição 91 (2018). Reprodução da autora

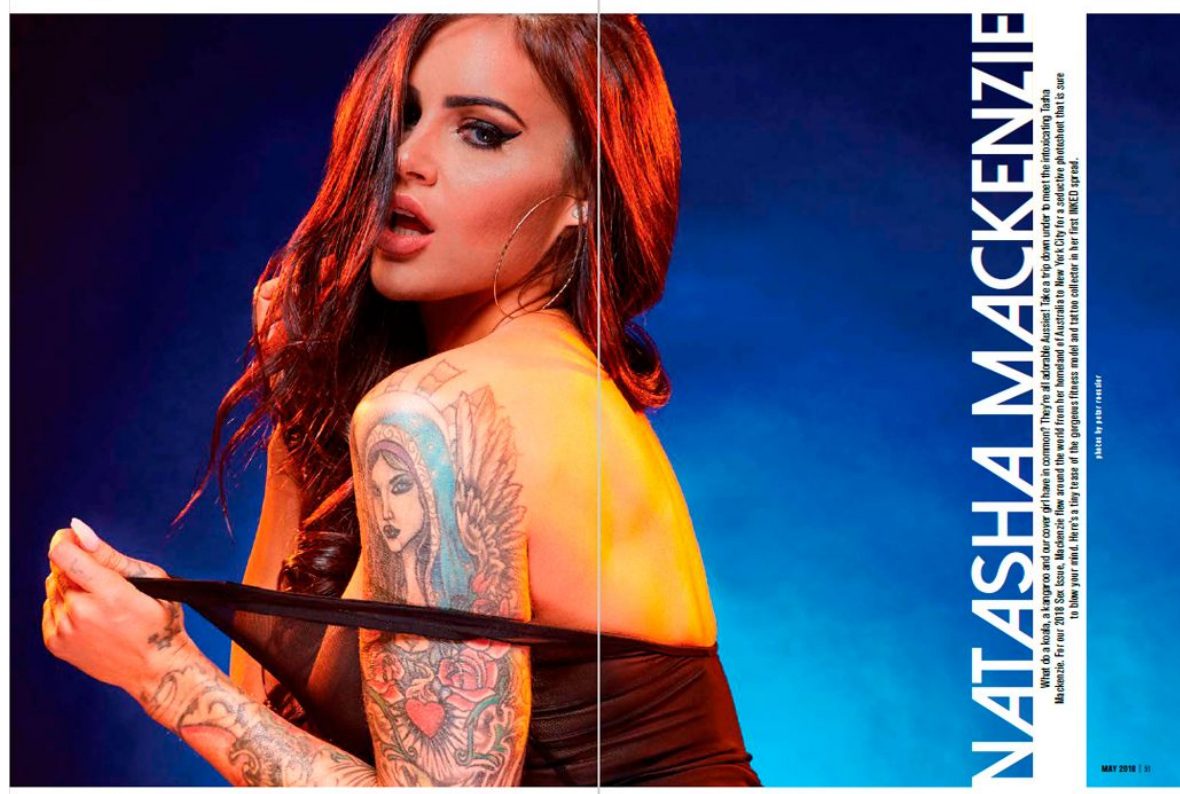
ANÁLISE SINTÁTICA GERAL

Modelo morena, produzida, com lingerie preta ou nenhuma peça de roupa.
 O fundo transita entre azul e laranja.
 A modelo possui unhas compridas, tatuagens por todo o braço e antebraço esquerdo, bem como na parte inferior de sua barriga. Sobre ela são projetadas duas luzes – quando no fundo de cor fria – é projetada uma luz de cor quente (laranja) e, – quando no fundo de cor quente – é projetada uma luz azul escura.

ANÁLISE SEMÂNTICA GERAL

As poses performadas pela modelo, bem como sua expressão, claramente estão ali de forma a instigar uma reação do leitor. Mesmo que, supostamente, o enfoque da matéria de capa devesse ser nas tatuagens da modelo, as mesmas não necessariamente encontram-se em valorização, dividindo o espaço com a provocação resultada pela pose sugestiva da modelo.
 O jogo de cores complementares é utilizado de forma a trazer mais destaque para as formas da modelo.

FIGURA 17 - Matéria de capa da Revista *Inked* edição 91



FONTE: Revista *Inked* edição 91 (2018)

ANÁLISE SINTÁTICA DETALHADA		ANÁLISE SEMÂNTICA DETALHADA
<i>Texto</i>	<p>A matéria de capa possui como único texto o título e uma breve explicação sobre quem é a modelo.</p> <p>O texto ocupa o terço direito da foto, escrito verticalmente</p>	<p>O texto ocupa um espaço ocioso da foto, sendo a última coisa que o leitor percebe na página segundo a ordem de leitura.</p> <p>O fato do texto estar virado na vertical, apesar de prejudicar a leitura, confere o papel de, também, ser uma forma gráfica.</p>
<i>Composição</i>	<p>A modelo se situa à esquerda ocupando cerca de dois terços da foto e ao fundo iluminado azul de estúdio</p>	<p>A foto mais uma vez possui total enfoque na modelo, se aplicado a regra dos terços de enquadramento é possível constatar que o rosto da mulher – em especial sua boca – encontra-se próximo do local referente ao ponto focal que seria o terço superior esquerdo da foto.</p>
<i>Fotografia</i>	<p>A modelo usa blusa semi transparente e brincos grandes de argola, ela puxa a alça da blusa por cima do ombro e se inclina para a esquerda olhando diretamente para a câmera com a boca semi aberta e o rosto inclinado para a esquerda.</p>	<p>A modelo apresenta novamente o olhar sedutor, direto para a câmera, dialogando de forma direta com o espectador.</p> <p>A relação de boca aberta pode evocar a ideia de surpresa, como se a mesma tivesse sido pega desprevenida se despindo, noção essa que brinca com o fetiche do imaginário masculino.</p>

FIGURA 18 - Matéria de capa da Revista *Inked* edição 91



FONTE: Revista *Inked* edição 91 (2018)

ANÁLISE SINTÁTICA DETALHADA		ANÁLISE SEMÂNTICA DETALHADA	
<i>Texto</i>	<p>A modelo ocupa a porção central de cada foto, não há texto no <i>spread</i>¹⁹ atual, apenas imagens.</p>	<p>O fato de não haver mais nenhum elemento em foto reforça a atenção na modelo, que posa de forma a deixar suas tatuagens em primeiro plano. Mesmo assim, questões de foco e iluminação continuam a evidenciar o corpo da mesma e sua pose provocativa como informação principal passada.</p>	
<i>Fotografia</i>	<p>À esquerda, a modelo utiliza lingerie preta, com as mãos sobre a calcinha, ela posa de frente, jogando os braços para trás mostrando as tatuagens nos braços e na parte inferior da barriga. olhando diretamente para a câmera com feições sérias.</p> <p>À direita, a modelo posa nua, exceto por um par de saltos, a pose corporal sendo a única coisa que lhe “censura”.</p>	<p>A escolha de roupa da modelo na foto à esquerda poderia ser justificada pela “necessidade” de descobrir todas as tatuagens da mesma, porém o caimento apertado (evidenciando seus seios) da mesma passa a imagem que a mulher é voluptuosa demais para mesmo sua lingerie.</p> <p>À direita a modelo encontra-se nua, fato que não é um problema em si até sua pose ser analisada: o salto altíssimo que empina o bumbum, as costas arqueadas que afinam a cintura e os braços mal fazendo papel de censura dos seios todos evidenciam e sexualizam o corpo retratado de</p>	

¹⁹ Um *spread* é definido por duas páginas de uma publicação que se encontram lado a lado e funcionam em unidade.

		<p>forma quase predatória, como algo que está ali apenas para olhos do observador.</p>
--	--	--

FIGURA 19 - Matéria de capa da Revista *Inked* edição 91



FONTE: Revista *Inked* edição 91 (2018)

	ANÁLISE SINTÁTICA DETALHADA	ANÁLISE SEMÂNTICA DETALHADA
<p><i>Composição</i></p>	<p>A fotografia ocupa todo o <i>spread</i>, com foco na cintura da modelo, que ocupa cerca de cinco oitavos do espaço.</p>	<p>O recorte dá enfoque às tatuagens da modelo, tanto a de foco primário localizada no seu abdômen quanto as do braço, em foco secundário. O recorte do foco somado à posição de mãos da modelo sobre sua lingerie reforça seu caráter sensual e dissocia a imagem da modelo de uma pessoa.</p>

MATÉRIA MASCULINA - CONTRAPONTO

FIGURA 20 - *Spreads* relativos à matéria masculina Revista *Inked* edição 91



FONTE: Revista *Inked* edição 91 (2018). Reprodução da autora

ANÁLISE SINTÁTICA GERAL		ANÁLISE SEMÂNTICA GERAL	
<i>Texto</i>	<p>O texto de título da matéria aparece com tipografia em caixa alta, com intervenções gráficas sobre as letras. Para a entrevista o texto se localiza à direita do segundo <i>spread</i> apresentado, já no terceiro, o texto se localiza em sobreposição da foto do modelo.</p>	<i>Composição</i>	<p>O rosto do modelo tende a preencher todo o enquadramento da foto, são realizadas manipulações de imagem com sua foto em um os <i>spreads</i> da matéria.</p>
	<p>O título da matéria reforça valores de poder ao caracterizar o entrevistado como <i>Almighty</i> (do inglês, “onipotente”, o “todo poderoso”). A intervenção gráfica no texto confere ainda mais dimensão a essa alegoria de poder. O volume total de texto da presente entrevista é várias vezes superior ao volume de texto da anteriormente analisada. Pode-se, assim, inferir que o que o entrevistado masculino têm a dizer é priorizado sobre o que a própria modelo da capa poderia ter acrescentar.</p>		<p>A manipulação de imagem feita com a foto do entrevistado e imagens de chamas traz o referencial de força e periculosidade, firmando-o como um indivíduo que deve ser tratado como tal.</p>

<i>Fotografia</i>	<p>O modelo é olha diretamente para a câmera com pouca ou nenhuma expressão no rosto. O mesmo utiliza colares e brincos prateados, com a cabeça quase sempre levemente inclinada para baixo e olhando de canto de olho para a câmera.</p>	<p>O olhar fixo, quase entediado, do entrevistado é o ponto focal de quase todos os spreads, e passam ideia de controle da situação, como se o mesmo estivesse quase observando o leitor de volta. Os acessórios indicam diretamente uma situação de status, sem necessitar de outros tipos de alegorias na foto.</p>
-------------------	---	---

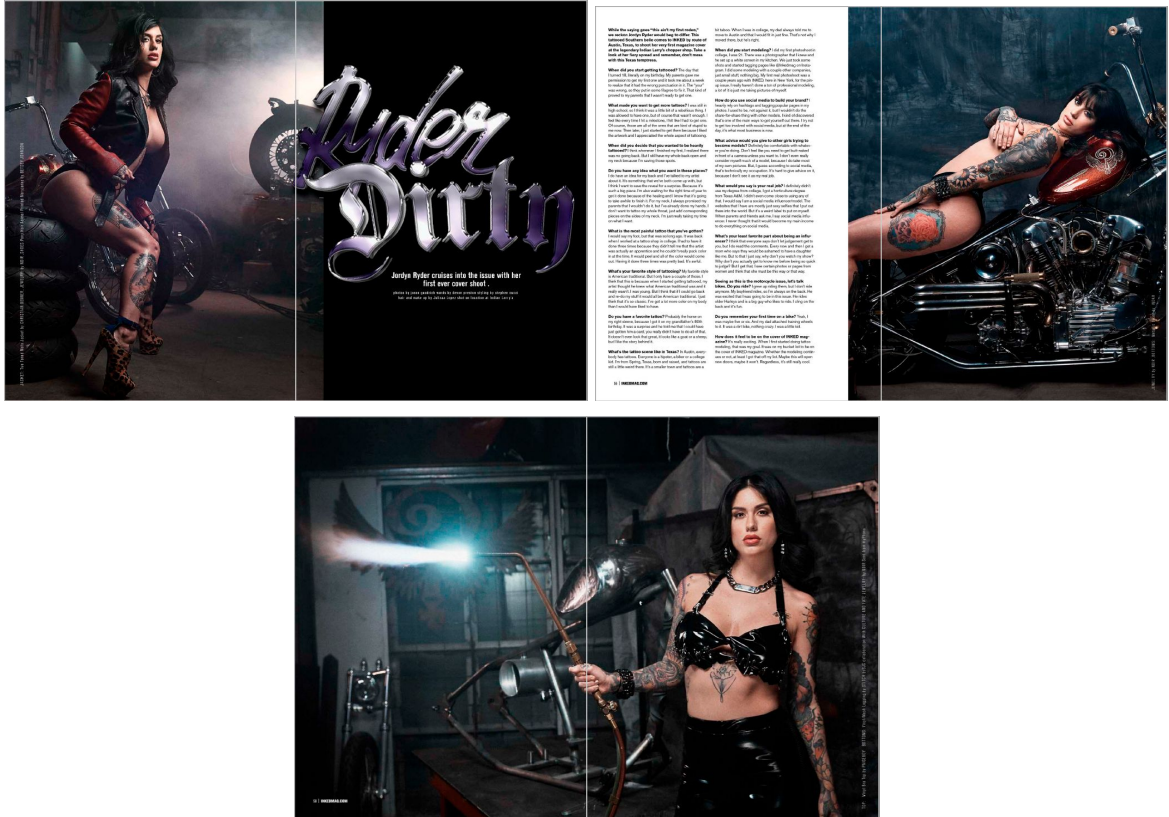
9.1.2 INKED - Edição 92

CAPA	
<p>FIGURA 21 - Capa da edição de número 92 da Revista <i>Inked</i></p> 	
<p>FONTE: Revista <i>Inked</i> edição 92 (2018)</p>	
ANÁLISE SINTÁTICA GERAL	ANÁLISE SEMÂNTICA GERAL
<p>Trata-se da capa da revista <i>Inked Magazine</i> referente ao bimestre de Julho/Agosto. Composta por elementos textuais (Marca e</p>	<p>A revista apresenta sua temática da edição “The Moto Issue” logo de início, a palavra “Moto” encontra-se em caixa alta e tipografia branca, de</p>

<p><i>tagline</i> da Revista; tema da edição; nomes de seis dos entrevistados da revista) e gráficos (código de barras) diagramados sobre a fotografia de uma mulher tatuada (matéria de capa); semi nua; em cima de uma moto e olhando fixamente para a câmera.</p> <p>A foto ocupa toda a capa, estando a modelo ocupando o espaço referente ao centro e à direita da imagem, deixando toda a informação ao lado esquerdo da imagem.</p>		<p>forma a se destacar do fundo escuro da imagem.</p> <p>A manutenção do local onde são expostos os elementos textuais da capa é um recurso usado para reforçar a presença da revista para com seus leitores, facilitando as formas de detectá-la em meio a diversos outros números em uma banca ou livraria.</p> <p>A temática de motorização da revista pediu por uma direção de fotografia que opta por um ambiente cheio de informações de uma oficina de veículos automotivos.</p>
ANÁLISE SINTÁTICA DETALHADA		ANÁLISE SEMÂNTICA DETALHADA
<i>Texto</i>	<p>Texto concentrado em coluna na parte esquerda da capa, quase acompanhando a silhueta das costas da mulher que ocupa o restante da foto sentada em uma moto.</p> <p>Os textos, encontram-se em rosa e branco, variando o peso da fonte entre um e outro.</p> <p>O código de barras, junto com as informações técnicas da revista se encontram no canto inferior da página</p>	<p>A relação texto-imagem reforça as curvas da modelo, levando o olhar o espectador para o corpo da mesma.</p> <p>A Marca da revista, em branco, aparece em local fixo e privilegiado pela leitura na publicação, de forma a gerar um reconhecimento instantâneo dos leitores na hora de visualizar a revista entre diversos outros números na banca.</p> <p>A temática da revista encontra-se em evidência tanto de forma/tamanho, como na hierarquia de leitura, vindo acima dos nomes de cinco das matérias da edição. A cor branca, selecionada para a maior parte dos textos da capa contrasta com o fundo escuro e é uma decisão tomada em busca de otimizar a leitura.</p>
<i>Composição</i>	<p>A modelo ocupa a maior parte da foto se situando à direita e o texto é exibido na coluna da esquerda</p> <p>Ela posa com uma parede preta texturizada ao fundo</p>	<p>A escolha de ambiente para a foto é amplamente influenciada pelo imaginário de uma oficina automotiva, gerado pelo tema da edição em questão.</p> <p>A foto apresenta alto contraste entre figura e fundo, outro artifício utilizado para delinear a forma feminina da modelo sentada sobre a moto.</p>
<i>Fotografia</i>	<p>A modelo usa lingerie cinza, bem como pulseira e colares</p> <p>Ela posa montada em uma moto virada para a direita, olhando para a câmera, com os braços posicionados sobre o guidão ao mesmo tempo simulam a pose adotada ao se dirigir uma moto e ajudam a “censurar” seus seios.</p>	<p>A pose de costas arqueadas da modelo reforça mais uma vez a noção de que seu corpo está ali para desejado pelo olhar de seu espectador. O mesmo tempo, ela estar montada em uma moto, provavelmente da marca <i>Harley Davidson</i> - famosa entre os amantes de motos por sua potência e qualidade -, confere um peso e imponência à imagem.</p>

MATÉRIA DE CAPA

FIGURA 22 - Spreads relativos à Matéria de capa da Revista *Inked* edição 92



FONTE: Revista *Inked* edição 92 (2018). Reprodução da autora

ANÁLISE SINTÁTICA GERAL

Modelo morena, produzida, com lingerie preta e alguns outros artigos em couro e vinil. O fundo da foto apresenta uma oficina de veículos automotivos. A modelo possui unhas compridas, tatuagens por ambos os braços, bem como em suas pernas e no torso. Ela aparece interagindo de formas diferentes com os objetos da oficina.

ANÁLISE SEMÂNTICA GERAL

Novamente, as poses performadas pela modelo, bem como sua expressão claramente estão ali de forma a instigar uma reação do leitor. Mesmo se tratando de uma entrevista com a modelo, a mesma se concentra em apenas uma das seis páginas dedicadas à matéria. As tatuagens da modelo dividem o espaço com a provocação resultada pelas poses sugestivas da mesma.

FIGURA 23 - Matéria de capa da Revista *Inked* edição 92



FONTE: Revista *Inked* edição 92 (2018)

ANÁLISE SINTÁTICA DETALHADA		ANÁLISE SEMÂNTICA DETALHADA	
<i>Texto</i>	<p>O título da entrevista aparece em destaque, preenchendo boa parte do lado direito do primeiro <i>spread</i> da matéria.</p>	<p>A tipografia escolhida para o título possui inspirações góticas, sendo um estilo de lettering de aparência forte, muitas vezes utilizado em tatuagens tradicionais e fortemente tratado para se assemelhar a algo em 3D.</p> <p>Essa estética pesada é muito presente também no campo semântico de motociclistas e gangues.</p>	
<i>Composição</i>	<p>A fotografia preenche pouco mais da metade do <i>spread</i>. A mesma retrata um ambiente com, pneus, motos e muita fumaça, estando a modelo localizada ao lado esquerdo da imagem e apoiada sobre uma pilha de pneus.</p>	<p>A modelo se encontra em primeiro plano, em posição de destaque com relação ao movimento de leitura. Ao fundo as motos, pneus e demais objetos do ambiente implicam que o mesmo trata-se de uma oficina automotiva.</p> <p>A fumaça no ar passa uma leitura de que a oficina pode estar em funcionamento, gerando uma leitura no imaginário do observador de que a modelo poderia ter sido encontrada trabalhando no ambiente em questão.</p>	

Fotografia	<p>A modelo encontra-se vestida em uma jaqueta de couro preta com mangas vermelhas, calcinha preta e sapato de salto alto de estampa animal. Ela posa se apoiando em uma pilha de pneus com a jaqueta aberta olhando para a câmera.</p>	<p>A jaqueta de couro, por si só, possui um potencial de transmitir imponência e agressividade, contudo no contexto em que a modelo veste apenas a mesma e lingerie, esse efeito é amenizado, sendo a mensagem geral passada muito mais sensual que de força em si.</p>
------------	---	---

FIGURA 24 - Matéria de capa da Revista *Inked* edição 92

<p>While the saying goes "this ain't my first rodeo," we reckon Andy's rodeo would be different. This tattooed Southern belle comes to INKED by route of Austin, Texas, to shoot her very first magazine cover at the legendary Indian Larry's chopper shop. Take a look at her fiery spread and remember, don't mess with this Texas temptress.</p> <p>When did you start getting tattooed? The day that I turned 18, literally on my birthday. My parents gave me permission to get my first one and I took me about a week to realize that it had the wrong pronunciation. The "you" was wrong, so they put in some flags to fix it. That kind of proved to my parents that I wasn't ready to get one.</p> <p>What made you want to get more tattoos? I was still in high school, so I think it was a little bit of a rebellious thing. I was allowed to have one, but of course that wasn't enough. I feel like every time I get a tattoo, I feel like I had to get one. Of course, those are all of the ones that are kind of stupid to me now. Then later, I just started to get them because I liked the artwork and I appreciated the whole aspect of tattooing.</p> <p>When did you decide that you wanted to be heavily tattooed? I think whenever I finished my first, I realized there was no going back. But I still have my whole back open and my neck because I'm saving those spots.</p> <p>Do you have any ideas what you want in these places? I do have an idea for my back and I've talked to my artist about it. It's something that we've both come up with, but I think I want to save the reveal for a surprise. Because it's such a big piece. I'm also waiting for the right time of year to get it done because of the healing and I know that it's going to take awhile to finish it. For my neck, I always promised my parents that I wouldn't do it, but I've already done my hands. I don't want to tattoo my whole throat, just add corresponding pieces on the sides of my neck. I'm just really taking my time on what I want.</p> <p>What is the most painful tattoo that you've gotten? I would say my foot, but that was so long ago. I was back when I worked at a tattoo shop in college. I had to have it done three times because they didn't tell me that the artist was actually an apprentice and he couldn't really pick color in at the time. It would peel and all of the color would come out. Having it done three times was pretty bad. It's awful.</p> <p>What's your favorite style of tattooing? My favorite style is American traditional. But I only have a couple of those. I think that is because when I started getting tattooed, my artist thought he knew what American traditional was and it really wasn't. I was young. But I think that if I could go back and re-do my stuff, I would do more American traditional. I just think that it's so classic. I've got a lot more color on my body than I would have had to have.</p> <p>Do you have a favorite tattoo? Probably the horse on my right sleeve, because I got it on my grandfather's 80th birthday. It was a surprise and he told me that I could have just gotten him a card, you really didn't have to do all of that. It doesn't even look that great, it looks like a goat or a sheep, but I like the story behind it.</p> <p>What's the tattoo scene like in Texas? In Austin, everybody has tattoos. Everyone is a hipster, a biker or a college kid. I'm from Sperry, Texas, born and raised, and tattoos are still a little weird there. It's a smaller town and tattoos are a</p>	<p>bit taboo. When I was in college, my dad always told me to move to Austin and that I would fit in just fine. That's not why I moved there, but he's right.</p> <p>When did you start modeling? I did my first photoshoot in college, I was 21. There was a photographer that I knew and he set up a white screen in my kitchen. We just took some shots and started tagging pages like @inkedmag on Instagram. I did some modeling with a couple other companies, just small stuff, nothing big. My first real photoshoot was a couple years ago with INKED, here in New York, for the pen-up issue. I really haven't done a ton of professional modeling, a lot of it is just me taking pictures of myself.</p> <p>How do you use social media to build your brand? I heavily rely on hashtags and tagging popular pages in my photos. I used to be, not against it, but I wouldn't do the share-for-share thing with other models. I kind of discovered that's one of the main ways to get yourself out there. I try not to get too involved with social media, but at the end of the day, it's what most business is now.</p> <p>What advice would you give to other girls trying to become models? Definitely be comfortable with whatever you're doing. Don't feel like you need to get butressed in front of a camera unless you want to. I don't even really consider myself much of a model, because I do take most of my own pictures. But I guess according to social media, that's technically my occupation. It's hard to give advice on it, because I don't see it as my real job.</p> <p>What would you say is your real job? Definitely didn't use my degree from college. I got a horticulture degree from Texas A&M. I didn't even come close to using any of that. I would say I am a social media influencer/model. The websites that I have are mostly just easy websites that I put out there into the world. But it's a weird label to put on myself. When parents and friends ask me, I say social media influencer. I never thought that it would become my main income to do everything on social media.</p> <p>What's your least favorite part about being an influencer? I think that everyone says don't let judgement get to you, but I do read the comments. Every now and then I get a mom who says they would be ashamed to have a daughter like me. But to that I just say, why don't you watch my show? Why don't you actually get to know me before being so quick to judge? But I get that. I see certain profiles or pages from women and think that she must be this way or that way.</p> <p>Seeing as this is the motorcycle issue, let's talk bikes. Do you ride? I grew up riding them, but I don't ride anymore. My boyfriend rides, so I'm always on the back. He was excited that I was going to be in this issue. He rides older Harley's and is a big guy who likes to ride. I cling on the back seat if it's fun.</p> <p>Do you remember your first time on a bike? Yeah, I was maybe five or six. And my dad attached handlebars to it. It was a dirt bike, nothing crazy. I was a little kid.</p> <p>How does it feel to be on the cover of INKED magazine? It's really exciting. When I first started doing tattoo modeling, that was my goal. It was on my bucket list to be on the cover of INKED magazine. Whether the modeling comes or not, at least I got that off my list. Maybe this will open new doors, maybe it won't. Regardless, it's still really cool.</p>
--	--



FONTE: Revista *Inked* edição 92 (2018)

	ANÁLISE SINTÁTICA DETALHADA	ANÁLISE SEMÂNTICA DETALHADA
Texto	Para a entrevista o texto se localiza, em duas colunas, à esquerda do segundo <i>spread</i> .	A entrevista localizada sobre fundo branco e na parte esquerda do <i>spread</i> possui uma prioritária na ordem de leitura da imagem.
Composição	O texto ocupa a parte esquerda da imagem e a foto ocupa a parte direita. A modelo posa deitada em cima de uma moto em frente a uma parede texturizada.	O enquadramento da foto corta boa parte da moto, demonstrando que o enfoque da imagem é a modelo e não o veículo.

Fotografia	<p>A modelo veste calcinha, pulseira e colares, encontra-se deitada por cima de uma moto, olhando para a câmera.</p>	<p>O ar de imponência dos objetos da foto - moto e textura da parede - contrastam com a pose e forma mais suave da modelo, que possui um olhar complacente dirigido para a câmera (espectador), somado à posição deitada da mesma é passada uma imagem de até certa vulnerabilidade em frente a tantos signos de dureza.</p>
------------	--	--

FIGURA 25 - Matéria de capa da Revista *Inked* edição 92



FONTE: Revista *Inked* edição 92 (2018)

	ANÁLISE SINTÁTICA DETALHADA	ANÁLISE SEMÂNTICA DETALHADA
Composição	<p>A imagem retrata um novo ambiente da oficina preenchendo todo o espaço do <i>spread</i> e com a modelo ocupando o lado direito do mesmo.</p>	<p>Os dois elementos focais da imagem são a modelo e o maçarico que a mesma segura, estando o fundo desfocado em relação a ambos. Além disto, ambos ocupam o centro de suas respectivas páginas.</p>

Fotografia	A modelo encontra-se segurando um maçarico, vestindo um conjunto de vinil brilhoso preto e olhando de peito aberto para a câmera.	A pose da modelo, somada ao tecido mais agressivo de sua roupa, passa uma presença forte, o olhar da mesma é direto porém ao mesmo tempo superior ao observador. O ato dela se encontrar segurando uma ferramenta perigosa como um maçarico contribui para uma leitura onde a mulher se mostra vetor de ação mas sem abrir mão de certo ar de sensualidade.
------------	---	---

MATÉRIA MASCULINA - CONTRAPONTO

FIGURA 26 - *Spreads* relativos à matéria masculina Revista *Inked* edição 92



FONTE: Revista *Inked* edição 92 (2018). Reprodução da autora.

ANÁLISE SINTÁTICA GERAL		ANÁLISE SEMÂNTICA GERAL	
Texto	O título da entrevista aparece em destaque, preenchendo boa parte da primeira página da matéria. Para a entrevista o texto se localiza, em duas colunas, à direita do segundo <i>spread</i> , já no terceiro o mesmo aparece entre fotografias do sujeito.	A tipografia escolhida para o título possui inspirações góticas, sendo um estilo de lettering de aparência forte, muitas vezes utilizado em tatuagens tradicionais.	
Composição	O ambiente da foto retrata uma noite enevoada, é possível identificar ao menos três carros diferentes e parte de um edifício aparecendo ao fundo. O modelo ocupa o primeiro plano da fotografia, posando em frente aos	A fumaça do ambiente confere um ar de misteriosidade às fotos, o ambiente aberto e escuro implica que as mesmas foram tiradas à noite, ou de forma que simulasse um ambiente noturno, conferindo um ar de clandestinidade à composição.	

	diferentes carros.	Uma possível interpretação das fotos seria de uma corrida ilegal de carros, nesse caso a fumaça que cobre o local pode também sinalizar a prática de "queimar" (ou "cantar") pneu, que acontece quando se dá a largada muito abruptamente em um carro e é amplamente presente em corridas automotivas.
<i>Fotografia</i>	O modelo usa camisa, calça, jaqueta, relógio, colar e boné, é encontrado posando sempre em frente a carros de luxo, muitas vezes acocorado em frente aos veículos rebaixados com a mão no queixo e olhando para a câmera.	A posição do modelo em frente aos veículos de luxo, somado ao fato do mesmo estar trajando roupas evidentemente caras e acessórios de valor confere uma sensação de opulência e status ao sujeito das fotos. O posicionamento da câmera em altura inferior ao sujeito da foto confere uma hierarquia imaginária de poder e ar de superioridade ao modelo.

9.1.3 Considerações sobre a análise

Após as análises, pode-se confirmar a discrepância entre as figuras masculinas e femininas. A mulher é apresentada constantemente de forma sexualizada nas imagens e fotos, mesmo quando ela busca passar uma mensagem de poder e rebeldia, a mesma tem como objetivo deleitar o olhar do leitor. É produzida toda uma encenação na direção fotográfica que apela aos desejos do observador, os recursos gráficos (detalhes) construíram o efeito de sentido de sensualidade e são utilizados diversas vezes para guiar o olhar do leitor sobre o corpo feminino. Em contraste, o masculino se mostra de forma imponente e poderosa, gerando uma associação mais direta com status e a produção tem como enfoque gerar uma valorização dessa ideia de poder.

Tal fenômeno também acontece no campo semântico, havendo uma discrepância entre como se refere às mulheres e como se refere aos homens. No campo editorial há um reforço da mulher como corpo, uma vez que a mensagem escrita tende a acompanhar o delineado do corpo feminino, tal ocorrência subconscientemente gera uma associação de que a mensagem passada por uma mulher nunca é maior que seu corpo físico. Em oposição, quando o homem é entrevistado, a mensagem pode vir sobreposta no mesmo, reforçando que a importância do momento é o que o homem têm a dizer e não sua imagem.

9.2 Análise de zines com temática feminista

Nesta etapa, serão analisadas zines com o enfoque feminista. Como corpus foram escolhidas peças com soluções gráficas variadas. Os zines foram selecionados utilizando como ferramenta de busca o maior site de portfólios em esfera global: *Behance*. As buscas foram realizadas pela utilização de palavras-chave como “*zine*” “*feminist*” e “*feminism*” - o uso de termos em inglês se deu devido à natureza internacional do mecanismo de busca -, e os filtro de pesquisa “*Editorial Design*” na categoria “*Creative Field*” - que filtra trabalhos com base no campo criativo do projeto. O critério para a seleção do *corpus* dentre os resultados obtidos foi o potencial conceitual das soluções gráficas utilizadas no projeto para exprimir a mensagem de cada zine.

Foram feitas as análises das capas de cada zine, bem como de outros fólhos que melhor exemplificam a estrutura gráfica da publicação. É importante, também, reforçar que os critérios de análise tem enfoque majoritariamente no texto visual (gráfico e de diagramação).

9.2.1 <W O M A N >

<*woman*> é uma zine feminista idealizada por Beatriz Fialho (2015) como projeto acadêmico de design editorial, sendo o tema influenciado pelo entusiasmo e interesse pessoal sobre a temática do feminismo e pelas implicações sociais de ser mulher no mundo atual. Baseada nas vivências e concepções da própria autora, a primeira edição da publicação possui um coletivo de conteúdos, dentre eles um universo de imagens, uma coleção de citações e algumas composições gráficas que de alguma forma explicam a filosofia por trás de algumas das lutas e realidades das mulheres.

<*woman*> é composta por duas categorias principais: mulher e questões, cada categoria dividida em quatro e sete capítulos, de acordo. No final, há uma lista de reprodução de vídeos e músicas que a autora julgou complementar ao zine.

CAPA

FIGURA 27 - Capa da zine < w o m a n >



FONTE: Projeto do Behance W O M A N — a feminist zine.²⁰

ANÁLISE SINTÁTICA GERAL		ANÁLISE SEMÂNTICA GERAL
<p>Trata-se da capa da zine <woman> referente à edição número 01. Composta por duas camadas; a mais inferior contendo elementos textuais (Nome e <i>tagline</i> da zine) e gráficos (retângulo em contorno) diagramados sob a fotografia em preto e branco de uma mulher com seu rosto em foco (camada superior - papel translúcido); aparecendo de olhos fechados, expressão serena e com sombras listradas sobre a mesma.</p> <p>A foto ocupa aproximadamente um quarto da capa, estando o rosto da modelo ocupando todo o espaço referente à imagem, deixando toda a informação centralizada em cima e embaixo desta.</p>		<p>A revista apresenta-se em projeto de linguagem gráfica sutil e minimalista. A imagem é apresentada em primeiro plano em relação às informações textuais como título e temática da zine, deixando-os para uma leitura secundária e propondo que a parte imagética do projeto gráfico tem prioridade em relação à parte textual.</p> <p>A modelo, com seu rosto em recorte e sob sombras reforça o olhar subjetivo da publicação, que tem como temática o enfoque nas partes que compõem o todo feminino.</p>
ANÁLISE SINTÁTICA DETALHADA		ANÁLISE SEMÂNTICA DETALHADA
<p><i>Texto</i></p>	<p>Texto centralizado tanto na parte superior quanto inferior da capa, encontrando-se de forma a emoldurar a imagem.</p> <p>Os textos, compostos do nome e <i>tagline</i>, encontram-se em preto, com</p>	<p>A relação texto-imagem reforça a fotografia presente na capa. O nome da zine, em preto, aparece em local tradicionalmente privilegiado pela leitura na publicação, de forma a balancear o fato do mesmo se encontrar em uma segunda camada de leitura e a gerar um reconhecimento</p>

²⁰ Disponível em: <<https://www.behance.net/gallery/29778479/W-O-M-A-N-a-feminist-zine>>. Acesso em: jun. 2019

	<p>tipografia serifada e apresentam-se em caixa alta e um alto espaçamento entre as letras.</p>	<p>instantâneo do que se trata. O texto aparece em quantidade mínima, informando ao leitor apenas o essencial: nome da publicação “< W O M A N >” e sua temática “ <i>a feminist zine</i>”, ambos enquadrando a imagem em primeiro plano.</p>
<i>Composição</i>	<p>A imagem impressa sobre papel translúcido em uma só cor (preto), possibilita que seja visto parte do grafismo na página abaixo. O rosto da modelo ocupa toda a imagem, as sombras listradas sobre a mulher em questão delineiam seu rosto, conferindo mais detalhes à foto monocromática.</p>	<p>As sombras na imagem conferem tridimensionalidade e dramaticidade à mesma, assim permitindo que a impressão monocromática simplifique a produção da zine sem perder seu apelo gráfico. O retângulo em <i>outline</i> enquadra o título da publicação (que se localiza no topo central da capa) e forma um contraponto com a imagem, balanceando graficamente a disposição visual da capa.</p>
<i>Fotografia</i>	<p>Modelo possui uma expressão relaxada, olhos e boca fechados e sem adereços visíveis.</p>	<p>A expressão da modelo infere a característica de leveza à imagem, mesmo em com seu alto contraste de preto e branco.</p>

SPREADS

FIGURA 28 - *Spreads* relativos à zine < w o m a n >



FONTE: Projeto do Behance W O M A N — a feminist zine.²¹

ANÁLISE SINTÁTICA GERAL

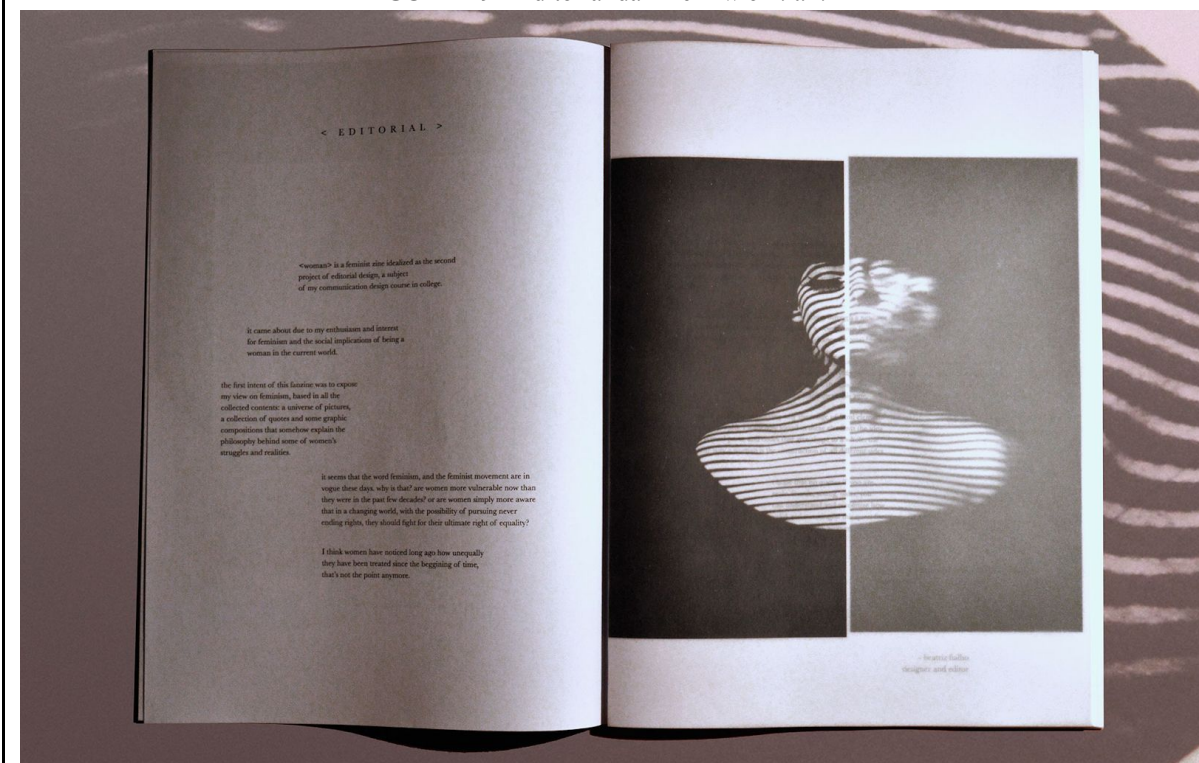
O texto da zine é diagramado de forma semelhante à linhas de *código html*, apresentando textos curtos e elementos comuns à programação. A zine é impressa em cor única (preto) e apresenta dois tipos de papéis, um branco opaco e outro translúcido, onde se encontra a maior parte da linguagem fotográfica do projeto. As fotos mostram diversos níveis de edição, sendo todas monocromáticas e retratando diversos recortes do corpo feminino.

ANÁLISE SEMÂNTICA GERAL

A disposição do texto faz um paralelo com a linguagem de programação *web html*, cuja estrutura é composta de pequenas partes que se articulam para possibilitar a visualização do todo; essa conformação infere a mulher como sendo o conjunto das partes retratadas no conteúdo da zine: o *ser mulher* (corpo, intelecto, espírito e sexualidade) e as *questões que enfrenta* (igualdade, justiça, gênero, educação, direitos, maternidade e pressão social). A fotografia propositalmente gera certo anonimato das modelos, possibilitando a possível projeção – e identificação – da própria leitora com o tema e imagem da zine.

²¹ Disponível em: <<https://www.behance.net/gallery/29778479/W-O-M-A-N-a-feminist-zine>>. Acesso em: jun. 2019

FIGURA 29 - Editorial da zine < w o m a n >



FONTE: Projeto do Behance W O M A N — a feminist zine.²²

ANÁLISE SINTÁTICA DETALHADA		ANÁLISE SEMÂNTICA DETALHADA
Texto	<p>O <i>spread</i> mostra uma clara divisão entre texto e imagem, estando o texto localizado na página esquerda.</p> <p>O editorial contém um breve manifesto sobre o conteúdo da zine, estando seus parágrafos divididos de forma clara através de diferenças entre as alturas em que começam os textos.</p>	<p>A separação do texto clarifica a ideia de código trabalhada em todo o texto, mesmo em manchas gráficas maiores e, ao mesmo tempo, reforça o ritmo da leitura ao marcar a mudança de assunto de cada parágrafo.</p>
Composição	<p>A imagem se situa na página da direita, dividida em dois pelo seu centro, sendo a parte mais à direita mais clara que a esquerda.</p> <p>Há uma dupla exposição na imagem, sendo um segundo rosto visível em desfoque em outra posição e enquadramento da que vemos no rosto em foco da modelo.</p> <p>A diferença de tons entre os lados das imagens indica a existência de duas camadas de papel translúcido estando o lado esquerdo sobre a superior e o direito na inferior sendo possível</p>	<p>A foto mais uma vez é composta de um recorte na modelo, estando ela centralizada opticamente no quadro.</p> <p>A divisão da foto em camadas propõe uma leitura de “enxergar aquilo que há por trás”, ao mesmo tempo que reforça a ideia de partes que completam o todo e seu desencaixe é visivelmente proposital, adicionando profundidade ao projeto ao instigar curiosidade do leitor e convidá-lo a desvendar os pequenos pormenores gráficos do projeto.</p>

²² Disponível em: <<https://www.behance.net/gallery/29778479/W-O-M-A-N-a-feminist-zine>>. Acesso em: jun. 2019

	distinguir parte do texto abaixo dessas camadas.	
<i>Fotografia</i>	<p>A fotografia retrata o busto de uma mulher de olhos fechados, com uma expressão neutra no rosto. A modelo parece estar emergindo do fundo escuro, mas ainda encontra-se parcialmente coberta.</p> <p>Do lado direito da imagem é possível visualizar uma dupla exposição da foto em que a modelo aparece de forma desfocada e olhos semi abertos.</p>	<p>A solução de dupla exposição da fotografia - somada à sutil mudança de expressão da modelo - infere uma ideia de movimento à imagem, ao mesmo tempo que lhe proporciona uma sensação fluida, quase etérea.</p>

FIGURA 30 - *Spread* da zine < w o m a n >



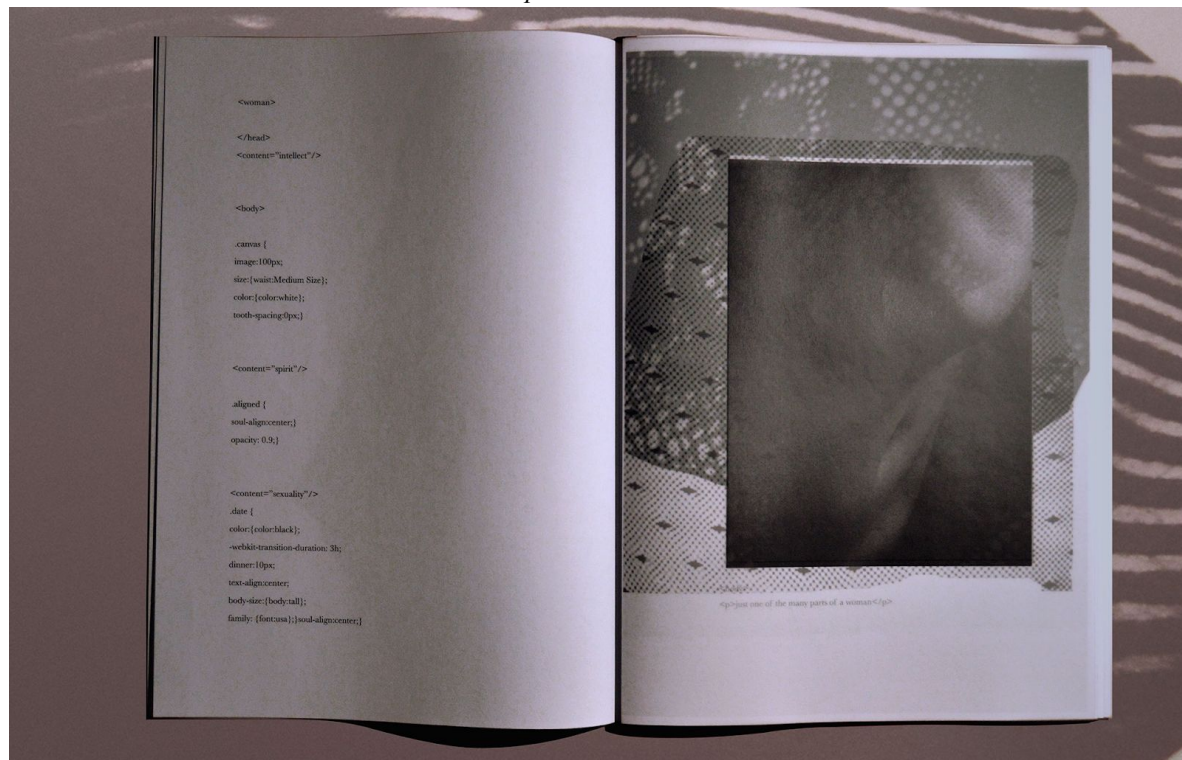
FONTE: Projeto do Behance W O M A N — a feminist zine.²³

	ANÁLISE SINTÁTICA DETALHADA	ANÁLISE SEMÂNTICA DETALHADA
<i>Texto</i>	<p>A mancha de texto se divide entre os dois lados do <i>spread</i>, em tipografia serifada e espalhada pelas páginas de forma que o branco ainda é predominante no <i>spread</i>.</p>	<p>A sobreposição de texto e imagem condiciona o leitor a absorver o conteúdo da zine em partes, sendo necessário ler o primeiro texto, abrir a página dupla em transparência que contém a imagem e absorvê-la e só então ler o texto da página seguinte. Esse ritmo de leitura faz com que o leitor tenha que prestar atenção nos detalhes de cada parte separadamente para então juntá-las e</p>

²³ Disponível em: <<https://www.behance.net/gallery/29778479/W-O-M-A-N-a-feminist-zine>>. Acesso em: jun. 2019

		interpretá-las como um todo.
<i>Composição</i>	<p>A fotografia sobrepõe-se a boa parte do texto, estando localizada na porção mais central do <i>spread</i>.</p> <p>A modelo se encontra em frente à luz de uma janela, ao centro da imagem.</p>	<p>A imagem (em papel translúcido) aparece centralizada na folha dupla, sendo um plano de evidência em relação ao texto ao se sobrepor sobre o mesmo. A composição infere um momento de pausa a ser tomado para o leitor poder absorver a imagem em questão,</p>
<i>Fotografia</i>	<p>A modelo da fotografia encontra-se de braços levemente abertos, coberta por um tecido branco fino que torna-se transparente contra a luz, expondo de forma sutil a mulher nua sob ele.</p> <p>A divisão de páginas de revista é feita em cima da modelo e torna impossível distinguir seu rosto e feição.</p>	<p>A posição da modelo embaixo do lençol permite que o espectador deduza sua nudez porém, ao mesmo tempo, a falta de roupas da mulher não está exibida de forma a instigar um observador masculino, e sim, a demonstrar naturalidade e serenidade.</p> <p>Tendo em mente o conteúdo do <i>spread</i>, intitulado como “<i>SIN</i>” - pecado, em inglês - é possível ser feita uma segunda análise da imagem, como crítica à forma como o corpo feminino é percebido como pecaminoso na sociedade atual. A leveza expressa na foto - os braços semi abertos em conjunto com o véu faz a figura assemelhar-se também à imagens de santas - é antítese à forma como os corpos femininos nus geralmente são exibidos na mídia e sociedade; sendo usualmente vistos como pecaminoso, sexualizado ou uma tentação ao homem; e portanto tendo que estar compulsoriamente cobertos, velados aos olhos de terceiros.</p>

FIGURA 31 - *Spread* da zine < w o m a n >



FONTE: Projeto do Behance W O M A N — a feminist zine.²⁴

	ANÁLISE SINTÁTICA DETALHADA	ANÁLISE SEMÂNTICA DETALHADA
<i>Texto</i>	O texto, localizado e justificado à esquerda, é dividido de forma a imitar uma linha de código web, separando cada aspecto em diferentes partes e chaves.	O texto subverte a linguagem de programação web ao utilizá-la para “programar” uma mulher, criando um ritmo de leitura mais pausado, além de uma quebra de expectativas positiva no leitor. Contudo, para chegar em todos esses níveis de interpretação do texto é necessário possuir certo conhecimento (mesmo que inicial) sobre linguagem web.
<i>Composição</i>	A imagem, à direita, possui duas camadas: uma translúcida contendo uma foto (acima) e outra opaca contendo recortes de texturas (abaixo).	No <i>spread</i> em questão podemos ver de forma clara o que a autora quis passar com “partes que formam o todo”.
<i>Fotografia</i>	A foto é um recorte do corpo feminino, focando no tronco e abdome da modelo. A mesma foi tirada em ângulo, não estando totalmente enquadrada na frente da modelo nem seu lado.	O tronco da modelo em foco é paralelo ao trecho da página ao lado que lê <code>“.canvas { image:100px; size:{waist:Medium Size}; color:{color:white};”</code>

²⁴ Disponível em: <<https://www.behance.net/gallery/29778479/W-O-M-A-N-a-feminist-zine>>. Acesso em: jun. 2019

		<p>E sua legenda lê “apenas uma das muitas partes de uma mulher”.</p> <p>Esse recorte foi realizado como parte da naturalização e dessexualização do corpo feminino que a zine tenta alcançar, o ato de selecionar a cintura feminina - que trata-se de uma parte do corpo muito atacada por imposições de padrões da mídia - e abordando-a de forma natural, sem efeitos de manipulação de imagem com a legenda em questão, promove uma narrativa que busca criticar imposições culturais ocidentais que caem em cima de tal parte do corpo feminino; ela é apenas mais uma parte do que torna uma mulher um ser completo.</p>
--	--	---

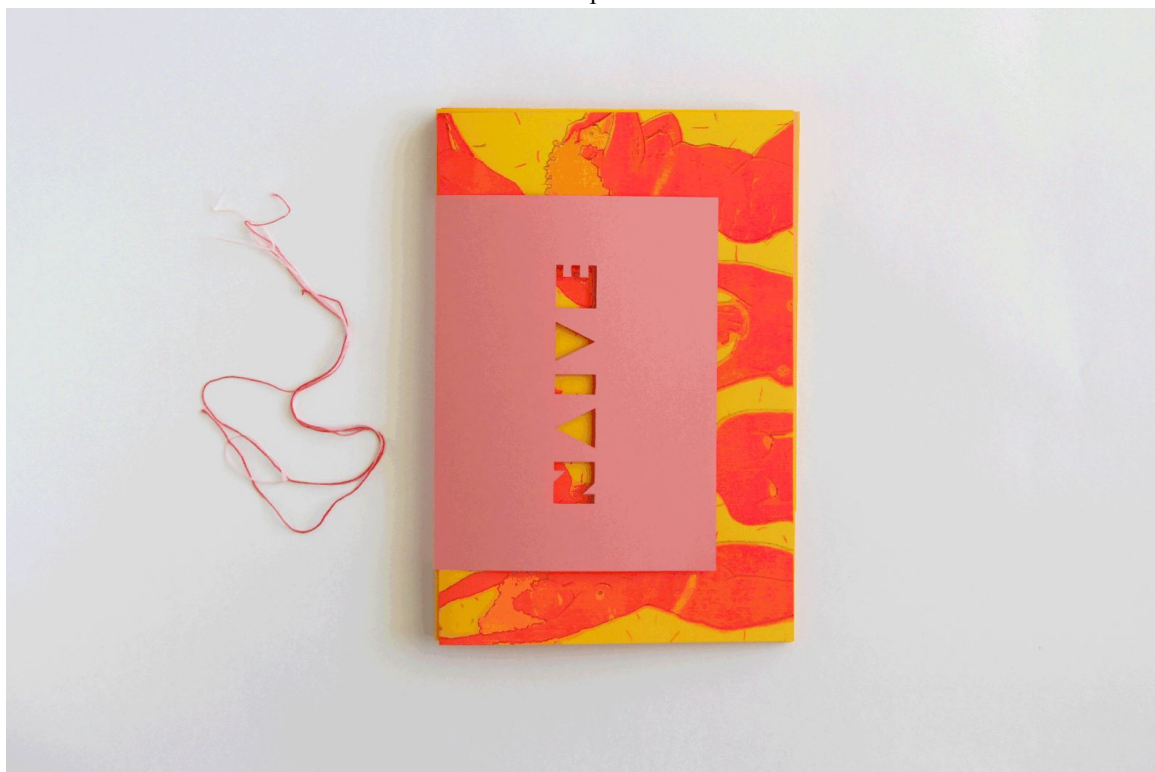
9.2.2 Naive Zine

Naive é uma zine feminista idealizada como projeto de conclusão de curso de Isis Reis (2017), tendo como proposta temática a colaboração entre mulheres e promove que suas leitoras abracem seu lado “amador” ao entrar em contato com a zine. A publicação possui uma curadoria e edição de conteúdos literários e visuais criados por mulheres brasileiras. Essa edição e formatação do conteúdo em um suporte impresso visa um trabalho de design participativo, em que o usuário é convidado a colaborar com conteúdo e posteriormente interagir e criar com o impresso fornecido inacabado.

Naive é composta por quatro cadernos, duas capas e uma cinta. O conteúdo é diagramado em duplas de páginas, de forma que para conseguir ler os textos num fluxo contínuo é necessário romper a costura da zine e manipular as páginas soltas. O material original é editado de forma a criar lacunas e propostas de intervenção pelos leitores, mas não são dadas ordens ou espaços delimitados para que essa interação aconteça.

CAPA

FIGURA 32 - Capa da zine *Naive*



FONTE: Projeto do Behance Naive Zine.²⁵

ANÁLISE SINTÁTICA GERAL		ANÁLISE SEMÂNTICA GERAL
<p>Trata-se da capa do boneco de apresentação da zine <i>Naive</i>. Composta por duas camadas. A mais inferior contendo elementos gráficos (arte/padrão de mulheres de diferentes tipos de corpos em laranja e diagramados sobre papel amarelo). A capa superior é composta de um papel de alta gramatura na cor rosa e ocupa aproximadamente metade do tamanho da publicação, contendo o nome da zine em recorte.</p>		<p>Com a proposta de ser impressa em risografia, a zine utiliza apenas uma cor de tinta em sua impressão de capa. Além disso, a opção por cores análogas (amarelo e laranja) bastante saturadas ajuda a criar impacto visual sem perder a harmonia entre as cores. A cor rosa-seco da capa que aparece por cima com o título em negativo cria um contraponto visual, facilitando assim a leitura do título da revista sem deixar de harmonizar com as demais.</p>
ANÁLISE SINTÁTICA DETALHADA		ANÁLISE SEMÂNTICA DETALHADA
<i>Texto</i>	<p>A marca da zine é o único texto aparente na capa, estando em negativo e centralizada no sentido paisagem da capa rosa.</p>	<p>A marca em negativo valoriza o conteúdo da zine, Simbolizado pela segunda capa. Ela toma, também, a possibilidade de ser utilizada como estêncil, encaixando-se em uma das propostas de colaboração trazida pelo projeto gráfico da zine. Simbolicamente a possibilidade dessa utilização da capa da zine é um convite a leitora a agir, o ato de estender o nome da zine para o campo físico de uma cidade propõe que uma possibilidade de identificação da leitora com o conteúdo da zine em</p>

²⁵ Disponível em: <<https://www.behance.net/gallery/51945143/Naive-zine>>. Acesso em: jun. 2019

		tamanho dimensão que a mesma sente-se compelida a se tornar canal ativo nessa disseminação.
Composição	A capa possui impressão em risografia laranja sobre fundo amarelo, que ilustra diversos corpos femininos diferentes.	A escolha de ilustração diz muito sobre o conteúdo que a revista almeja passar. O enfoque na mulher em todas as formas e tamanhos sem distinção de raça ou sexualidade passa a ideia de aceitação generalizada entre mulheres. A não hierarquização do espaço dividido pelas mulheres proporciona uma leitura em que não há uma melhor que a outra, apenas uma comunidade igualitária.

SPREADS

FIGURA 33 - Composição de *spreads* relativos à zine *Naive*

FONTE: Projeto do Behance Naive Zine.²⁶

ANÁLISE SINTÁTICA GERAL	ANÁLISE SEMÂNTICA GERAL
A publicação aproveita-se do seu caráter informal com o uso variado de fontes e diagramações únicas para cada caderno. São utilizados quatro cores diferentes de papel (amarelo, rosa, azul e laranja), sendo os papéis laranjas e amarelos utilizados em sua maioria como miolo da publicação A5; o papel azul é visto em pequenos cadernos A6	As diferentes diagramações empregadas na decorrer da zine buscam conferir um caráter único a cada dupla de folhas, reforçando a ideia de que deve-se romper a costura da publicação para absorvê-la de forma correta. Ao mesmo tempo, a constância na paleta cromática e tipográfica unificam a identidade gráfica da publicação.

²⁶ Disponível em: <<https://www.behance.net/gallery/51945143/Naive-zine>>. Acesso em: jun. 2019

mais voltados para textos longos e o rosa é visualizado em dobraduras mais diferenciadas, como em formato de losango e em brochura de 2 dobras. A publicação é costurada em seu centro, tendo como objetivo explícito que o usuário quebra esta costura e manuseie as folhas separadamente.

FIGURA 34 - Spread da zine *Naive*



FONTE: Projeto do Behance Naive Zine.²⁷

ANÁLISE SINTÁTICA DETALHADA

ANÁLISE SEMÂNTICA DETALHADA

Texto

Fólio Azul: A menor das três lâminas aparentes, contém as palavras “escolhi” e “masturbar” em cinza e em local de evidência. Além disso é possível, pela baixa gramatura do papel, visualizar que existem outros textos corridos no mesmo fólio.

Fólio Rosa: Trata-se de uma dobradura em losango, pelas bordas é possível ver várias frases que seguem as bordas do papel, bem como linhas pontilhadas, ambas em

A diagramação do texto valoriza a composição da imagem. É visível que, mesmo que o projeto tenha como mote ser separado e logo os fólhos tenham que funcionar de forma independente, sua diagramação apresenta uma temática clara e coesa a cada grupo de páginas, reforçando e sendo reforçada pelo conjunto gráfico texto e composição.

A diagramação também promove a interação da leitora com o conteúdo ao apresentar textos que quebram a ordem de leitura ocidental, fazendo com que a leitora tenha que ir girando a publicação para descobrir e assimilar o texto. Ao observar o contexto em que essa interação se encontra é

²⁷ Disponível em: <<https://www.behance.net/gallery/51945143/Naive-zine>>. Acesso em: jun. 2019

	<p>tom de vermelho. “então aprendemos a conhecer e amar nosso corpo e nossas maneiras de sentir prazer”</p> <p>Fólio amarelo: A maior das três lâminas apresenta textos corridos em vermelho. Na sua parte inferior são visíveis adjetivos rodeados por linhas pontilhadas.</p>	<p>possível fazer um paralelo com o próprio ato de masturbação feminina, muito descrito como uma exploração ou descoberta do próprio corpo.</p>
<p><i>Composição</i></p>	<p>O fólio em questão possui uma composição de três diferentes tipos de papel centralizados entre si, estando as folhas azuis aparecendo duas vezes (entre os papéis amarelo e rosa e também centralizado entre a dobradura rosa).</p> <p>O spread amarelo mantém o padrão de tamanho da zine, já o rosa é visualizado em formato de losango, incomum ao resto da revista.</p>	<p>O <i>spread</i> amarelo serve como base que une o caderno em questão com os demais existentes na zine. O contraste entre as formas e cores dos diferentes conteúdos permite ao usuário uma diferente leitura dessas três informações que coexistem no mesmo plano visual. A composição expressa, pela forma - e localização - das páginas cor de rosa, o formato (abstrato) de uma vulva, essa semelhança também pode ser inferida pela natureza do texto visível, que aborda o tema de masturbação e prazer feminino.</p>

FIGURA 35 - Spread da zine *Naive*



FONTE: Projeto do Behance Naive Zine.²⁸

ANÁLISE SINTÁTICA DETALHADA

ANÁLISE SEMÂNTICA DETALHADA

²⁸ Disponível em: <<https://www.behance.net/gallery/51945143/Naive-zine>>. Acesso em: jun. 2019

<i>Texto</i>	<p>O caderno em questão apresenta uma composição de 3 diferentes fólhos.</p> <p>Spread amarelo: Ocupa a parte central da composição, em orientação horizontal e impresso em tinta vermelha. Majoritariamente compostos de pequenos poemas em fonte única a todos.</p> <p>Spread azul: Novamente aparece em formato A6, estando quase completamente encoberto pelos fólhos amarelos acima.</p> <p>Spread laranja: Texto composto por três frases que se complementam, cada qual com uma variação de tipografia própria, impressos em tinta vermelha.</p>	<p>Spread amarelo: A grande quantidade de áreas em branco do fólho conferem um respiro introvertido ao texto, enfatizando o seu conteúdo. O presente contraste provoca na leitora uma maior estadia no texto, uma redução no ritmo de leitura que convida, ao abordar uma temática íntima, a uma auto reflexão no decorrer dos versos.</p> <p>Spread Laranja: A variação tipográfica complementa a ideia cíclica da diagramação da página, sempre tendo alguma relação com a anterior, seja no eixo ou na serifa.</p> <p>Essa formação cíclica gera um movimento de pertencimento, todas as variações tipográficas possuem algo em comum com suas adjacentes e tal escolha pode ser compreendida como uma metáfora de que todas as mulheres têm algo em comum com outras pessoas, mesmo em meio a todas suas diferenças e que é possível se apoiar umas nas outras por isto. Além disto, a ligação entre as frases fecha a ideia de união, brincando com a noção de sororidade trazida pelo texto.</p>
<i>Composição</i>	<p>Fólho amarelo: Ocupa a parte central da composição, em sua parte superior esquerda apresenta a ilustração de coxas e virilha feminina com mãos se aproximando da mesma, de onde saem flores.</p> <p>Fólho laranja: Novamente é visto com o tamanho tradicional da revista, apresenta uma tríade de pensamento cíclica e não direcional, manifestada por conexões através de grafismos lineares básicos.</p>	<p>A comparação de mulheres e flores é constante no imaginário que cerca o feminino, principalmente no que se refere à sexualidade e reprodutividade.</p> <p>A ilustração em questão apresenta flores saindo da virilha feminina, as mesmas se mesclando com os cachos naturais de pelos pubianos; em uma leitura metafórica o significado da flor como signo infere o desabrochar, o natural, o belo. Ou seja, a masturbação feminina de maneira positiva e delicada, o que é reforçado pelo traço. Somada ao texto, a imagem possui uma significância de que tais flores crescendo da virilha feminina e a mão alcançando-as compõem um ato de desafio ao tabu trazido no texto, de que meninas não devem “tocar suas flores”.</p>

9.2.3 Considerações sobre a análise

Após as análises, pode-se notar que este formato de publicação possui uma maior liberdade para abordar conteúdos considerados tabu na sociedade. A figura feminina aparece de forma mais sensível e conceitual; sendo a mulher apresentada de forma multifacetada tanto nos recursos gráficos quanto no campo semântico, cada detalhe impresso no papel reforça a mensagem passada na publicação.

Foram verificados diversos momentos em que o *spread* possuía uma mensagem singular a ser passada, tal fenômeno não é raro de ocorrer em publicações curtas por ser uma forma de melhor aproveitar o número reduzido de páginas em comparação à matérias extensas. Tal recurso de projeto possui caráter mais experimental e possibilita que a diagramação editorial busque conferir - de maneira mais abstrata e conceitual - certas qualidades emocionais à publicação. Esta escolha torna o projeto mais complexo, conferindo múltiplas dimensões e significações a cada leitura, além de um maior engajamento do leitor com o texto através das soluções gráficas.

9.3 Diretrizes projetuais

As análises de revistas realizadas anteriormente serviram como base para crítica do contexto social ao qual o projeto editorial tem como objetivo apresentar-se como antítese; já a análise das zines feministas - realizadas em um segundo momento - elucidaram diversos contrapontos gráficos e semânticos, possibilitados pelo caráter radical desta mídia. Após todas as considerações acima, para a fase projetual foi desenvolvida uma publicação-manifesto, de caráter independente, que teve as seguintes diretrizes projetuais:

1. Ser uma publicação com enfoque no público feminino;
2. Fazer uma curadoria imagética que não objetifique a figura feminina, negando subterfúgios clássicos de exposição do corpo feminino como algo pertencente ao observador;
3. Desenvolver uma publicação independente como mídia de resistência política;
4. Realizar curadoria de conteúdo, em busca de temáticas relacionadas à empoderamento feminino; buscando trazer temas voltados a estudo de gênero que possuam link com o contexto da tatuagem;
5. Desenvolver um projeto gráfico coerente com a proposta de conteúdo da publicação, tomando decisões de projeto que reflitam sobre as análises realizadas.

10 MEMORIAL DESCRITIVO

Neste capítulo serão abordadas as escolhas de projeto feitas com base nas diretrizes estabelecidas após pesquisas e análises realizadas anteriormente; com intuito de desenvolver um projeto coeso as diretrizes projetuais foram desdobradas de forma a seguir a linearidade presente na metodologia anteriormente apresentada.

10.1 Problema de projeto

Tendo como base a resolução do problema de pesquisa - e diante do contexto *underground* que a tatuagem ainda possui na sociedade atual - foi entendido que a forma mais interessante de abordar o problema de projeto apresentado corresponde à criação de uma zine que compreenda as questões da figura feminina no contexto da tatuagem de forma a projetar um espaço de congruência dessas mulheres, priorizando sua fala e experiências no meio. Tal problemática compreende o desenvolvimento do conteúdo e projeto gráfico da zine, a serem descritos no memorial a seguir.

10.2 Desenvolvimento argumentativo

Durante o processo de pesquisa e análise, foi entendido que grande parte do problema enfrentado pela representação feminina é de que as mídias e publicações encontram-se voltadas ao olhar masculino; a decisão pelo formato de zine então, se dá pela narrativa crítica político-social a qual esse modelo de publicação é comumente atrelado. A zine “*Tatuagem: Substantivo Feminino*” tem como premissa ser um manifesto da existência feminina na tatuagem, em cada edição o protagonismo da narrativa será entregue à uma mulher inserida nesse contexto, seja ela uma tatuadora ou colecionadora de tatuagens, procurando abordar suas experiências, visões e questões sobre tatuagem e o ato de tatuar.

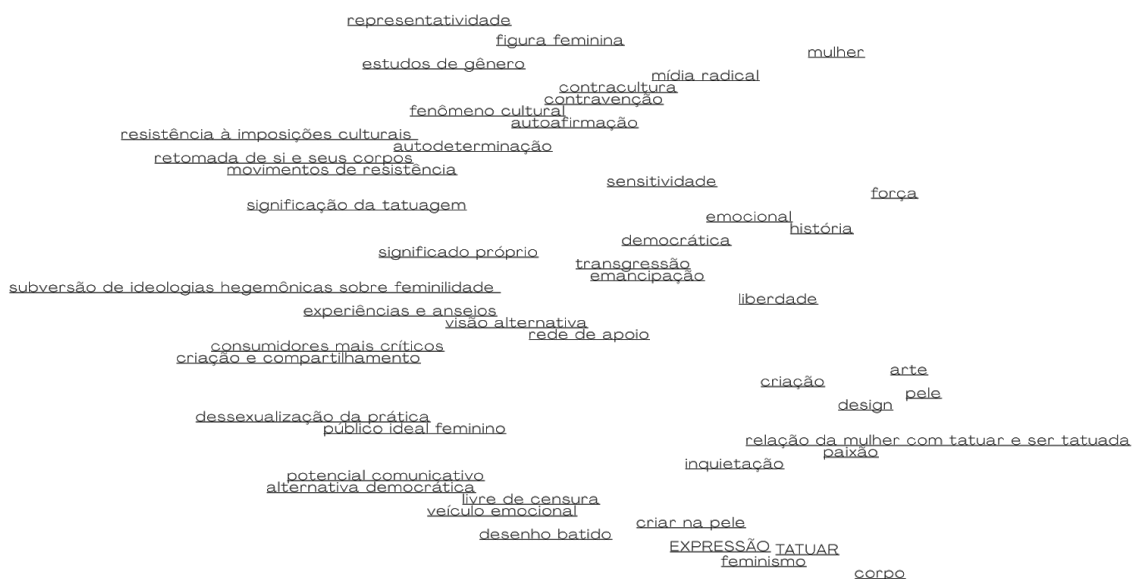
Para isso, o seu conteúdo trata-se de uma combinação entre conversas com uma dessas mulheres e pesquisas que conferem respaldo aos assuntos abordados por elas, de forma a correlacionar a individualidade de cada uma e aquilo que reverbera dessas experiências como coletivo. Essa narrativa então vira base para o desenvolvimento do projeto gráfico de

cada zine, articulando os signos das temáticas abordadas de maneira singular e assim, apoiando a narrativa emocional abordada em suas páginas.

10.3 Rede Semântica

O processo de projetar iniciou-se na construção de uma rede semântica. Para o desenvolvimento da mesma foi realizada uma releitura da pesquisa realizada até o momento, buscando ressaltar as temáticas mais abordadas e de maior importância para o projeto a ser realizado.

FIGURA 36 - Rede semântica



FONTE: Reprodução da autora

10.4 Moodboard/Mapa De Referências

Sem seguida, foi elaborado o mapa de referências que serviu como base visual para o projeto. O mesmo foi realizado a partir da observação intensa de diversos modelos de zines diferentes encontrados pela autora, observação esta que gerou uma lista de diretrizes gráficas mais específicas a serem seguidas:

FIGURA 37 - Moodboard zine



FONTE: Reprodução da autora

- manualismos
 - encadernação aparente
 - uso de intervenções manuscritas
 - uso de xerox e digitalização
- projeto gráfico que incentive sua disseminação (cartazes, *stencil*, etc)
- sobreposição
- colagem/recortes
- uso variado de papel (diferentes tipos e gramatura de papel no mesmo projeto)
- tamanhos diferentes de fólios e dobraduras no mesmo projeto
- dimensão da mão (próximo do tamanho A5)

10.5 Coleta e Definição de conteúdos

Um zine “típico” pode se iniciar com um editorial altamente personalizado, em seguida, passar para um par de ensaios ou críticas opinativas, descrevendo ou exaltando uma coisa ou outra, e então concluir-se com resenhas de outros zines, bandas, livros e assim por diante. Espalhados ao longo disto estariam poemas, uma história, reimpressões de imprensa de massa (alguns por questões informativas, outros com comentários irônicos), e algumas ilustrações desenhadas à mão ou *comics*. O editor produziria o conteúdo ele mesmo, solicitá-lo-ia a amigos ou a outras pessoas próximas, ou - menos comumente - o reuniria através de uma chamada aberta para submissões. O material também é [muitas vezes] “emprestado”: pirateado de outros zines e da grande imprensa, às vezes sem crédito, muitas vezes sem permissão. (DUNCOMBE, 2008 p.14 Tradução livre)

O projeto passou por uma série de remodelações de conteúdos. Inicialmente se achava que a zine conteria uma coletânea apenas de textos que fizessem essa ligação entre design, tatuagem e estudos de gêneros, e que essa seria a base do conteúdo da publicação. Até que o estudo foi lapidado e percebeu-se que o conteúdo mais importante era a priorização da questão da mulher como um ser que merece ter sua voz. Para isso, a zine mudou de lente para essa priorização, e então, conseguimos fazer a entrevista com a Amura (tatuadora) e saber dessas questões dela pra fazer um contraponto com as questões abordadas no zine, dialogando com o conteúdo original. Os textos obtidos anteriormente reforçaram o discurso da tatuadora e corroboraram com o efeito de voz que ecoa e por isso virou do produto final.

10.6 Testes De Formato e Forma De Impressão

Impressos em uma máquina copiadora padrão, dobrados transversalmente para formar um fólio e grampeados no vinco, os zines normalmente são executados de dez a quarenta páginas. [...] Como os zines são montados à mão usando materiais e tecnologia comuns (o faça você mesmo é a principal diretriz do mundo zine) eles consequentemente se parecem com o layout indisciplinado de corte e colagem, tipo pouco legível e reprodução irregular. (DUNCOMBE, 2008 p.14 Tradução livre)

Uma dos requisitos definidos após o estudo de zines é a sua portabilidade e capacidade de reprodução rápida. Assim, iniciamos o projeto com o tamanho A5. Tendo as zines normalmente o formato A5 ou A6, e uma vez que havia a necessidade de uma valorização da fotografia que o tamanho A6 já não provém, os primeiros espelhos e bonecos realizados foram desenvolvidos neste tamanho, mas após a decisão por um projeto que valorizasse a reprodução por xerox. O formato foi mudado para o formato 20cm x 13cm, de forma que seu fólio possa ser reproduzido facilmente em A4 e então possa ser refilado sem perdas.

10.7 Testes De Grid

O grid inicial da zine era composto de 12 colunas e uma margem de proporção 2 para 1. Porém quando encaixado no projeto gráfico ele se desenvolveu até que a margem tenha se tornado 1 para 1 e o grid de colunas em si tenha sido substituído em prol de uma maior flexibilidade de diagramação, tendo em mente que o manualismo e a expressão emocional de cada página exigia uma liberdade maior construtiva, que um grid fechado não permitia.

10.8 Testes De Linguagem Visual

Nesta etapa, foi definida uma linguagem que se aproximasse à de xerox, muito valorizada nas zines iniciais por permitir uma facilidade de reprodução da publicação. Aí é feita uma homenagem aos anos analógicos onde se iniciaram as zines, utilizando tipografia de máquinas de datilografia, interferências manuais, rasgos de papel e sobreposições de texto e imagem. Essa linguagem explora também o uso de papéis com bastante textura, a priorização do preto e branco, tamanhos a4 ou menores para a página dupla e encadernações à mostra.

10.9 Escolhas Tipográficas

Foram feitos múltiplos testes tipográficos até a configuração atual ter sido alcançada. Desde o início havia sido detectada a necessidade de uma tipografia humanista, sem serifa, não em busca de se prender a um desenho de tipo conservador, mas que o mesmo apresentasse certa mudança de peso que conferisse esse caráter mais humano à publicação. as premissas projetuais nessa instância do projeto foram de encontrar fontes que pudessem passar as mensagens gráficas específicas de cada conceito existente na zine e ao mesmo tempo dialogar e serem desdobradas em cada conceito. Para tal intuito, a configuração da zine usa de 3 tipografias: a *Courier Prime*, a *Titling Gothic* e a *Sporting Grotesque* e são feitas também ocasionais interferências manuscritas com a caligrafia da autora.

10.10 Escolha Do Estilo De Fotografia

A fotografia do trabalho tinha como principal diretriz a não sexualização do corpo feminino, com isso em mente foram criados moodboards resultantes de diversas pesquisas imagéticas que apresentassem a figura feminina de em formas não voltadas ao olhar masculino, resultando nos moodboards e diretrizes a seguir:

FIGURA 38 - Moodboard fotografia



FONTE: Reprodução da autora

- Cores difusas/pouco saturadas;
- Poses que passem mensagem de tranquilidade / leveza / intimismo;
- Texto e fotografia possuem mesmo papel: comunicar uma mensagem;
- Ponto de vista não masculinizado;
- Evitar posições muito posadas ou editoriais (foco em movimentos naturais do corpo);
- Evitar grandes produções da mulher em foco como o uso de muita maquiagem.

10.11 Testes De Impressão

Os de teste impressão foram de vital importância para a detecção de alguns problemas de projeto que não poderiam ter sido detectados de forma digital e também foram vitais para a geração de layouts alternativos através de intervenções analógicas como rasgos e escritas no layout e imagens.

FIGURA 39 - Fotografia experimentações com impressão



FONTE: Reprodução da autora

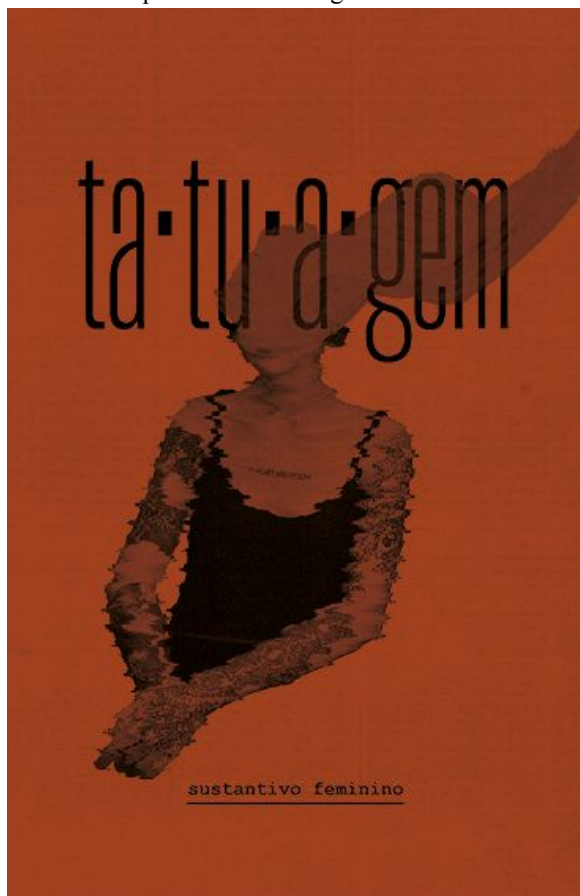
11 FANZINE - TATUAGEM: SUBSTANTIVO FEMININO

A tatuagem é uma expressão de identidade e também de rebeldia. Antes relacionado apenas a corpos que transitam em espaços todos como “à margem da sociedade”, a tatuagem foi incorporada como uma figura de comunicação, de expressão e de estilo da contemporaneidade, quase uma vestimenta fixa. Aqui será estabelecida a relação do texto com a temática das páginas da publicação, explicando graficamente o conceito abordado e a sua relação com o resultado final: a zine. É importante enfatizar que o volume atual se trata da primeira edição de um projeto que pretende-se ser estendido para além do trabalho de conclusão de curso.

A edição em questão foi tematizada nas questões e vivências da tatuadora cearense Amura Al Houch, no entanto, a zine “*Tatuagem: substantivo feminino*” não é uma única personagem. Pretende-se fazer cada fanzine abordando uma mulher diferente e fazer possível entregar esse protagonismo à ela, fazendo entender a existência e as especificidades de cada mulher; pois suas histórias no contexto da tatuagem são múltiplas e muito próprias de cada uma, ao passo que se correlacionam. Isso é explicado novamente no manifesto presente no início da zine.

11.1 Projeto gráfico

FIGURA 40 - Capa da zine “Tatuagem: Substantivo Feminino”



FONTE: Reprodução da autora

A primeira edição da zine *Tatuagem: Substantivo Feminino* traz em sua capa uma edição fotográfica de uma mulher tatuada com intervenções de glitch e tinta sobre a mesma. O nome da zine é originado da própria definição da palavra *tatuagem* e sua classificação morfológica, por isso foi trazido para o título a divisão silábica característica de um Dicionário. As intervenções realizadas na fotografia tem como base a estética de erros digitais (glitch) e sobreposições físicas (tinta), que proporcionam um não reconhecimento da mulher cuja fotografia foi utilizada como base da montagem, em prol de possibilitar a auto projeção da leitora na figura feminina apresentada.

FIGURA 41 - Segunda capa e página 03



FONTE: Reprodução da autora

A zine inicia sua primeira edição com o manifesto de sua existência. A composição gráfica existente na segunda capa da zine é uma homenagem às *Guerrilla Girls*²⁹, foi criado um paralelo à famosa ação de guerrilha que elas realizaram em 1989 ao espalhar cartazes por Nova Iorque que liam “*Do Women Have To Be Naked To Get Into the Met. Museum?*”. Para a zine em questão foi dado o enfoque à revistas e publicações sobre tatuagens que, como visto no decorrer do trabalho realizado, onde práticas de sexualização da imagem feminina ainda ocorrem de forma constante. A fotomontagem que acompanha o questionamento insere a máscara de gorila icônica do movimento ativista supracitado em uma fotografia de Maud Wagner, conhecida historicamente como a primeira mulher tatuadora dos Estados Unidos.

²⁹ Guerrilla Girls é um grupo anônimo de mulheres artistas ativistas conhecido por utilizarem máscaras de gorila em público e usar fatos, humor e visuais ultrajantes para expor preconceitos de gênero e étnica, bem como corrupção na política, arte, cinema e cultura pop.

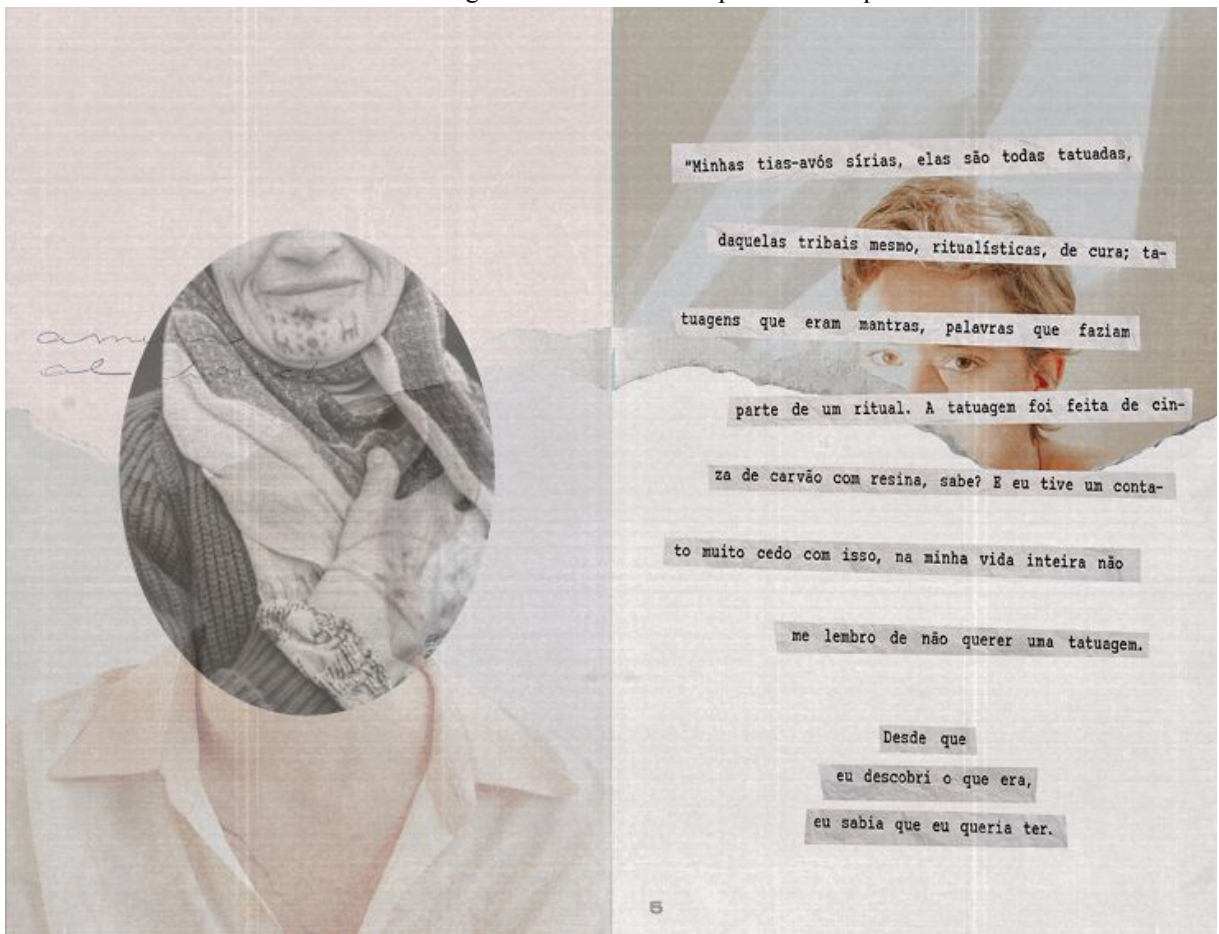
O texto do manifesto traz uma apresentação da zine e foi diagramado em espiral, com o propósito a se assemelhar com a abstração de uma vulva, para gerar uma interação do leitor com a publicação pois ser lido confortavelmente o texto obriga o leitor a girar a publicação no sentido da leitura, com o propósito de tirá-lo de sua zona de conforto já no início da publicação.

FIGURA 42 - Páginas 04 e 05 com transparência à direita



FONTE: Reprodução da autora

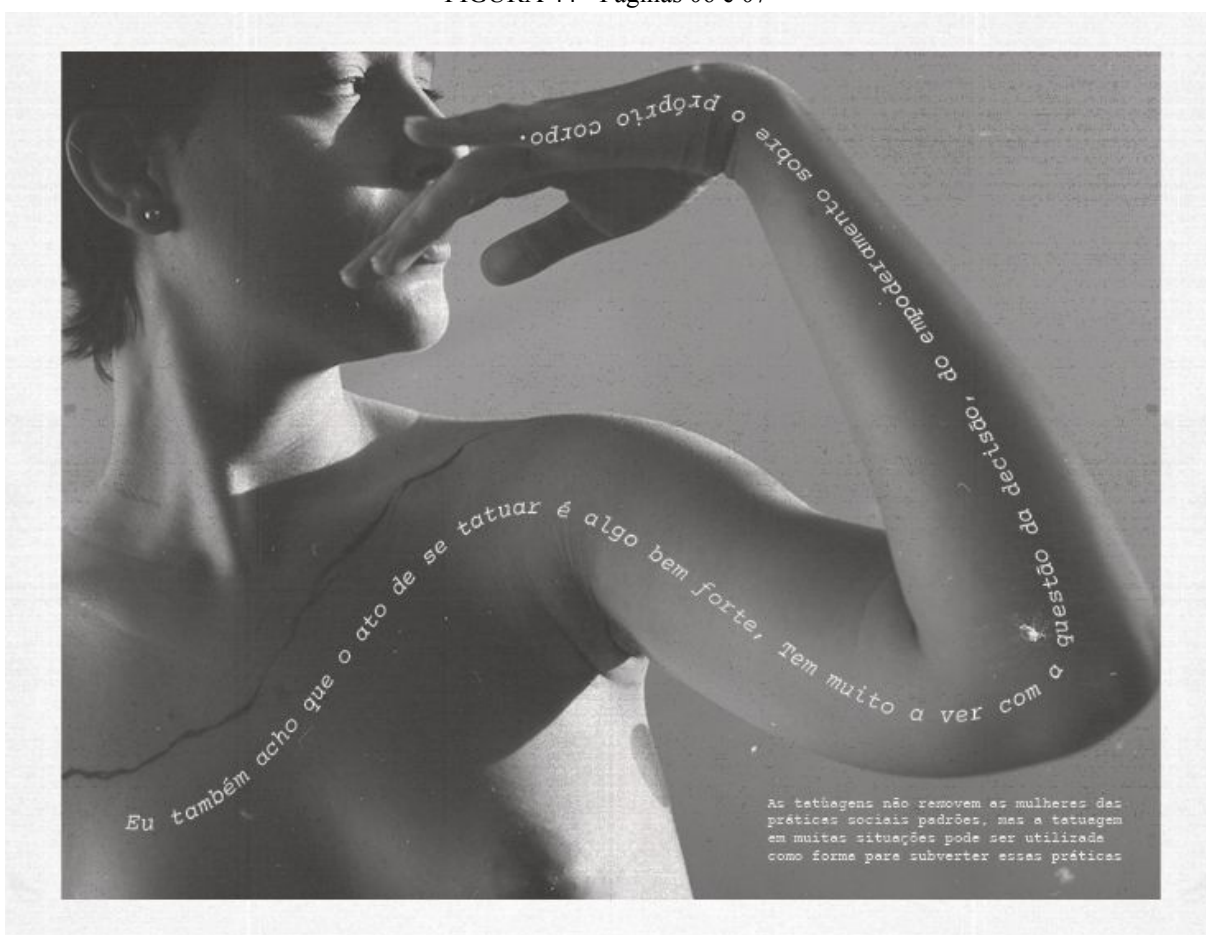
FIGURA 43 - Páginas 04 e 05 com transparência à esquerda



FONTE: Reprodução da autora

A página dupla em questão tem como temática a herança. A entrevista com a Amura (tatuadora) se iniciou com o resgate das raízes dela. De modo gráfico, a questão da herança foi representada por aspectos manuais, pelo formato oval de fotos antigas, e pelo papel vegetal dando essa questão de uma foto antiga e esmaecida. O projeto gráfico também denuncia a ideia de recortes e retalhos a fim de traçar um paralelo com o modo como a tatuadora conta sua memórias.

FIGURA 44 - Páginas 06 e 07



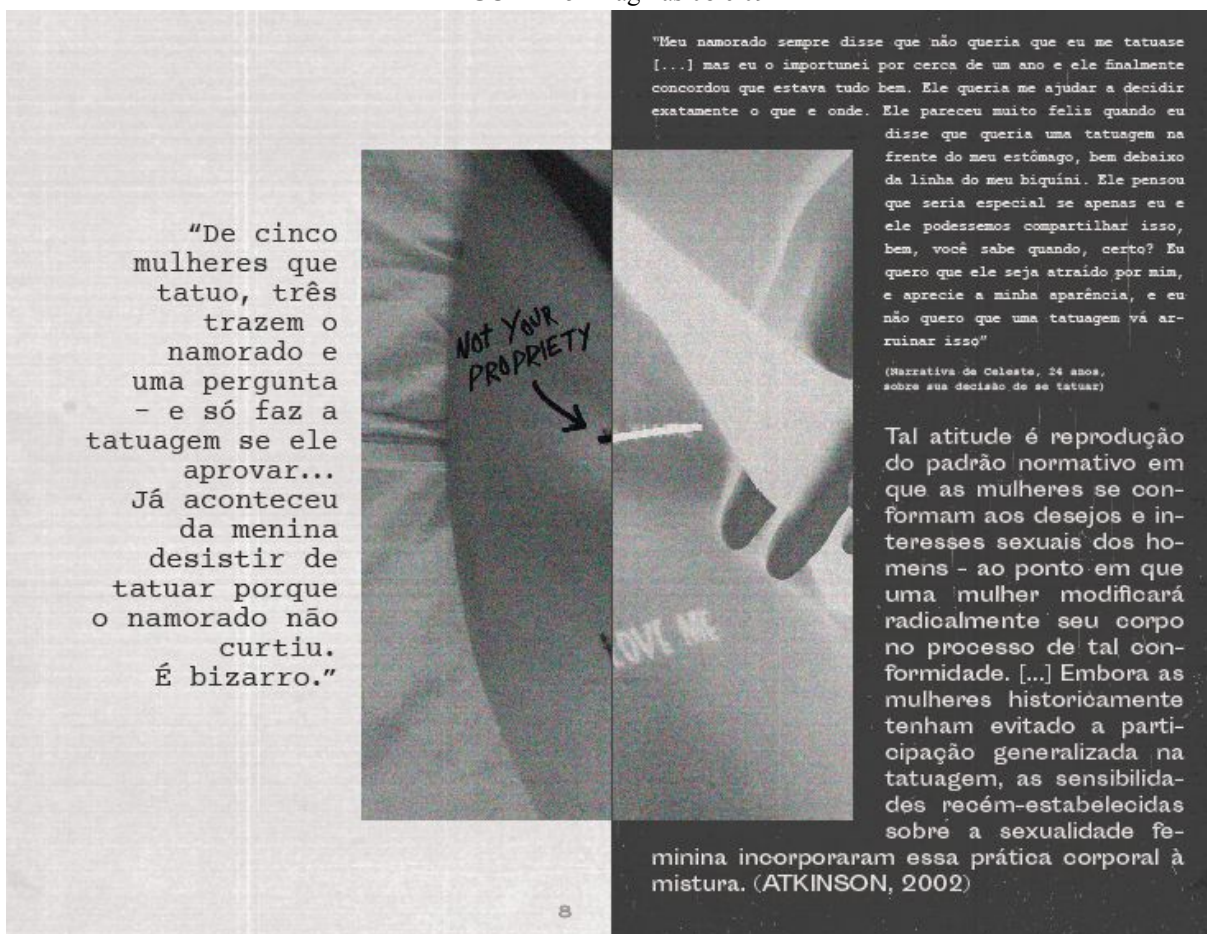
FONTE: Reprodução da autora

A terceira dupla de páginas trata do corpo. Aspectos como empoderamento e decisões sobre o próprio corpo. Nesse contexto, a tatuagem foi incorporada como a expressão de um importante espaço da luta feminista que é ressaltar a conquista do pertencimento do próprio corpo, além da auto expressão de escolhas e valores. Bandeiras a serem erguidas e carregadas permanentemente na pele. A escolha do texto sobre o corpo na imagem reforça a ideia de que o corpo é um canvas, pronto para receber novos desenhos, ideias e expressões de sua individualidade. O texto segue o corpo da tatuadora a começar por sua tatuagem; a nudez existente na imagem é trazida de forma sutil, sendo reafirmação da decisão sobre o próprio corpo mencionada pela tatuadora.

O texto localizado na parte esquerda e superior é retirado do artigo *Tattooed female bodies: Considerations from the literature* de Charlotte Dann, Jane Callaghan & Lisa Fellin

(2016), oferecendo apoio à fala da tatuadora ao mesmo tempo que é um gancho para a problemática abordada no *spread* seguinte.

FIGURA 45 - Páginas 08 e 09

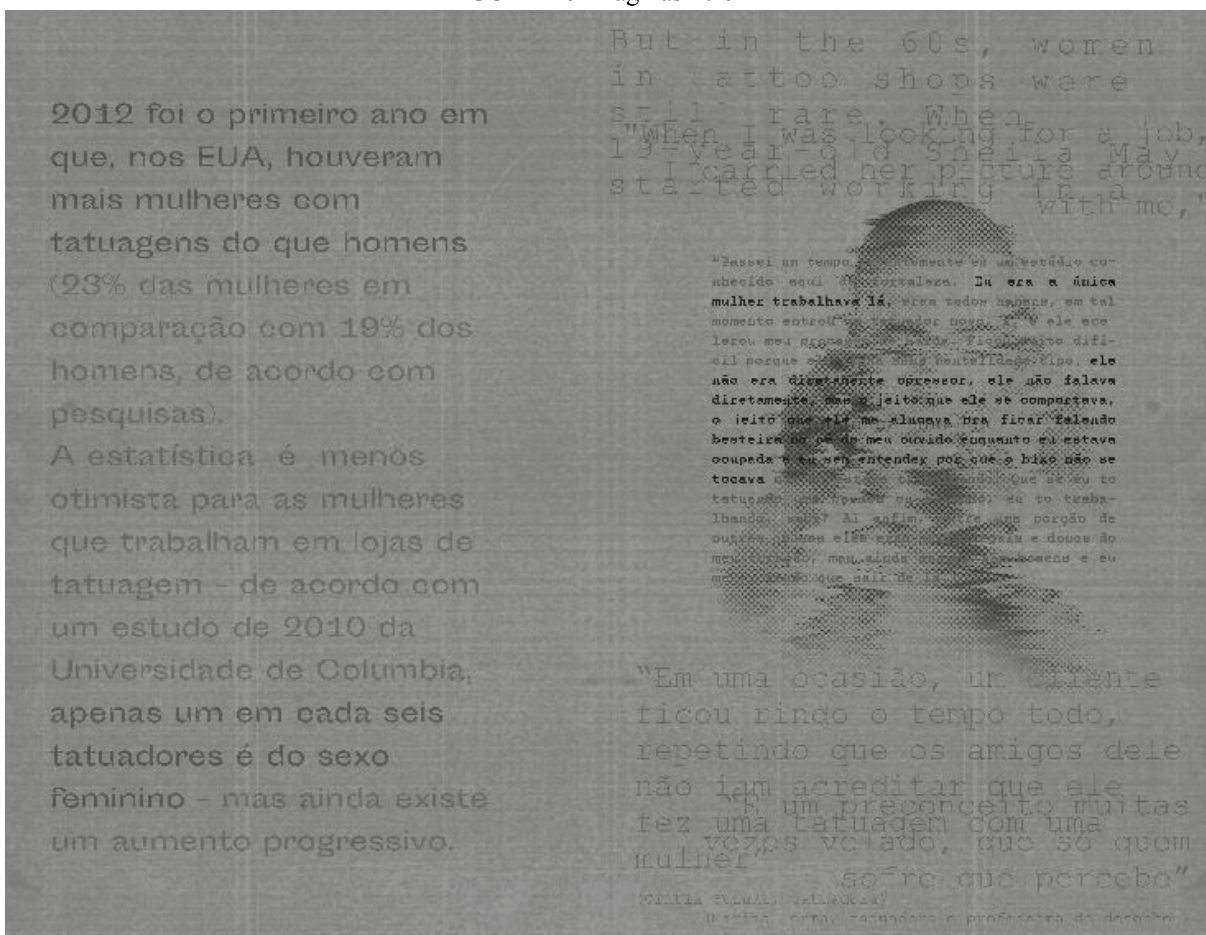


FONTE: Reprodução da autora

O próximo *spread* trata da dualidade, justamente onde existe o conflito entre a profissão dela e suas crenças. O conflito onde ela precisa se conformar a certos padrões do meio. Sobre o aspecto gráfico, trabalhou-se o contraste de cor, tamanho e quantidade de texto e também com a inversão de cores da mesma imagem em sua metade à direita. São trazidas duas opiniões diretamente opostas que abordam o poder que um parceiro ainda exerce sobre a decisão de se tatuar ou não para muitas mulheres. A fala da tatuadora sobre o estranhamento de tal controle em oposição ao testemunho de uma mulher que se conforma ao padrão social da opinião do parceiro sobre seu corpo.

Em seguida, é trazido um texto do artigo *Pretty in Ink: Conformity, Resistance, and Negotiation in Women's Tattooing* de Michael Atkinson (2002), que disserta sobre esse fenômeno em seu texto.

FIGURA 46 - Páginas 10 e 11



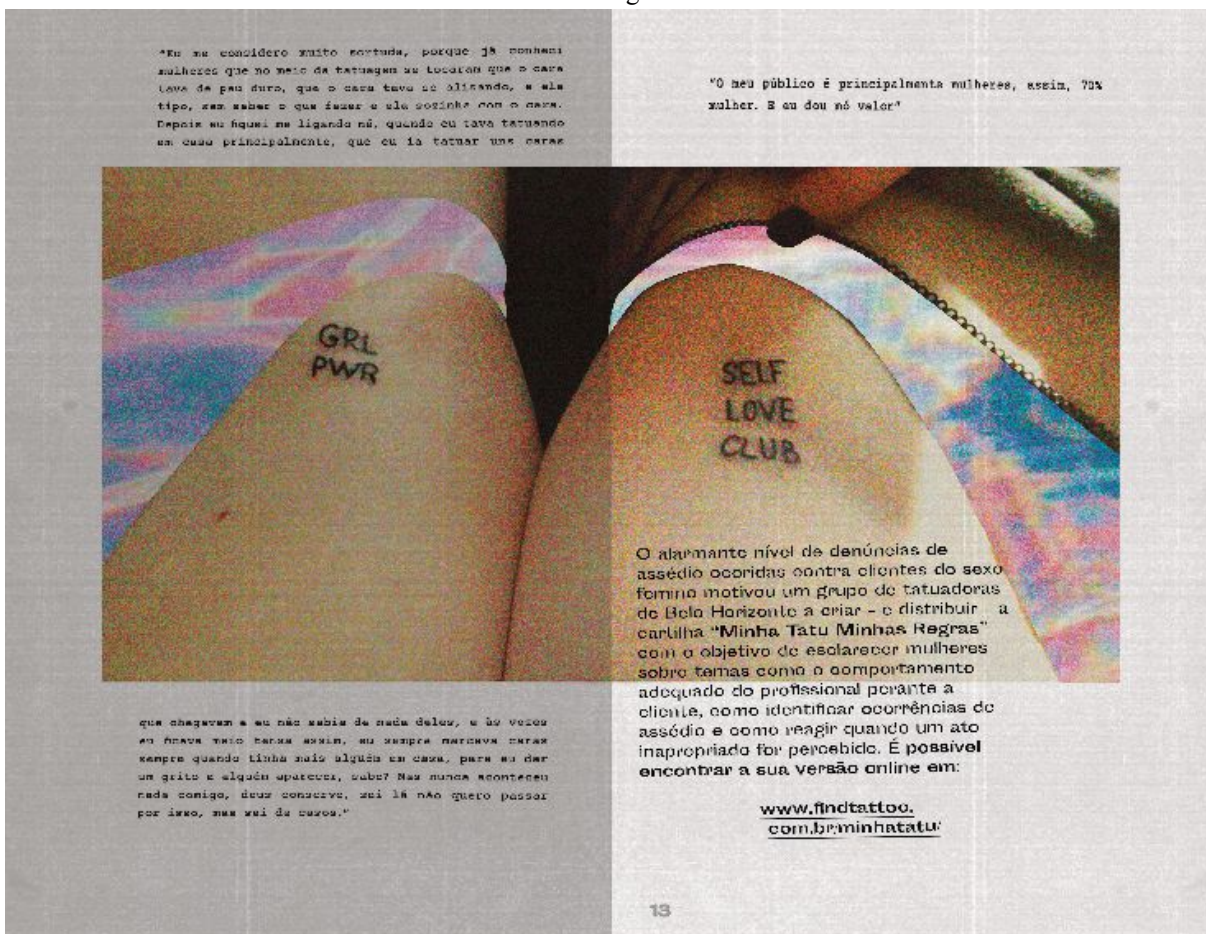
FONTE: Reprodução da autora

O quarto *spread* fala sobre nuances e solidão, sobre o fato de ser uma mulher tatuadora, o isolamento e opressão velada do meio. Por isso a cor escolhida é cinza e a imagem está não nítida, onde a mulher tem seu corpo apagado e não mostrado completo, simbolizando uma “semi-existência” da mulher tatuadora.

O texto aborda as nuances da mulher no mercado de trabalho da tatuagem. A esquerda o texto selecionado ressalta a discrepância entre maioria das pessoas tatuadas atualmente ser constituída por mulheres e a quantidade estatística de tatuadores do sexo feminino. A direita são apresentados relatos de tatuadoras que sofreram com os

desdobramentos destas estatísticas, os preconceitos velados vindos tanto de clientes quanto dos próprios colegas de profissão. A imagem sobreposta pelo texto apresenta a tatuadora cercada de mãos masculinas, sendo uma metáfora à essa opressão silenciosa que vem de todos os lados.

FIGURA 47 - Páginas 12 e 13

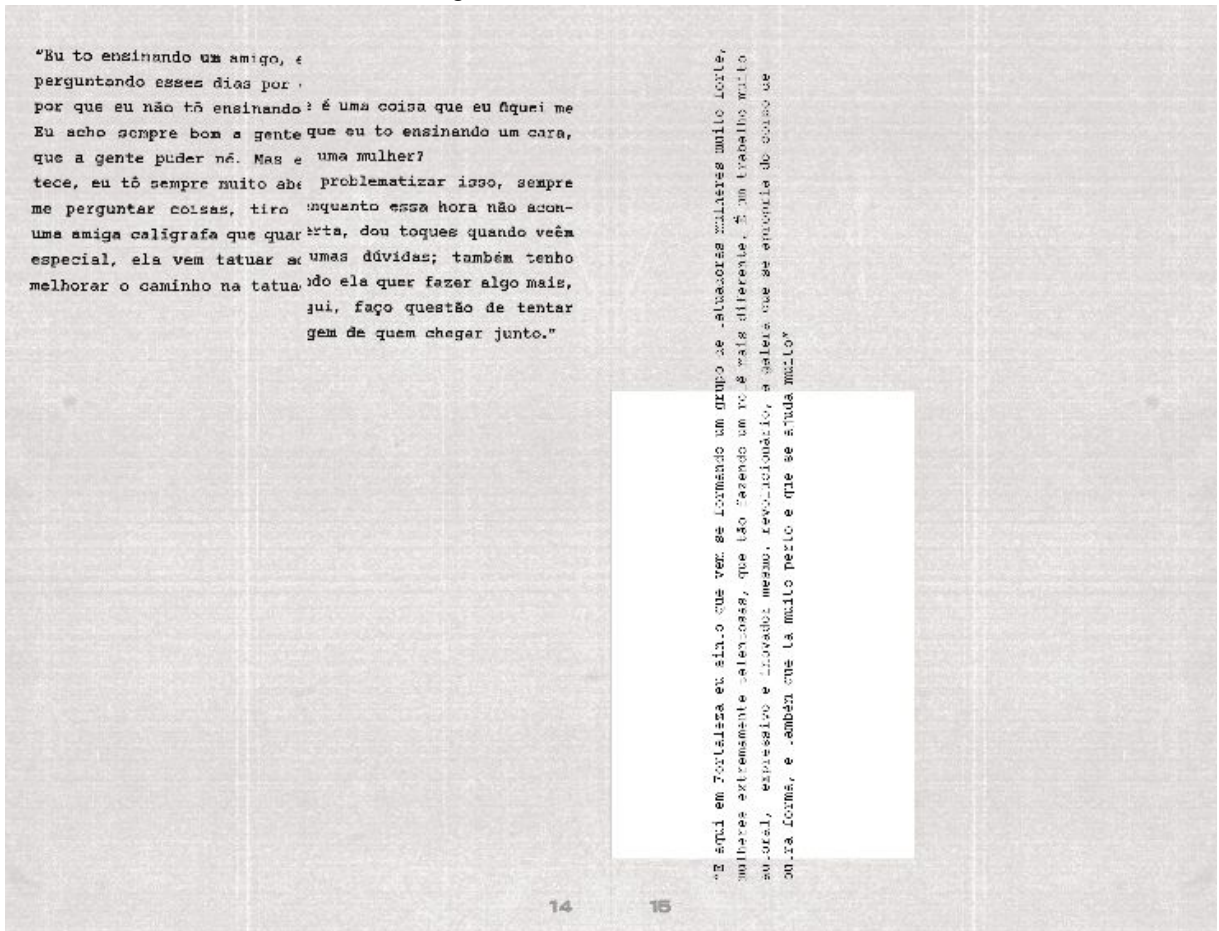


FONTE: Reprodução da autora

A quinta dupla de páginas vai do escuro para o claro, começando com as questões negativas da profissão de tatuadora e também da mulher que vai se tatuar com o homem. É a página onde o jogo começa a virar e as mulheres passam a ser cúmplices e a querer se ajudar, buscando tatuar-se com outras mulheres. A parte imagética trata de duas mulheres com tatuagens de dizeres empoderadores lado a lado, simbolizando a sororidade feminina. Ela também trata-se de um paralelo com a imagem utilizada nas páginas 8 e 9, mostrando que não é uma questão de localização da tatuagem e sim sua atitude em relação à ela. A intervenção

gráfica da fotomontagem colorida e vibrante busca reforçar a quebra ao tom mais sóbrio dos *spreads* anteriores.

FIGURA 48 - Páginas 14 e 15 com caderno tatuadoras fechado



FONTE: Reprodução da autora

FIGURA 49 - Páginas 14 e 15 com caderno tatuadoras aberto



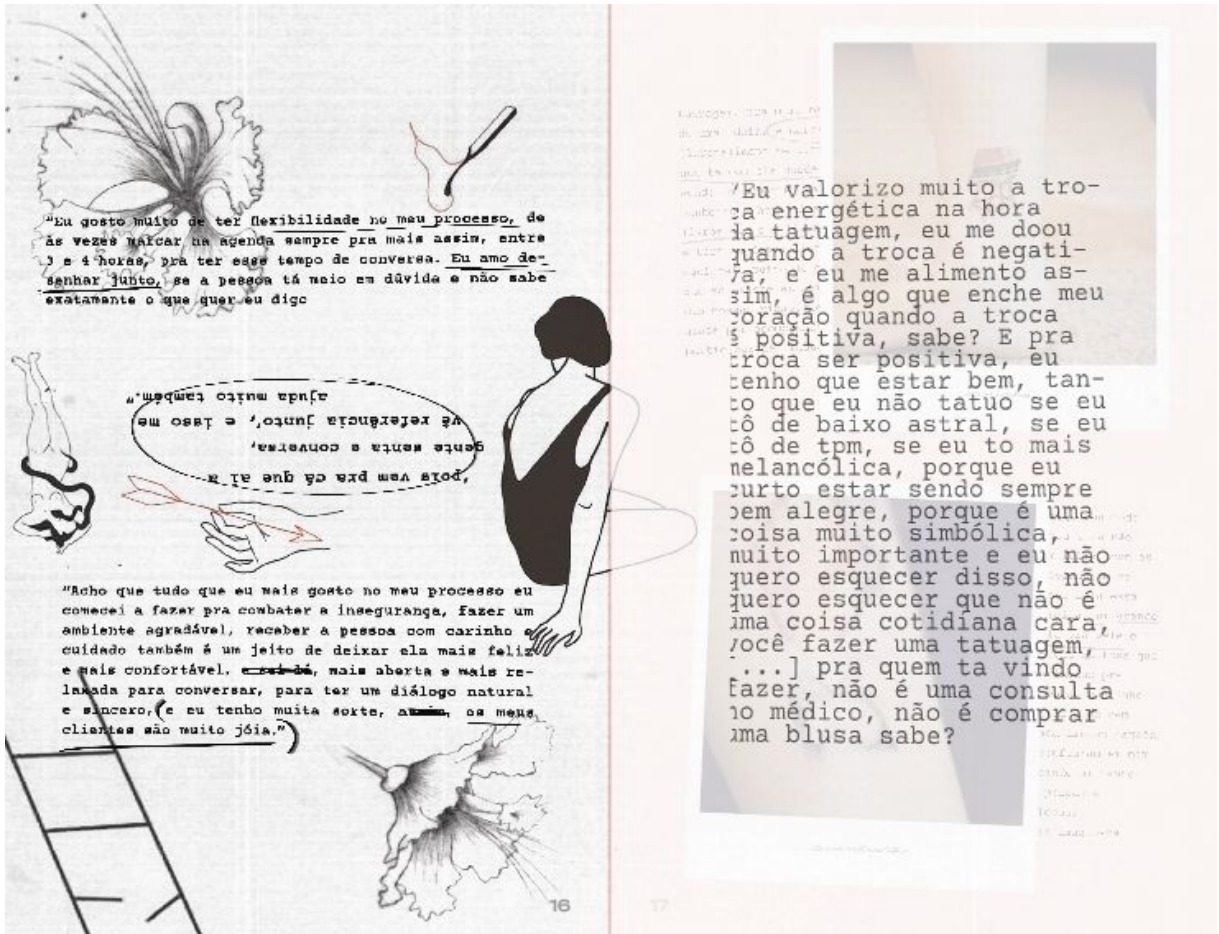
FONTE: Reprodução da autora

O próximo *spread* fala sobre a localização de Fortaleza, como a tatuadora entrevistada se sente ao ensinar outras mulheres, que ela adoraria criar essa rede de apoio. Nesse *spread* tem-se também um pequeno fôlio interno com os dados de outras tatuadoras da cidade.

A primeira fala da tatuadora aparece dividida, fazendo alusão ao seu próprio discurso que traz o questionamento sobre a mesma não ter tomado uma outra mulher como aprendiz, apesar de ter consciência sobre suas ações para incentivar e facilitar o caminho de outras tatuadoras.

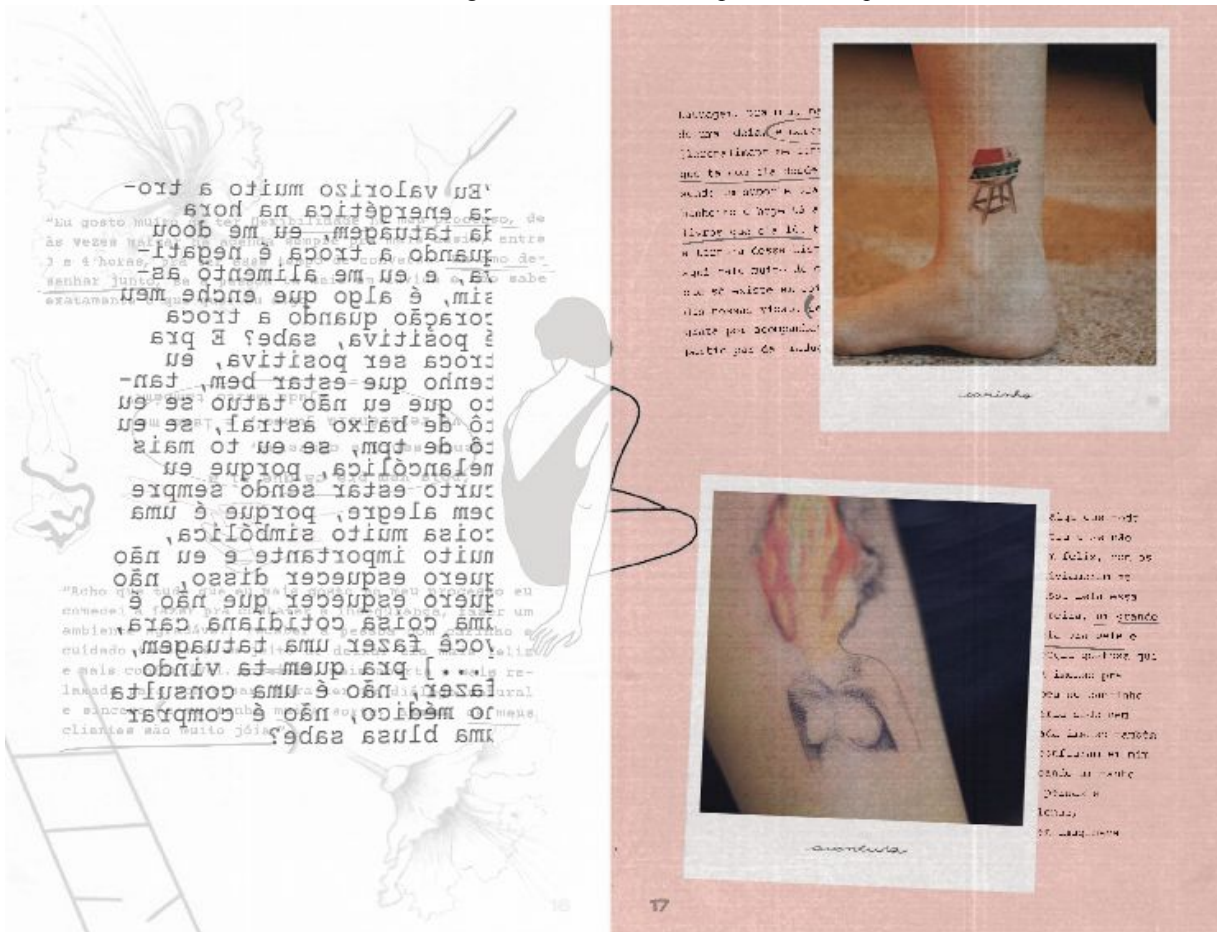
Em seguida, é apresentada uma reflexão da mesma sobre a cena de tatuadoras presente em fortaleza onde a mesma fala de forma reverente sobre as suas colegas de profissão. Essa fala aparece horizontalmente na página, sobrepondo-se em parte no fôlio interno, que se abre desdobrando, uma metáfora sobre as tatuadoras locais que são um desdobramento único da cena de tatuagem fortalezense.

FIGURA 50 - Páginas 16 e 17 com transparência à direita



FONTE: Reprodução da autora

FIGURA 51 - Páginas 16 e 17 com transparência à esquerda



FONTE: Reprodução da autora

O *spread* em questão tem como temática o processo de trabalho da tatuadora, que valoriza a troca conceitual com seus clientes, o projeto colaborativo e a história por trás de cada tatuagem. Para ilustrar estes conceitos, o *spread* é repleto de interferências manuais e desenhos de algumas de trabalhos já feitos pela tatuadora. Parte do texto e dos desenhos na página 16 encontram-se de ponta-cabeça, buscando criar uma metáfora de criação colaborativa, como se parte do conteúdo estivesse voltado a um observador localizado no lado oposto do papel.

Para a página 17, foram trazidas algumas fotografias de tatuagens finalizadas, bem como o texto postado junto à elas na rede social da tatuadora. A sobreposição da foto com o texto é utilizada como metáfora para a história por trás da tatuagem, muitas vezes contada com carinho nas legendas das fotografias de portfólio da tatuadora.

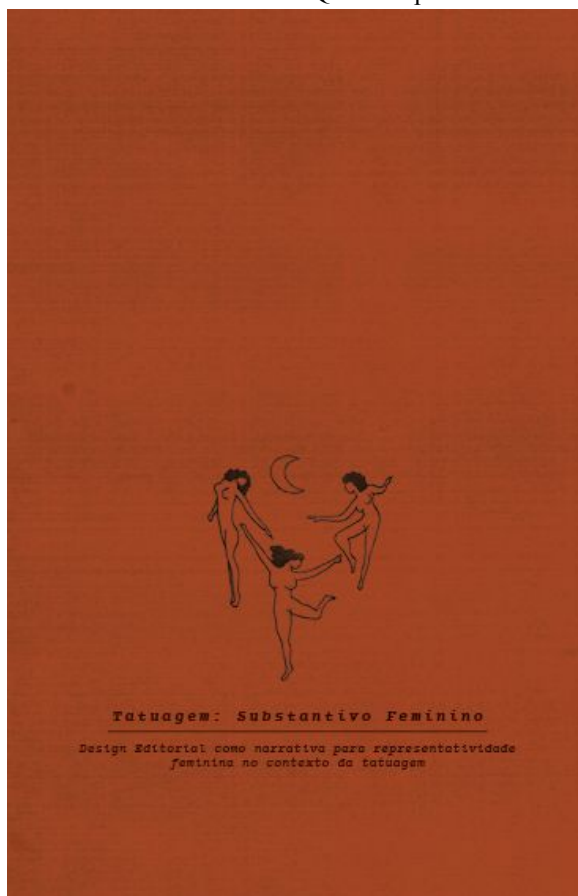
FIGURA 52 - Páginas 18 e terceira capa



FONTE: Reprodução da autora

Por fim, o último *spread* fecha um ciclo narrativo ao abordar novamente as raízes da tatuadora, desta vez trazendo como seu processo é afetado por sua origem familiar e como a mesma projeta esses costumes em seu trabalho e também em seu próprio estúdio de tatuagem, o Saara. O acolhimento e a vontade de deixar seus clientes à vontade como se estivessem em casa se desdobra na escolha de localização e ambientação do estúdio em oposição à estética tradicionalmente mais agressiva e punk comumente relacionada a estúdios de tatuagem. Graficamente isto se desdobra no rasgo realizado na fotografia do estúdio, esta intervenção manual quebra a serenidade da fotografia na busca de mostrar o discurso por trás da mesma, o posicionamento do rasgo em antítese ao movimento natural da porta do local representa como a própria tatuadora busca trabalhar contra a corrente do que se espera de um profissional de tatuagem.

FIGURA 53 - Quarta capa



FONTE: Reprodução da autora

A quarta capa da zine traz novamente seu título - acompanhado desta vez pelo título do trabalho acadêmico em questão -, localizado abaixo do desenho de uma tatuagem composta por três mulheres dançando para a lua, uma releitura de um Sabbat³⁰. Apesar de tratar-se de um rito inerente a diversas religiões - como por exemplo, a wicca -, a simbologia do Sabbat e do Coven³¹ é trazida no sentido de serem comumente entendidos como reuniões de mulheres que não se encaixam dentro da sociedade religiosa tradicional.

³⁰ Sabbat ou Sabá das Bruxas, é uma reunião daqueles que praticam bruxaria e outros ritos associados.

³¹ Coven, conventículo ou conciliábulo é o nome genérico dado a uma agregação ou reunião de bruxos para a realização de rituais religiosos e ritos.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que na história recente diversas convenções problemáticas referentes a papéis de gênero estejam sendo finalmente questionadas, ainda há um caminho considerável a ser percorrido para que as mesmas sejam devidamente superadas. O presente trabalho teve como enfoque detectar e analisar como esse processo se apresentou e ainda se apresenta no contexto relativo à tatuagem e às mídias sobre o assunto.

O maior enfoque do trabalho foi de realizar o escopo do projeto de design: uma publicação independente sobre o tema como resposta às questões levantadas durante o decorrer da pesquisa e fomentadas pela análise realizada.

A análise das revistas *Inked*, somada à pesquisa teórica realizada elucidou diversos pontos de comportamento que são recorrentes na sociedade atual, tendo essas servido como base para crítica do contexto social ao qual o projeto editorial teve como objetivo ser antítese; em segundo momento as análises de *zines feministas* realizadas elucidaram a autora para soluções projetuais utilizadas no contexto de mídias independentes e conceituais, culminando nos seguintes objetivos que guiaram a fase projetual:

1. Ser uma publicação com enfoque no público feminino;
2. Fazer uma curadoria imagética que não objetifique a figura feminina, negando subterfúgios clássicos de exposição do corpo feminino como algo pertencente ao observador;
3. Desenvolver uma publicação independente como mídia de resistência política;
4. Realizar curadoria de conteúdo, em busca de temáticas relacionadas à empoderamento feminino; buscando trazer temas voltados a estudo de gênero que possuam link com o contexto da tatuagem;
5. Desenvolver um projeto gráfico coerente com a proposta de conteúdo da publicação, tomando decisões de projeto que reflitam sobre as análises realizadas.

A resposta projetual para as diretrizes acima reforçadas foi o desenvolvimento de uma publicação-manifesto, de caráter independente, que apresentou-se como antítese ao status quo do que é considerado uma publicação sobre tatuagem. Para o desenvolvimento dessa fase, estudou-se o conteúdo recolhido e a narrativa proposta por ele a fim de gerar material para embasar o projeto gráfico e fazer com que o mesmo atingisse de forma eficiente as diretrizes propostas. A cada dupla de páginas foram conferidos temas abordados em seu texto, e o desafio projetual se deu pela necessidade de passar graficamente os conceitos e emoções únicos a cada uma dessas temáticas.

O trabalho também abordou desde as formas de impressão, formato e materiais utilizados, de forma que cada escolha reforçasse a mensagem, otimizando seu significado visual. Quanto à fotografia, buscou-se uma curadoria imagética que representasse a figura feminina sem sexualizá-la, de forma que ilustrasse a mulher no contexto da tatuagem de forma sensível e com o enfoque no olhar do feminino.

Dito isto, compreende-se que a característica mais importante desta pesquisa foi a compreensão da relação entre o estudo e atuação do design editorial e a noção de como o mesmo, junto à comunicação empregada pela mídia radical, poderia criar uma narrativa crítica sobre a representatividade da mulher no contexto da tatuagem; desdobrando-se em uma solução de projeto experimental que explora o universo pouco desbravado do estudo de gênero dentro do enredo da tatuagem.

É interessante, contudo, salientar que os estudos de gênero voltados para áreas consideradas fora do contexto *mainstream*; ainda se encontram em um número tímido, principalmente quando se procura uma perspectiva dos mesmos no campo do design, sendo uma lacuna de pesquisa considerável, principalmente diante do potencial interdisciplinar que o Design possui no cenário pós-moderno em que o mundo e se situa.

13 REFERÊNCIAS

- ATKINSON, Michael. Pretty in Ink: Conformity, Resistance, and Negotiation in Women's Tattooing. **Sex Roles**, [s.l.], v. 47, n. 5/6, p.219-235, 2002. Springer Nature.
- BEGER, John. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge Classics, 2006. Tradução Livre.
- CALDWELL, Cath; ZAPPATERRA, Yolanda. **Editorial Design: Digital and Print**. London: Laurence King Publishing Ltd, 2014.
- CAMARGO, Michelle Alcântara. “Manifeste-se, faça um zine!”: uma etnografia sobre “zines de papel” feministas produzidos por minas do rock (São Paulo, 1996-2007). **Cadernos Pagu**, [s. l.], v. 36, p.155-186, jan./jun. 2011. Semestral.
- CARDOSO, Ruth Correia Leite. **Sub-cultura: Uma terminologia adequada?** 1975.
- DETER-WOLF, Aaron et al. The world's oldest tattoos. **Journal Of Archaeological Science: Reports**, [s.l.], v. 5, p.19-24, fev. 2016. Elsevier BV.
- DOSS, Kathleen; HUBBARD, Amy S. Ebesu. The Communicative Value of Tattoos: The Role of Public Self-Consciousness on Tattoo Visibility. **Communication Research Reports**, [s.l.], v. 26, n. 1, p.62-74, 9 fev. 2009. Informa UK Limited.
- DOWNES, Julia. The Expansion of Punk Rock: Riot Grrrl Challenges to Gender Power Relations in British Indie Music Subcultures. **Women's Studies**, [s.l.], v. 41, n. 2, p.204-237, mar. 2012. Informa UK Limited.
- DOWNING, John et al. **Radical Media::** Rebellious Communication and Social Movements. Thousand Oaks: Sage Publications, Inc., 2001. 441 p. Tradução Livre.
- DUNCOMBE, Stephen. **Notes from Underground: Zines and the Politics of Alternative Culture**. 2. ed. [s. L.]: Ak Press, 2008. 252 p.
- ERLHOFF, Michael; MARSHALL, Timothy. **Design Dictionary: Perspectives on Design Terminology**. Berlin: Birkhäuser Verlag, 2008. 472 p. Tradução Livre.
- EXPLAINED - Tattoo. [s. l.]: Vox Media, 2018. (18 min.), son., color. Legendado. Série Explained.
- HAWKES, Daina; SENN, Charlene Y.; THORN, Chantal. Factors That Influence Attitudes Toward Women with Tattoos. **Sex Roles**, [s.l.], v. 50, n. 9/10, p.593-604, maio 2004. Springer Nature.

LISE, M. L. Z.; GAUER, G. J. C.; CATALDO NETO, A.. Tatuagem: Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma. **Brazilian Journal Of Forensic Sciences, Medical Law And Bioethics**, [s.l.], v. 2, n. 3, p.294-316, 2013. Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics.

MIFFLIN, Margot. **Bodies of Subversion: A Secret History of Women and Tattoo**. 3. ed. Nova York: Power House Books, 2013.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

PERES, Rafaella Lopes Pereira. Etimologia e semântica da palavra tatuagem. **Revista Universitária Ruta**, Recife Pe, v. 6, n. 8, p.1-6, jun. 2015.

PÉREZ, Andrea Lissett. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. **Mana**, [s.l.], v. 12, n. 1, p.179-206, abr. 2006. FapUNIFESP (SciELO).

RIBEIRO, Lucas Mello Carvalho; LUCERO, Ariana; GONTIJO, Eduardo Dias. **O ethos homérico, a cultura da vergonha e a cultura da culpa**. 2008. 12 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, São Paulo, 2008.

SAMARA, Timothy. **Guia de design editorial: Manual prático para o design de publicações**. 10. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011. Tradução de: Mariana Bandarra.

SCHILT, Kristen. "I'll Resist with Every Inch and Every Breath": Girls and Zine Making as a Form of Resistance. **Youth & Society**, [s.l.], v. 35, n. 1, p.71-97, set. 2003. SAGE Publications.

XXII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-SP, 2014, Santos. **Os fanzines punks: a estética agressiva, caótica e poluída (Anos 80)**. Santos: Xxii Encontro Estadual de História da Anpuh-sp Santos-2014, 2014. 11 p.